



**JUSSARA JÉSSICA PEREIRA**

**DESVELANDO O VOLUNTARIADO: PRODUÇÃO  
DISCURSIVA SOBRE O VOLUNTARIADO NO  
MEGAEVENTO ESPORTIVO RIO 2016**

LAVRAS - MG  
2017

**JUSSARA JÉSSICA PEREIRA**

**DESVELANDO O VOLUNTARIADO: PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O  
VOLUNTARIADO NO MEGAEVENTO ESPORTIVO RIO 2016**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle  
Orientadora

LAVRAS - MG  
2017

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Pereira, Jussara Jéssica.

Desvelando o voluntariado : produção discursiva sobre o  
voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 / Jussara Jéssica  
Pereira. - 2017.

131 p. : il.

Orientador(a): Mônica Carvalho Alves Cappelle.

.  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de  
Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Voluntariado. 2. Rio 2016. 3. Análise de Discurso Crítica. I.  
Cappelle, Mônica Carvalho Alves. . II. Título.

**JUSSARA JÉSSICA PEREIRA**

**DESVELANDO O VOLUNTARIADO: PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O  
VOLUNTARIADO NO MEGAEVENTO ESPORTIVO RIO 2016**

**UNVEILING VOLUNTEERING: DISCURSIVE PRODUCTION ON  
VOLUNTEERING IN THE SPORT MEGA EVENTS RIO 2016**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, para a obtenção do título de Mestre em Administração.

APROVADA em 28 de abril de 2017.

Dr. Mozar José de Brito  
Dra. Fernanda Maria Felício Macedo Boava

UFLA  
UFOP

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle  
Orientadora

LAVRAS - MG  
2017

*A eles por todo amor e carinho recebidos*  
Dedico

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pai e criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, pelo dom da vida. Agradeço à minha família: à minha Mãe (*in memoriam*), ao meu Pai e ao meu Irmão por estarem ao meu lado durante a caminhada, concedendo-me todo o apoio físico, psicológico, espiritual e material necessários para concretizar esse sonho. Agradeço à minha Avó, à minha Tia e à minha Madrinha pelas incessantes orações. Agradeço ao meu namorado por sua dedicação, amor e pela formosura de suas ações para comigo, você é lindo. A eles por todo amor e carinho recebidos.

Agradeço a toda família Arco-Íris pelo apoio e por estar de braços abertos a me receber todas às vezes quando eu chegava, sempre me encorajando com palavras de paz, alegria e conforto. Agradeço a minha amiga Jéssica por me ouvir e ajudar nas leituras críticas sobre as entrevistas realizadas. Agradeço às amigas Mariana, Joyce e Luciane pela presença constante.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que eu tivesse a oportunidade de ingressar em uma instituição pública tão estruturada, bonita e consolidada como a UFLA. Agradeço aos educadores que fizeram parte dessa caminhada desde a minha infância nas instituições: Escola Municipal Rui Barbosa, Escola Estadual Santo Antônio, Colégio São João Batista e Colégio Cenecista de Pirapora. E a UFOP por meio dos educadores que muito admiro Fernanda, Diego e Carolina vocês são minha inspiração. Agradeço ao Estado brasileiro e aos órgãos de fomento à pesquisa Fapemig e Cnpq por subsidiarem financeiramente uma parte da minha caminhada desde a UFOP até a UFLA.

Agradeço à minha orientadora, Mônica Carvalho Alves Cappelle, por me ensinar muitas coisas sobre a jornada acadêmica, mas em especial, por compartilhar sua experiência de vida comigo educando-me para a vida. Uma relação que se tornou bonita por se construída diariamente. Agradeço aos professores do PPGA UFLA Mozar, Cléria, Flávia e Antonialli, em especial o primeiro por me ensinar a enxergar os dois lados da moeda e a beleza as contradições. Agradeço a Deila pela paciência e pela boa vontade para comigo.

Agradeço as amigas que adquiri em Lavras, a toda a turma de mestrado sem nenhuma exceção, mas em especial ao Marcello e ao Douglas, ao André Dourado e ao André Paiva, à Priscila e ao Humberto. Todos os momentos com vocês foram de aprendizado e amadurecimento. Deixo expressa a minha gratidão pelo carinho recebido.

Agradeço às minhas irmãs de coração e moradia, em ordem alfabética, Ana Flávia e Thays Oliveira, que foram essenciais nessa jornada. Fui a última a sair de casa, vi primeiramente, com um aperto no coração, minha amiga Thays alçar novos horizontes. Sempre dizemos uma à outra que foi amor a primeira vista desde a graduação, somos confidentes, amigas e muitas coisas boas que não consigo sintetizar. Vi também a segunda amiga partir, a Ana Flávia, em cada caixa que ela colocava seus pertences um sentimento de solidão me abraçava, amizade, irmandade, carinho e ternura são pouco para descrever nosso sentimento, foi a primeira vez, depois de algum tempo juntas, que sabíamos que iríamos caminhar separadas dali em diante. Agradeço também a forma inesperada e espontânea que a Fernanda, nova moradora, apareceu, e sua contribuição para a minha estadia em Lavras. Agradeço a Dona Enilda pela preocupação e cuidado. Agradeço ao meu grande amigo Filipe, por todo o apoio e companheirismo. Obrigada a todos e todas que fizeram esse sonho se tornar realidade. Me sinto honrada ter podido cursar o mestrado em um lugar que me ensinou a viver a beleza em cada gesto, meu agradecimento à Universidade Federal de Lavras, meu agradecimento à Lavras.

*“Vocês que fazem parte dessa massa / Que passa nos projetos do futuro / É duro tanto  
ter que caminhar / E dar muito mais do que receber / **E ter que demonstrar sua  
coragem / À margem do que possa parecer / E ver que toda essa engrenagem / Já sente  
a ferrugem lhe comer / Êh, ôô, vida de gado / Povo marcado / Êh, povo feliz!”**  
Admirável gado novo – Zé Ramalho*

## RESUMO

O voluntariado, na maioria dos estudos sobre o tema, está associado à caridade, filantropia e assistencialismo. Não há problema algum em o voluntariado ser relacionado a tais termos, entretanto, cabe ressaltar que os conceitos que compartilham dessa semântica escondem muitas vezes, de uma forma ingênua, o interesse de outros e até mesmo o autobenefício que está ligado à atuação voluntária. O interesse de outros, no que se refere, por exemplo, à figuração de empresas capitalistas como agentes centrais da responsabilidade social entre os seus *stakeholders*. E o autobenefício, por poder ser utilizado pelo indivíduo que o pratica como um atestado de nobreza, isto é, ser uma pessoa melhor, *status* de cidadão benevolente e cumprimento do dever cívico, cristão praticante, retorno positivo no mercado de trabalho entre outras vantagens no currículo. Dessa forma, a compreensão do voluntariado somente como caridade, filantropia, assistencialismo e outras benevolências naturaliza os modos de fazer e inventar a vida social. Isso porque, essa compreensão desconsidera que o voluntariado está configurado em um processo histórico dialeticamente interconectado a outros elementos sociais que revelam os vários interesses entre as partes envolvidas. Essa naturalização reforça uma visão reducionista sobre o fenômeno, limitando-o a uma visão romantizada que lhe concede uma roupagem nobre. Este véu da nobreza mostra apenas uma face. Assim, o objetivo desta pesquisa foi desvelar o voluntariado compreendendo suas múltiplas faces e os significados representacionais da prática, a partir dos discursos sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016. Para tal empreitada, adotou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016? A investigação metodológica incluiu: análise de 13 entrevistas com voluntários olímpicos; análise de 87 postagens do grupo oficial dos voluntários em uma rede social; análise de 03 notícias retiradas do portal oficial da internet da organização do evento; e análise da Lei nº. 9.608 que dispõe sobre o serviço voluntário no Brasil. Todos esses dados formaram o *corpus* de análise para que fosse possível realizar a análise de discurso crítica pela perspectiva tridimensional de Fairclough (2001). Como principais resultados têm-se: caracterização do voluntariado em cinco abordagens sobre como o fenômeno está sendo estudado nas ciências sociais (Abordagem Funcional para a motivação ao Voluntariado; Abordagem Gestionária do Voluntariado; Abordagem Mercadológica do Voluntariado; Abordagem da Representação do Voluntariado; Abordagem Ideológica: A crítica ao “Novo Voluntariado), e a incidência de seis argumentos que compuseram a cadeia intertextual discursiva sobre a atuação voluntária no megaevento esportivo Rio 2016 (Problemas Sociais; Condição de desenvolvimento Econômico do País, Realização do Evento, Esforço individual em prol do coletivo, Acontecimento do evento, Capacidade da Sociedade Brasileira). Fez-se necessário conceber os processos sociais que envolveram a atuação voluntária nas olimpíadas, pela via das contradições e totalidade, ou seja observou-se suas particularidades sociais, ideológicas e interdiscursivas. Ressalta-se que o voluntariado é uma temática frequente e muito significativa na experiência cotidiana brasileira, o que justifica a relevância deste trabalho.

Palavras-chave: Desvelar. Voluntariado. Rio 2016. Análise de Discurso Crítica.



## ABSTRACT

Volunteering, in most studies on the subject, is associated with charity, philanthropy and assistance. There is no problem in volunteering being related to such terms, however, it should be emphasized that the concepts that share this semantics often hide, in a naive way, the interest of others and even the self-interest that is linked to voluntary action. The interest of others, as regards, for example, the figuration of capitalist companies as central agents of social responsibility among their stakeholders. And the self-benefit, because it can be used by the individual who practices it as a certificate of nobility, that is, being a better person, benevolent citizen status and civic duty, christian practitioner, positive return in the labor market among other advantages in the curriculum. In this way, the understanding of volunteering only as charity, philanthropy, welfare and other benevolences naturalizes the ways of making and inventing social life. This is because, this understanding ignores that volunteering is configured in a historical process dialectically interconnected with other social elements that reveal the various interests between the parties involved. This naturalization reinforces a reductionist view on the phenomenon, limiting it to a romanticized vision that grants him a noble dress. This veil of nobility shows only one face. Thus, the objective of this research was to unveil volunteering, comprising its multiple faces and the representational meanings of the practice, from the discourses about volunteering in the mega multi-sport event. For this work, the following research question was adopted: What is the discursive production about volunteering in the mega multi-sport event Rio 2016? Methodological research included: analysis of 13 interviews with Olympic volunteers; analysis of 87 posts of the official group of volunteers in a social network; analysis of 03 news from the official website of the organization of the event; and analysis of Law n° 9.608 which provides for voluntary service in Brazil. All of these data formed the corpus of analysis to be possible Critical Discourse Analysis from the three-dimensional perspective of Fairclough (2001). The main results are: characterization of volunteering in five approaches on how the phenomenon is being studied in the social sciences (Functional Approach to Motivating Volunteers; Management Approach to Volunteering; Marketing Approach to Volunteering; Representation Approach to Volunteering; Ideological Approach: The Critique of "New Volunteering), and the incidence of six arguments that constituted the discursive intertextual chain on voluntary action in the Rio 2016 sports mega event (Social Problems, Economic Development Status of the Country, Event Realization, Individual Effort for the Collective, Event Event, Company Capacity Brazilian). It was necessary to conceive of the social processes that involved voluntary activity in the Olympics, through contradictions and totality, that is, their social, ideological and interdiscursive particularities were observed. It should be emphasized that volunteering is a frequent theme and very significant in Brazilian daily experience, which justifies the relevance of this work.

Keywords: Unveil. Volunteering. Rio 2016. Critical Discourse Analysis.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	Objetivo Geral .....	15
1.2	Objetivos Específicos .....	16
1.3	Justificativa e Relevância .....	17
2	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	19
2.1	Abordagens sobre o voluntariado.....	20
2.1.1	Abordagem Funcional para a motivação ao Voluntariado .....	28
2.1.2	Abordagem Gestionária do Voluntariado.....	33
2.1.3	Abordagem Mercadológica do Voluntariado.....	37
2.1.4	Abordagem da Representação do Voluntariado.....	41
2.1.5	Abordagem Ideológica: A crítica ao “Novo Voluntariado”.....	42
2.2	O Voluntariado no Brasil: Aspectos Legais e Pesquisas Desenvolvidas.....	44
2.3	O Voluntariado Olímpico.....	53
2.4	Reflexões sobre Trabalho Voluntário, Serviço voluntário e Voluntariado.....	55
2.5	Sobre a Abordagem Teórico-metodológica deste Estudo: A ADC.....	58
2.5.1	Relações entre Significado Representacional e o Discurso.....	60
2.5.2	Relação Dialética entre estrutura social e discurso.....	62
2.5.3	Teoria Social do Discurso.....	63
2.5.4	Concepção Tridimensional do Discurso.....	65
2.5.4.1	Discurso como texto.....	66
2.5.4.2	Prática Discursiva.....	67
2.5.4.3	Discurso como prática social: ideologia e hegemonia.....	68
2.5.4.4	Mudança Discursiva.....	71
3	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	72
3.1	Natureza de pesquisa.....	73
3.2	Composição do Corpus de Análise.....	73
3.2.1	Caracterização dos sujeitos de pesquisa.....	74
3.2.2	Descrição das Postagens do Grupo do <i>facebook</i> .....	75
3.2.3	Descrição das Notícias Disponíveis no Portal do Evento.....	76
3.2.4	Descrição da Lei do Voluntariado de 9.608 de 18 de fevereiro de 1998.....	77
4	<b>ANÁLISE TRIDIMENSIONAL DO DISCURSO</b> .....	77
4.1	Prática Social.....	78
4.1.1	Efeitos ideológicos e políticos do discurso.....	79
4.1.2	Matriz Social do Discurso.....	84
4.1.3	Ordens do Discurso.....	91
4.2	Prática Discursiva.....	93
4.2.1	Condições da produção textual: Interdiscursividade.....	94
4.2.2	Condições da produção textual: Intertextualidade Manifesta.....	94
4.2.3	Distribuição textual.....	96
4.2.4	Consumo do texto.....	99
4.3	Prática Textual.....	99
4.3.1	Controle Interacional.....	99
4.4	Mudança Social.....	108
5	<b>CONCLUSÕES</b> .....	109
6	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	116

## 1 INTRODUÇÃO

O voluntariado, frequentemente, visto como um ato de caridade, filantropia ou até mesmo assistencialismo, na contemporaneidade, pode suscitar vários outros aspectos que o tornaram constitutivo de múltiplas faces, a saber: o tempo dedicado a esse tipo de trabalho (intensidade restrita, intensidade ampla, ocasional ou regular), a instituição a que se vincula (formalizado ou espontâneo e informal), o desempenho de cada voluntário (operacional, planejamento, direção ou execução) (MARCOS, PARENTE E AMADOR, 2013).

De maneira similar, essas múltiplas faces também suscitam uma gama de intencionalidade a cada ação, que são expressas nas mais diversas possibilidades de se tornar um voluntário, como, por exemplo: o voluntariado filantrópico, o voluntariado empresarial, o voluntariado turístico, a docência voluntária, o voluntariado em mega-eventos (como o voluntariado olímpico que é o eixo da discussão aqui desenvolvida), entre outros. Pode-se notar essa multiplicidade de abordagens até mesmo em perspectivas teóricas nas quais o tema vem sendo observado por cientistas sociais, entre elas, abordagens funcionais e motivacionais, gestionárias, mercadológicas, representacionais e/ou ideológicas.

Ortiz (2007) afirma que as ações voluntárias estão presentes no cotidiano dos seres humanos desde a criação de diversas sociedades, o que marcou, historicamente, sua experiência com a modernidade. Desde então, seu conceito e significado, bem como sua forma de intervenção social foram se modificando, o que culminou no surgimento do “novo voluntariado”, marcado pela consolidação dos espaços de poder, segmentos sociais, força de trabalho, interesses conflitantes, todos eles inseridos em contexto econômico neoliberalista (LANDIM, 1993; LIMA 2010).

Na sociedade brasileira, por exemplo, o voluntariado passou a representar, entre outras coisas, o exercício da cidadania, a responsabilidade da sociedade civil pelo bem comum, a opção por ações imediatas e eficazes no que se refere ao enfrentamento dos problemas sociais. Assim, a busca por uma sociedade justa e igualitária, sem a exploração do homem pelo homem, torna a cultura voluntariado, sem dúvidas, um objetivo a ser alcançado por diversas sociedades e pessoas que comungam dos princípios de igualdade e justiça. Comutando, deste pensamento, convém relatar a célebre frase de Ernesto Guevara, presente em um monumento em Havana, capital de Cuba, “el trabajo voluntario es una escuela creadora de conciencia, es el esfuerzo realizado por la sociedad y para la sociedad como un aporte individual y colectivo” (BONFIM, 2010).

Todavia, ainda segundo Bonfim (2010) o pensamento de Ernesto Guevara sobre o trabalho voluntário, dependerá da sociedade em que o mesmo for instaurado, isto é, qual a direção política dada ao voluntariado em cada sociedade e em um determinado momento histórico. Assim, em algumas sociedades ele pode representar a promoção de mudanças significativas em termos de desenvolvimento social e cultural, como foi o caso de Portugal que diminuiu significativamente o analfabetismo funcional da população, enquanto em outras ele pode representar a cooptação de valores, como a solidariedade, motivações individuais de ordem religiosa, situações de desemprego ou filantropia, pela lógica capitalista necessária para estabelecer um consenso de intervenção social.

Isto sugere que a cooperação para resolver as questões de desigualdade em nível comunitário, promove a participação cidadã na busca por soluções dos problemas locais e contribuem para consolidar instituições que tenha, entre outros atributos, a credibilidade, a legitimidade e a capacidade técnica gerencial (CORULLÓN e MEDEIROS FILHO, 2003). Dessa forma, existem elementos do voluntariado que são particulares a uma determinada sociedade e determinada época, tendo como base as motivações ideológicas e políticas que a sustentam.

Autores como Marta, Pozzi e Marzana (2010) destacam que o voluntariado foi definido como um comportamento contínuo, planejado e social que beneficia os outros e ocorre no contexto organizacional. Dessa forma, os voluntários geralmente são definidos como pessoas que frequentemente procuram ajudar os outros e que despendem consideráveis quantidades de tempo para a possibilidade de se voluntariar. Cabe ressaltar que a extensão e o grau de envolvimento nas atividades voluntárias são particulares e se encaixam de acordo com a demanda pessoal.

Ainda que os termos caridade e filantropia estejam imbricados em algumas demarcações conceituais sobre o voluntariado, atualmente, essa prática também pode suscitar aspectos relacionados a aquilo que Michel Foucault intitulou de “técnicas de si” (ORTIZ, 2007, p. 13). Essas técnicas de si significam a decodificação de si mesmo e, segundo Foucault (1988, p. 785), permitem aos indivíduos efetuarem sozinhos, ou com a ajuda de outros, operações sobre seus corpos, suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser. Enfim, de transformarem-se para atender a certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade, podendo significar estratégias de sobrevivência para enfrentar as dificuldades da vida.

Paralelamente a isso, decorreu-se uma visão romantizada do termo que escondeu, muitas vezes de uma forma ingênua, o interesse de outros e até mesmo o autobenefício que

está ligado a essa prática. O interesse de outros, no que se refere, por exemplo, à figuração de empresas capitalistas como agentes centrais da responsabilidade social entre os seus *stakeholders*. E o autobenefício, por poder proporcionar ao indivíduo que o pratica a sensação de ser uma pessoa melhor do que as outras.

Todavia, a discussão que aqui se propõe não se refere às motivações para o exercício do serviço voluntário, tão pouco às “técnicas de si” vistas como estratégias de sobrevivência do indivíduo. Neste trabalho, faz-se referência às várias formas de se fazer o voluntariado e como elas contribuem para a sua ressignificação. Portanto, a questão central desse estudo é **qual a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016?**

Como tese, acredita-se que a compreensão do voluntariado como caridade, filantropia, assistencialismo e outras benevolências naturalizou, portanto, os modos de intervenção social configurados em um processo histórico, dialeticamente interconectado a outros elementos sociais, o que imputou ao indivíduo a responsabilidade e o destino de sua ação social. Relaciona-se à imagem do voluntário o *status* de cidadão e o cumprimento do dever cívico, cristão praticante, cujo retorno positivo pode se dar pela maior facilidade de acesso ao mercado de trabalho, na forma de vantagens no currículo para aqueles que ainda não possuem experiência, pela manutenção de vínculos profissionais, ou, ainda, como uma forma de remuneração simbólica para empregados, desempregados ou subempregados. Essa naturalização concebe uma visão reducionista sobre o voluntariado, limitando-o à uma visão romantizada que lhe concede uma roupagem nobre. Esta suposta nobreza mostra apenas uma face, perdem-se as contradições e os modos como esses discursos sobre a imagem nobre do voluntário são investidos em favor dos grupos hegemônicos (um *modus operandi*: voluntariar por uma causa e ter retorno no mercado!). Assim, terrenos férteis para a atuação do voluntariado como o trabalho, a religiosidade, a cultura, o esporte, o lazer, as crenças podem se tornar espaços de cooptação da força de trabalho voluntário, quando se investe as representações discursivas sobre o voluntariado em favor da ideologia que permeia os grupos hegemônicos.

Bonfim (2010), a partir de uma perspectiva marxista, destaca que, embora seja observada uma maior participação de voluntários nas chamadas OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), pode-se encontrar facilmente o “trabalho” voluntário no setor estatal (amigos da escola, por exemplo) e também no voluntariado empresarial (projetos, fundações, etc), em que funcionários de empresas privadas desenvolvem atividades voluntárias em projetos sociais financiados pelas próprias empresas.

São exemplos de organizações que se destacam por exercerem trabalho de voluntariado no Brasil: Associação Brasileira Comunitária para Prevenção do Abuso de Drogas (ABRAÇO); Alcoólicos Anônimos (AA); Centro de Valorização à Vida (CVV) de prevenção ao suicídio; Movimentos Pastorais de discussão sobre as realidades regionais e articulação política da sociedade; Sociedade São Vicente de Paulo de proteção aos marginalizados; e as próprias Comunidades eclesiais de base (CEB) que representam um movimento de resistência à opressão muitas vezes exercida pelo tradicionalismo cristão. Esse último movimento, encorajado pela teologia da libertação, buscou respeitar as expressões de vivência dos habitantes latino-americanos, bem como encarar de modo positivo suas crenças e modos de organização.

A década de 1990 marcou o contexto social brasileiro com o surgimento da “cidadania empresarial” e também com o crescimento do “papel social das empresas”. Naquela época, as empresas passaram a programar ações sociais, pois havia um pensamento de que o Estado sozinho não seria capaz de cumprir com as obrigações sociais (GOLDBERG, 2001; MASCARENHAS, ZAMBALDI e VARELA, 2013). Para Silva, Miranda e Diniz (2012), empresas com responsabilidade social também aumentam expressivamente suas receitas fiscais, por meio do aumento de vendas ocasionadas pelo marketing social e isenção de impostos.

Destarte, compreende-se que várias são as formas de organização do trabalho voluntário, como, por exemplo, o voluntariado empresarial, que busca viabilizar a atuação social das empresas por meio da atuação social voluntária de seus funcionários (MASCARENHAS, ZAMBALDI e VARELA, 2013). De acordo com Fischer e Falconer (2001), o programa de voluntariado empresarial se caracteriza como uma iniciativa formal da empresa que evoca a participação facultativa dos empregados sem qualquer remuneração. São, portanto, empresas privadas que atuam de maneira direta criando fundações e institutos para o desenvolvimento de ações sociais (GARAY, 2001).

Existe, inclusive, o Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial, cujo objetivo é formar “uma rede de empresas, institutos ou fundações empresariais que desenvolvem ou pretendem desenvolver programas de voluntariado empresarial” (CBVE, 2016). Fazem parte desse conselho grandes empresas, tais como: Banco Bradesco, Banco Itaú, Gerdau, Camargo Correa, Shell, PWC, CEMIG, entre outras.

Uma vez imersa na sociedade neoliberal, onde subjaz a primazia da subsunção de diversas práticas à Economia, observa-se a mobilização de novos atores sociais, a uma “suposta autônoma sociedade civil, na constituição de um pretense independente Terceiro

Setor” [em que] as empresas e o empresariado apresentam-se como um destes novos atores sociais”, para Groppoo (2007, p.143), empresas e empresariado não deviam fazer parte do Terceiro Setor junto a uma sociedade civil solidária, pois “a princípio, eles não deveriam compor – já que pertenceriam ao segundo setor, a saber, o mercado” (GROPOO, 2007, p. 143). Na busca por maiores retornos financeiros, o empresariado se mostra um investidor das causas sociais. Ao disponibilizar seus recursos humanos e financeiros por uma causa social, a empresa tem a oportunidade de aumentar expressivamente as receitas fiscais da empresa por adotar um projeto de “responsabilidade social”.

Diante do que foi explanado nota-se que existem múltiplas formas que o voluntariado pode se manifestar empiricamente seja no terceiro setor, nas empresas privadas, nos órgãos públicos, ou até mesmo em ações isoladas não vinculadas a uma instituição, que também podem ser caracterizadas como voluntariado, portanto, o objetivo foi explorar essas múltiplas formas. A investigação incluiu análise de 13 entrevistas com voluntários olímpicos; análise de 87 postagens do grupo oficial dos voluntários em uma rede social; análise de três notícias retiradas do portal oficial da internet da organização do evento; e análise da Lei 9.608 que dispõe sobre o serviço voluntário no Brasil.

Dessa forma, esta pesquisa foi dividida em seis partes, a primeira se refere a esta introdução, a segunda se refere à descrição do referencial teórico levantado sobre a temática e a demarcação da mesma em correntes teóricas, nas quais o fenômeno está sendo estudado nas ciências sociais. A terceira parte se refere ao caminho metodológico percorrido para responder a pergunta de pesquisa levantada nesta empreitada, na quarta foram efetuadas as análises do *corpus* de pesquisa, por meio da Análise de Discurso crítica conforme Fairclough (2001). Na quinta parte foram tecidas as conclusões desta pesquisa e na sexta e última parte elencou-se a bibliografia utilizada.

## **1.1 Objetivo Geral**

A prática do voluntariado não é recente, longe disso, remonta a criação de diversas sociedades. Desde então, seu conceito e significado vem se modificando e, o número de instituições e agentes envolvidas com essa prática se ampliando, com bases diferentes de financiamento, diversificando sua capacidade de intervenção social. Nesta perspectiva, surge o “novo voluntariado”, marcado pela consolidação dos espaços de poder, segmentos sociais, força de trabalho, interesses conflitantes, inseridos no contexto estrutural do capitalismo (LANDIM, 1993; LIMA, 2010).

Esse “novo voluntariado” é constitutivo de múltiplas faces e, segundo Lima (2010), é encarado não por sua suposta pureza, mas por sua ação social, plural e contraditória, como é proposto pelo paradigma da dádiva<sup>1</sup>. Neste, o voluntariado é visto em sua complexidade, sendo simultaneamente imbuído de racionalidade instrumental e substantiva, de egoísmo e solidariedade, de interesse e desinteresse, obrigação e liberdade. As múltiplas faces atribuídas a esse fenômeno, portanto, correspondem às várias formas de como essa prática se manifesta empiricamente, ou seja, no voluntariado empresarial, voluntariado olímpico, voluntariado em megaeventos, docência voluntária, voluntariado em instituições filantrópicas, entre outros.

O objetivo geral deste trabalho é **acessar a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento Rio 2016, por meio das categorias analíticas de significado representacional presente na interdiscursividade e na representação dos atores sociais propostas por Fairclough (2001)**. Buscou-se compreender a construção discursiva do voluntariado, a partir do seu sentido representacional, analisando o emprego de formas linguísticas particulares que contribuem para a ressignificação eminente nas múltiplas faces desse fenômeno na contemporaneidade. Assim, o acesso ao significado representacional se dará por meio das categorias analíticas de interdiscursividade e representação dos atores sociais proposta por Fairclough (2001).

## **1.2 Objetivos Específicos:**

- I. Caracterizar o voluntariado em conceitos teóricos e nas várias formas como ele se manifesta empiricamente;
- II. Analisar o discurso sobre o voluntariado olímpico a partir de postagens de redes sociais e notícias oficiais do evento;
- III. Analisar o discurso sobre o voluntariado olímpico a partir de entrevistas com os voluntários do megaevento Rio 2016.
- IV. Analisar quais os aspectos legais que o Estado Brasileiro dispunha sobre o serviço voluntário;

---

<sup>1</sup> O paradigma da Dádiva teve sua origem na antropologia, sendo o seu maior expoente Marcel Mauss, por meio de seu ensaio sobre a Dádiva. Todavia, ainda não há, nas ciências sociais, um consenso sobre sua caracterização como paradigma, muitos a denominam como Teoria da Dádiva ou Teoria do Dom, que se baseia no princípio tripartite de Dar, Receber e Retribuir. Princípios tais que permeiam as trocas que ocorrem nas sociedades tradicionais. Tal vertente pretende, então, superar a dicotomia existente nas ciências sociais entre o paradigma individualista e holismo metodológico (BERTOLIN e BURKOWISK, 2013).



- V. Analisar o significado representacional como recurso para o estudo da natureza social, ideológica e interdiscursiva da prática do voluntariado.

### **1.3 Justificativa e Relevância**

Discutir o voluntariado num contexto dominado pelo modo de produção capitalista e na área da Administração, fortemente permeada por uma lógica gerencialista, traz desafios ligados a desvelar questões muitas vezes negligenciadas ou não percebidas acerca do tema, como por exemplo, a espontaneidade e a não obrigatoriedade da atuação voluntária, a excessiva profissionalização e a cooptação dessa força de trabalho, questões morais e éticas entre outros;

Como afirma Wilson (2012), o voluntariado, nos últimos tempos, vem assumindo um legítimo lugar no cerne das ciências sociais, não estando relegado a um inconseqüente busca por prazer, mas por sua importância na vida cotidiana que também pode ser expressa em fatos como o da sociedade Portuguesa ter diminuído significativamente o analfabetismo funcional da população por meio do voluntariado (BONFIM, 2010).

Segundo o IBOPE Inteligência (2011) - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - em uma pesquisa encomendada pela RBV (Rede Brasil Voluntário) em comemoração a década do voluntariado, no Brasil os voluntários representam 18% da população, ou seja, dois em cada dez brasileiros fizeram esse tipo de trabalho no ano de 2011. O estudo é um retrato do voluntariado no Brasil 10 anos após o AIV – Ano Internacional do Voluntário em 2001, data esta definida pela ONU. Como resultados do perfil dos voluntários têm-se que 53% eram do sexo feminino, com idade média de 39 anos, a maioria pertencentes à classe C, casadas e com filhos, trabalhavam em tempo integral, com escolaridade até o ensino médio completo.

Dos voluntários que declararam ter cursado ou estar cursando o ensino superior, os cursos de ciências sociais aplicadas e ciências humanas são os que aparecem com maior frequência, estando o curso de Administração em primeiro lugar, o curso de Direito em segundo e em terceiro o curso de Pedagogia (IBOPE, 2011).

Outra pesquisa que traz dados numéricos sobre o voluntariado no Brasil é uma pesquisa realizada pelo Datafolha em setembro de 2001, na qual foram entrevistados 2.830 brasileiros, e 83% destes declararam que o trabalho voluntário é muito importante para o Brasil, ao passo que 12% atribuíram pouca importância e 2% atribuíram nenhuma

importância. Entretanto, 73% declararam que nunca participaram como voluntário de nenhuma instituição ou campanha (DATAFOLHA, 2016).

Em 2014, outra pesquisa realizada pelo Datafolha, encomendada pela Fundação Itaú Social, ouviu 2.024 pessoas em 135 municípios apresentando os seguintes resultados: 51% dos que realizavam trabalho voluntário eram homens e 49% eram mulheres, sendo que metade destes possuía ensino superior completo e dois em cada cinco eram pertencentes às classes econômicas AB. Apenas 28% das pessoas já participaram de algum trabalho voluntário e 11% continuam atuando neste tipo de iniciativa. Isto significa que 3 em cada 10 pessoas já realizaram ações voluntárias ao longo de sua vida.

Diante das pesquisas supracitadas notam-se como os dados sobre o voluntariado no Brasil ainda são incipientes. Soares (2014), em seu trabalho sobre a oferta do trabalho voluntário no Brasil, declara que na última década foram realizados diversos esforços para mensurar o número de brasileiros que trabalham voluntariamente. Entretanto, os resultados não são conclusivos. A autora baseou sua pesquisa na literatura econômica que analisa a oferta de trabalho voluntário como decisão de consumo. Segundo ela há duas linhas de pesquisa, uma que trata a decisão de ofertar o trabalho voluntário como um investimento em capital humano e outra que explora sua relação com o fornecimento de bens públicos pelo governo, o que inclui aumentar a provisão de bens públicos disponíveis para a sociedade.

Entre as possíveis contribuições deste estudo podem-se citar as contribuições acadêmicas, em especial aos Estudos Organizacionais e contribuições à Sociedade:

- ✓ Contextualizou a pesquisa em voluntariado;
- ✓ Demarcou conceitos e abordagens teóricas que foram sustentadas na produção acadêmica sobre o tema;
- ✓ Argumentou em favor de uma consciência lingüística para compreender as mudanças nas práticas discursivas que permeiam a atuação voluntária;
- ✓ Propôs um marco legal na Lei do Voluntariado nº 9.608, com o intuito de que a lei supra com as lacunas que tornam o voluntariado impotente e frágil perante atitudes de cooptação, alienação e apropriação de sua força de trabalho pelos grupos dominantes.

Enfim contribuiu com as ciências sociais aplicadas em descaracterizar o voluntariado como um fenômeno seccionado entre benevolência ou interesses pessoais, altruísmo ou egoísmo, assistencialismo ou filantropia, profissional ou informal, tempo produtivo ou tempo livre, entre outros, já que cada vez mais essas características se vinculam e transbordam, sendo difícil até mesmo separá-las.

O esforço que se pretendeu foi encarar a importância do voluntariado para os Estudos Organizacionais e para a sociedade Brasileira, reconhecendo sua frequência e significação na experiência cotidiana dos sujeitos comuns, estando presente em várias esferas da vida humana, na mídia falada e escrita, nos portais da internet, no trabalho entre outros.

É necessário reconhecer o fenômeno não como um objeto de estudo que corresponde às demandas unilaterais monopolizadas por interesses antagônicos entre o capital e trabalho, o que explica boa parte da crescente profissionalização desta prática, mas como prática cotidiana significativa aos modos de organização social que é fruto da prática social que representa os modos de viver dos sujeitos e da coletividade.

E, conforme salienta Bonfim (2010) o interesse pelo tema em questão, torna-se explicável tanto pela importância atribuída ao tema na atualidade, quanto sua presença no cotidiano por meio da mídia escrita e falada, sítios e portais da internet, no trabalho entre outros. Destarte, o voluntariado passou a representar entre outras coisas, o exercício da cidadania, a responsabilidade da sociedade civil brasileira pelo bem comum. Tornou-se a opção por ações imediatas e pragmáticas para enfrentar os problemas sociais.

## **2REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste segundo capítulo apresenta-se a fundamentação teórica que sustentou esse estudo, explorando tanto as abordagens sobre voluntariado na pesquisa em ciências sociais, quanto o aporte teórico-metodológico que subsidiou a compreensão do problema a ser investigado.

Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura com o objetivo de mapear e conhecer o que está sendo publicado sobre o voluntariado, tanto na literatura nacional como internacional. A busca na literatura nacional envolveu visitas aos sites dos principais periódicos e eventos em Administração. Já na literatura internacional os termos usados para a busca de artigos foram as palavras-chaves “*volunteering*” e “*volunteer*” nas bases de dados *Science Direct*, *Scopus*, e *Emerald Insights*, efetuadas no ano de 2016. Destarte, buscou-se apresentar e discutir a teoria e pesquisa em voluntariado, e assim também resgatar e compreender os aspectos silenciados pela ideologia capitalista, historicamente situada na sociedade contemporânea que trouxeram a tona às várias formas como o voluntariado pode ser percebido empiricamente.

Com o intuito de embasar as análises pretendidas junto ao objeto em questão, apresenta-se, ainda neste capítulo, a abordagem teórico-metodológica deste estudo que é a Análise Discurso Crítica segundo a perspectiva Tridimensional de Fairclough (2001). Essa abordagem permitirá compreender as condições de produção e consumo do discurso sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016, acessando o significado representacional por meio das categorias de interdiscursividade e representação de atores sociais.

O capítulo está subdividido em quatro grandes partes que compreendem:

- (1ª) Abordagens sobre o voluntariado – decomposta em linhas de pensamento pela qual o tema vem sendo pesquisado pelos cientistas sociais, quais sejam: a) Abordagem funcional para a motivação ao voluntariado, b) Abordagem gestonária sobre voluntariado, c) Abordagem mercadológica sobre voluntariado, d) Abordagem da representação do voluntariado, e) Abordagem ideológica: A crítica ao “novo voluntariado”.
- (2ª) O voluntariado no Brasil: aspectos legais e pesquisas desenvolvidas;
- (3ª) Reflexões iniciais sobre trabalho, trabalho voluntário e voluntariado como intensificação do trabalho formal; e
- (4ª) Sobre a Abordagem Teórico-metodológica deste Estudo: A ADC – decomposta em a) Relações entre significado representacional e o discurso e b) Relação dialética entre estrutura social e discurso.

A seguir foram caracterizadas as abordagens percebidas pela pesquisadora desta dissertação nos estudos acadêmicos sobre o voluntariado.

## **2.1 Abordagens sobre o voluntariado**

Nos últimos quarenta anos, desde a publicação seminal “*Voluntary action and voluntary groups*” de autoria de David Smith (1975) a prática do trabalho voluntário assumiu um legítimo lugar no cerne das ciências sociais, não mais relegada ao status periférico de uma busca inconsequente por lazer ou disseminada como uma raridade em um mundo marcado, em grande parte, para a persecução do interesse próprio. Tal publicação foi inicialmente intitulada de “*Voluntary participation,*” daí em diante as teorias se tornaram mais sofisticadas, com métodos de pesquisa mais refinados e dados cada vez mais abundantes. Atualmente, os artigos sobre o voluntariado são encontrados em uma gama cada vez maior de publicações acadêmicas (WILSON, 2012), como por exemplo, Clary e outros (1998); Wilson (2000; 2012); Musick e Wilson (2008); Carpenter e Myers (2010); Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013); Marcos, Parente e Amador (2013) entre outros.

De acordo com Smith (1975), um problema-chave no estudo da ação voluntária era a sua definição. Na época, os pesquisadores demonstravam uma necessidade de maior clareza na aceção do termo, entendido como um passo importante para o desenvolvimento de teorias adequadas ao estudo da ação voluntária. No entanto, ainda hoje, existe pouco consenso sobre como resolver essa questão, visto que o voluntariado passou a assumir diferentes formas e experiências, demonstrando o seu caráter multifacetado.

Dessa forma, Smith (1975, p. 247) liderou a aceção do termo voluntariado definindo-o como ação voluntária individual, coletiva ou comunitária, caracterizada principalmente pela busca de benefícios psíquicos (como auto-realização, estima e pertencimento), por ser discricionário na natureza (liberdade de escolha), não determinando por: fatores biossociais (constrangimentos fisiológicos em suas formas socializadas); fatores coercitivos (constrangimentos sociopolíticos apoiados por uma ameaça de força); ou remuneração direta (pagamento de alta probidade direta ou benefícios econômicos de quaisquer tipos). Essa definição proposta pelo autor está enraizada na teoria motivacional do sociólogo “Maslow (1954)”.

Segundo Wilson (2000), o voluntariado é uma atividade em que o tempo é doado livremente para beneficiar outra pessoa, grupo, causa ou organização. Assim, o voluntariado é visto como uma união de pessoas que exercem comportamentos de ajuda, implicando mais empenho do que assistência espontânea. Muitas das teorias que explicam o voluntariado, também apontam para atributos individuais que podem ser agrupados naqueles que enfatizam motivos de auto-entendimento, ação racional, cidadania ou análise de custo benefício. Ainda, segundo o autor, essa definição não impede que os voluntários se beneficiem do seu trabalho, portanto, os benefícios podem incluir recompensas materiais e imateriais.

Em seus trabalhos, Wilson (2000; 2012) buscou atualizar e nortear a teoria em voluntariado. Para ele, a teoria do voluntariado engloba vários termos entre eles: motivação, valores, crenças, capital humano, educação, trabalho, tempo livre, renda, teoria da troca do capital humano, redes sociais, relações familiares, estado civil, paternidade, relações demográficas como idade, gênero, raça e algumas consequências como a cidadania, o comportamento social, a saúde física e mental e o desenvolvimento socioeconômico das comunidades.

Para Musick e Wilson (2008) e Wilson (2012; 2000) o crescente interesse no voluntariado se deve a um número de razões sejam elas coletivas ou particulares, internacionais ou nacionais, culturais e até mesmo religiosas, mas a principal razão se deve ao fato de o trabalho voluntário ter recebido uma análise mais minuciosa, impulsionada em

grande parte, pelo interesse público em estimular e encorajar o voluntariado no desenvolvimento das sociedades.

Os autores, ao revisitarem várias publicações internacionais e de impacto sobre o tema, estabeleceram algumas tendências nas teorias, antecedentes e causas do voluntariado, quais sejam: a) disposições subjetivas como personalidade, motivação, valores, normas, crenças e atitudes; b) recursos individuais como recursos socioeconômicos, tempo, saúde, renda, gênero, raça; status de imigração, educação e trabalho; c) contexto social do voluntariado como a perspectiva ou curso inicial de vida (origem da família, escolaridade e atividades extracurriculares), perspectiva ou curso médio de vida (emprego estável, casamento e paternidade) e final de vida (aposentadoria, exercícios físicos, relação positiva do voluntariado no envelhecimento), recursos sociais (redes sociais, escolas, congregações, vizinhança, cidades, estados e regiões, países, diversidade transnacionais; d) a organização do trabalho voluntário (tarefas e funções dos voluntários); e) as consequências do Voluntariado (cidadania, comportamento pró-social, ocupação, renda e saúde).

Entre as tendências, Wilson (2012) ressalta que a popularidade ou aceitação do trabalho voluntário vem aumentando com a modernização, devido ao aumento do número de pessoas idosas e também pessoas que vivem fora da estrutura familiar que dependem menos de formas tradicionais de apoio social, o que culminou no aumento do voluntariado (WABURTON e WINTERTON, 2010). Nas cidades estadunidenses, por exemplo, ele observou uma tendência ascendente para se voluntariar entre 1974 e 2005. A modernização também influencia quem faz, o tipo e o papel do voluntariado, trazendo consigo novas formas de voluntariado. Em sociedades industriais avançadas como os Estados Unidos, novas formas de voluntariado de curta duração e pouco compromisso são as preferidas, como, por exemplo, o abrigo de animais, que possibilita maior flexibilidade nos horários de trabalho. Em outras sociedades, como o Irã, o governo incentiva as mulheres a contribuírem como voluntárias da saúde. Na cultura islâmica, as mulheres são desencorajadas a ingressarem na força de trabalho pago, por outro lado, existe uma abertura a participarem fora de casa, quando os maridos aprovam, em programas de prestação de serviços voluntários, o que pode ser visto como uma fonte de status na comunidade (HOODFAR, 2010).

O voluntariado é uma importante manifestação da utilidade humana, se caracterizando como o tempo em que as pessoas oferecem, entre outros serviços, a companhia àquele que é solitário, a tutoria para analfabetos, o aconselhamento aos que precisam, os cuidados de saúde aos doentes, são exemplos dessas atividades, sendo necessário fazê-lo de forma regular, contínua e voluntária. Sua importância reside no fato de que “todos os anos, milhões de

“pessoas dedicam quantidades substanciais de seu tempo e energia para ajudar os outros” (CLARY e outros 1998, p. 1516).

Snyder e Omoto (2008) em uma revisão sobre o tema voluntariado definiu o termo como uma atividade de ajuda, livremente escolhida e deliberada, que se estende ao longo do tempo e que, muitas vezes, é realizada por meio de organizações e em nome de causas receptivas ou de indivíduos. Para os autores, o papel ativo do indivíduo na escolha do tipo de voluntariado e no curso de sua ação voluntária são temas recorrentes, utilizados por vários estudiosos, na caracterização e definição do voluntariado. De modo similar, a tomada de decisões, a influência e as motivações pessoais também aparecem nas conceituações sobre o tema. Essa definição de voluntariado adotada pelos autores exclui os casos em que a relação entre ajudante e destinatário se estabelecem por meio da prestação de assistência, como cuidado e apoio a um cônjuge doente ou ao envelhecimento dos pais. Segundo eles, tais relacionamentos envolvem uma história de ajuda e reciprocidade, pois são relacionamentos que trazem o sentido de obrigação que flui de ligações familiares, não podendo ser verdadeiramente voluntárias se caracterizando como comportamento de ajuda e cuidado.

Haski-Leventhal e Bargal (2008) reconhecem que nas últimas duas décadas, o conhecimento sobre o voluntariado foi expandido, no entanto, uma compreensão mais completa sobre a socialização organizacional dos voluntários esteve em falta, de modo que, o processo através do qual um voluntário aprende o trabalho, internaliza valores e objetivos organizacionais, tornando-se um voluntário eficaz e envolvido, são aspectos deficientes na maioria dos trabalhos empíricos sobre o tema. Assim, os autores realizaram uma pesquisa de cunho etnográfico com voluntários israelitas que trabalhavam com jovens em situação de risco e sofrimento, mais especificamente crianças em situações de rua.

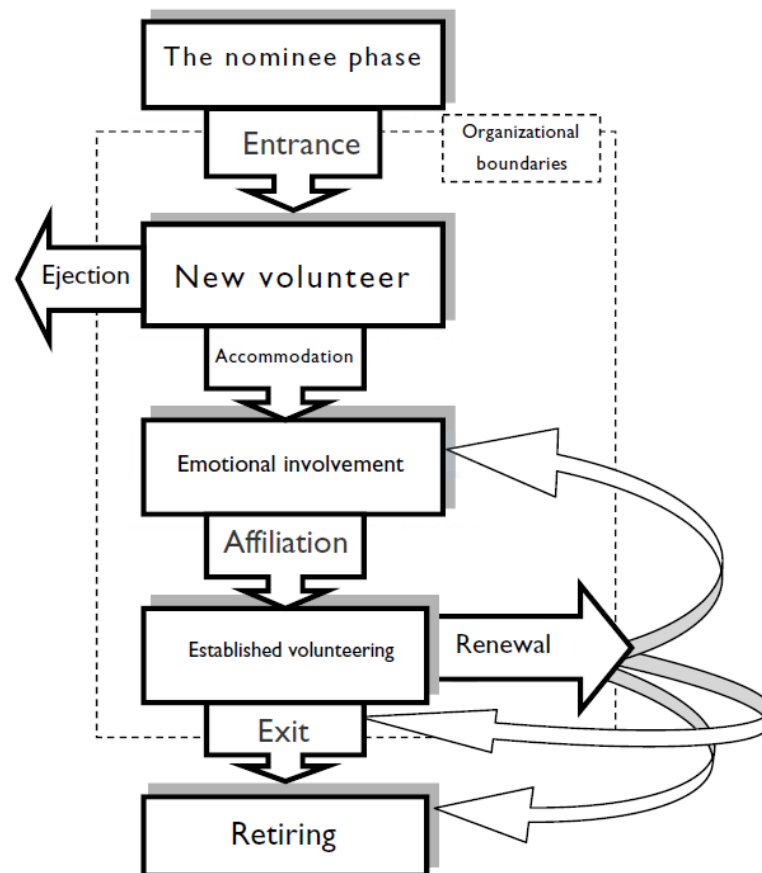
Como conclusão do estudo, os autores indicaram cinco diferentes fases na socialização dos voluntários, são elas: nomeação, recém-chegada, envolvimento emocional, voluntariado estabelecido e retirada, isto é, “aposentadoria” do voluntário. O modelo também explica e descreve outras quatro fases de transição do processo (entrada, acomodação, afiliação e saída) bem como as experiências e emoções envolvidas em cada fase. Como experiências e emoções envolvidas têm-se: atividade; percepções; esgotamento; relacionamentos; análise dos custos e benefícios.

Todavia, antes da fase da saída definitiva do voluntário existe uma possibilidade de transformação e uma possível auto renovação, que se reflete em diferentes aspectos relacionados ao trabalho voluntário, como por exemplo, serem convidados a assumir novos papéis ou encontrarem nova energia e significado através da autorreflexão sobre suas

experiências de mudanças pessoais e realizações. Outra forma para renovar a energia e a motivação seria fazer um “tempo livre”, entendido no estudo como mudanças nas circunstâncias pessoais (maternidade, mudança de endereço, casamento e etc.) e, em seguida, se a organização mantiver contato com essa pessoa durante o “tempo livre”, elas poderão retornar com energia renovada em alguns meses.

A figura 1 foi retirada deste estudo e sintetiza as fases anteriormente mencionadas.

Figura 1. *The volunteering stages and transitions model.*



Fonte: Haski-Leventhal e Bargal (2008, p.74)

Rodrigues e outros (2014) em um estudo bibliométrico sobre a produção científica sobre o voluntariado no *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, periódico que foi criado em 1990 por Helmut Anheier e Martin Knapp e, atualmente, é a revista oficial da Sociedade Internacional de pesquisas do Terceiro Setor (ISTR), identificaram as seguintes palavras chaves mais relevantes na busca pela produção científica da temática: *Civil society; Nongovernmental organizations; Nonprofit*



*organizations; Volunteering; United States; United Kingdom; Third sector*<sup>2</sup>. Em relação às instituições de ensino superior que apresentaram maior representatividade nas publicações encontram-se: *Radboud University Nijmegen; Indiana University; University of Southampton; London School of Economics; University of Ulster; University of Kansas; Vrije Universiteit; Chapman University*; entre outras. No que tange aos autores que mais publicaram artigos voltados à temática, no período de 1997 a 2012, evidencia-se a contribuição de Helmut K. Anheier; Ebenezer Obadare; Dennis R. Young; Arthur W. Blaser; William N. Holden; Sylvia I. Bergh, entre outros.

Não obstante, Marta, Pozzi e Marzana (2010) acreditam que as pesquisas sobre o voluntariado estão centradas na identificação de caminhos relacionais entre as variáveis preditoras que determinam a intenção de continuar ou parar de trabalhar como voluntários. Carpenter e Myers (2010), por outro lado, reconhecem a falta de estudos que contemplem tanto a literatura quando os aspectos empíricos do tema voluntariado. De forma que, tal escassez refletiria, significativamente, em uma compreensão pouco completa da extensão do sentido e das várias formas de se conduzir a prática do voluntariado.

Clary e outros (1998, p.1516) declaram que:

“De acordo com uma estimativa, 89,2 milhões de adultos norte-americanos estavam envolvidos em algum tipo de trabalho voluntário em 1993, sendo que 23,6 milhões deles doavam 5 ou mais horas por semana para o seu serviço voluntário (*Independent Sector*, 1994). Além disso, o voluntariado não é simplesmente um fenômeno americano, mas em vez disso é uma atividade que pode ser encontrada em muitas outras partes do mundo (Curtis, Grabb, & Baer, 1992).

Segundo Fernandes (1997), o Terceiro Setor é composto por um conjunto de organizações sem fins lucrativos que são mantidas pela ênfase na participação voluntária. Assim também, constitui-se como uma ação não governamental que dá continuidade às práticas tradicionais de caridade, filantropia e mecenato.

Para Mueller (1975), os voluntários podem ser “pagos” por seu trabalho, sob quatro formas, a primeira se refere à unidade familiar, a segunda ao consumo do bem coletivo. Assim o voluntário gozaria de um “incentivo seletivo” que é a terceira forma de pagamento, como por exemplo, um contrato social, e por último, ter o capital humano da família melhorado, esta última forma de motivação é denominada como servidão altruísta.

Nota-se que o voluntariado é uma prática ou modo de ação que perpassa por diversos campos, pode-se citar, por exemplo, a temática “turismo e voluntariado”, nomeada na

---

<sup>2</sup> Sociedade Civil; Organizações não governamentais; Organizações não profissionais; Voluntariado, Estados Unidos, Reino Unido; Terceiro Setor.

literatura internacional por “*volunteer tourism*” que se refere aos turistas que, de forma organizada, se disponibilizam ao serviço voluntário, com vistas a empreender férias que envolvam auxiliar ou aliviar a pobreza material de alguns grupos da sociedade, restabelecendo ecossistemas ou pesquisando aspectos da sociedade ou do ambiente natural. Embora não haja uma definição consensual sobre esse tipo de turismo, ele geralmente evoca uma maior disponibilidade de envolvimento entre a comunidade receptora e o turista (WEARING 2001; NASCIMENTO 2012; PEARCE, 1992).

Sabe-se que existem diversos tipos de voluntariado e eles são expressos nas relações estabelecidas cotidianamente, na relação entre indivíduo e sociedade, na interação e vivência humana. Ao se referir sobre os diversos tipos de voluntariado, também se refere às práticas de voluntariado operacionalizadas pelas organizações do terceiro setor com intervenção social. Estas últimas foram analisadas por Marcos, Parente e Amador (2013) que as sintetizaram em um quadro, indicando autores e perspectivas. A figura 2 representa esse quadro.

Figura 2. Tipos de voluntariado segundo critérios de distinção.

	<b>Tipos</b>	<b>Características</b>	<b>Autores</b>
<b>Institucional</b>	Voluntariado informal e espontâneo	Desenvolvido de forma autônoma e individual e sem um vínculo organizacional. Engloba práticas em torno de redes primárias de solidariedade social referentes ao contexto familiar ou a relações de proximidade e de vizinhança.	Moreno & Yoldi (2008)
	Voluntariado formal e institucional	Desenvolvido de forma sistemática numa organização formalizada sob um enquadramento jurídico, e de acordo com compromissos assumidos de forma recíproca.	
<b>Temporal</b>	Intensidade temporal Restrita	O voluntário dedica no mínimo uma hora por mês do seu tempo a estas atividades.	Adaptado de Olabuénaga (2001)
	Intensidade temporal Ampla	O voluntário dedica no mínimo dezesseis horas por mês (quatro horas semanais) do seu tempo a estas atividades	
	Voluntariado Ocasional	Exercício de ações de voluntariado pelo menos uma vez por ano.	Delicado, Almeida & Ferrão (2002)
	Voluntariado regular	Exercício do voluntariado com regularidade, no mínimo, mensal.	
<b>Desempenhos funcionais</b>	Voluntariado de Cidadania	Associado a tarefas de direção destinadas a garantir a orientação estratégica da organização.	Perrot (2006)
	Voluntariado de serviços (orientação operacional)	Assegura a prestação de bens ou serviços, garantindo o cumprimento da missão e vocação da organização.	

	Voluntariado Funcional	Garante as atividades internas necessárias ao funcionamento da própria organização, tais como tarefas administrativas e logísticas.	
	Voluntariado de Direção	Garante as tarefas inerentes aos titulares dos órgãos estatutários das organizações.	Delicado, Almeida & Ferrão (2002)
	Voluntariado de Execução	Garante tarefas de caráter técnico e de direção executiva: o apoio direto aos beneficiários/clientes/públicos por via da dinamização de atividades; o funcionamento interno da organização.	

Fonte: Marcos, Parente e Amador (2013).

Na contramão dos estudos pragmáticos, nos quais o tema voluntariado é frequentemente observado, encontra-se o trabalho de Bonfim (2010) que reconhece os aspectos ideológicos, culturais e políticos necessários para compreender o voluntariado. A autora estabelece uma crítica à funcionalidade que o tema assumiu na sociedade brasileira nos dias atuais. Em suma, a tese sustentada expõe como a lógica capitalista atual se apropriou dos valores que delineiam tal prática, para forjar uma “cultura do voluntariado” que é necessária ao estabelecimento do consenso de um “novo” padrão de intervenção social. As aspas usadas denunciam as armadilhas ideológicas deste movimento.

A literatura existente sobre o voluntariado é vasta, todavia ela não se encontra bem delimitada em períodos regulares de produção do conhecimento, como tantos outros temas nas ciências sociais. Ao que se aparentam, os estudos trazem os três aspectos já levantados por Bonfim (2010) e a primeira das cinco abordagens que são propostas neste estudo. Assim, como forma de caracterizar a produção do conhecimento sobre o voluntariado propõe-se mais quatro abordagens no tópico a seguir.

Observa-se nas produções teóricas sobre o voluntariado o direcionamento desses estudos a cinco abordagens complementares, são elas: a abordagem funcional para a motivação ao voluntariado, na qual são discutidas os motivos, razões que levam os indivíduos a exercerem a ação voluntária bem como a utilidade e os benefícios sociais que a ação voluntária pode ofertar para o desenvolvimento da comunidade, da sociedade e o indivíduo em si; a abordagem gestonária do voluntariado que reconhece o voluntariado como um recurso organizacional, refletindo na profissionalização da práxis e necessidade de gestão; a abordagem mercadológica do voluntariado composta pelas ações e programas sociais originados na esfera privada; abordagem da representação do voluntariado preocupando-se em saber o significado desta prática para quem exerce e sua implicação para quem recebe.

A quinta abordagem por sua vez, é uma abordagem ideológica. Ela não busca uma ruptura com as outras abordagens, mas mostra-se como alternativa, um caminhar para o resgate do silenciamento produzido pelo modo de produção capitalista. A abordagem ideológica estabelece a necessidade da crítica à ideologia dominante que tem permeado a prática voluntária. A seguir descreveu-se a abordagem mais recorrente nos estudos sobre o voluntariado, a abordagem funcional para a motivação.

### **2.1.1 Abordagem Funcional para a motivação ao Voluntariado**

Diversos autores já se debruçaram sobre a temática do voluntariado. O debate tradicional envolve tecer relações entre motivação e disponibilidade ao trabalho voluntário, pois se preocupa com o engajamento das pessoas nessa prática. As motivações, geralmente, são descritas por motivo ou razão que direcionam o comportamento dos voluntários. Tal vertente teórica é dominada por autores que defendem a existência de razões altruístas e egoístas para este tipo de trabalho (MASCARENHAS, ZAMBALDI e VARELA, 2013). Neste tópico foram agrupados os trabalhos que versam sobre a questão da motivação no voluntariado.

Confirmando a tese de que o voluntariado seria motivado por motivos altruístas e egoístas, Velulo-de-Oliveira, Pallister e Foxall (2015) reforçam em seus achados esta vertente. Tal estudo analisou o comportamento de jovens voluntários e as razões pelas quais os sujeitos se disponibilizam a este tipo de serviço, eles identificaram razões altruístas, empatias e crenças, além do compromisso com a ação voluntária por um período de tempo prolongado. Os autores, ainda, estabelecem uma crítica à suposição de que o comportamento do voluntário seja sempre intencional e planejado. Esta se refere à teoria do comportamento planejado de Ajzen (1995, 1991, 2005) que sugere que as crenças, as atitudes moldadas, normas de controle e percepções de um indivíduo são antecedentes à intenção comportamental e social. Isto indica que a atitude de se voluntariar é uma predisposição para responder a algum imperativo, de forma positiva, neutra ou negativa, o que interessa é maximizar os resultados favoráveis e minimizar os resultados não favoráveis.

Portanto, uma das funções motivacionais do voluntariado seria promover novas experiências de aprendizagem, e assim obter uma melhor compreensão do mundo, da sociedade em geral. Desta forma, autores como Ryan, Kaplan e Grese (2001) e Walter (2005) reconhecem que as pessoas executam o serviço voluntário, no intuito de receber benefícios de auto-desenvolvimento e conhecimento.

Certamente, as abordagens funcionais das motivações voluntárias contribuíram muito para a agenda de pesquisa sobre o tema voluntariado, a exemplo têm-se o trabalho de Clary e outros (1998) que colaborou significativamente para o desenvolvimento do tema nas ciências sociais revelando que dentre as funções do voluntariado estão: a expressão de valor da atividade para os voluntários, a aprendizagem decorrente das funções exercidas, os benefícios na carreira profissional, a proteção do ego, o aumento do ego, e melhoria nas relações sociais. Esse trabalho analisou, também, como os voluntários experimentam e associam o voluntariado na construção de suas identidades pessoais.

Mary Ho e Stephanie O'Donohoe (2014), por exemplo, estudaram as motivações para a realização do voluntariado ligado à construção da identidade de jovens. As autoras analisaram estereótipos, estigma e identidade relacional em projetos de voluntariado com 39 indivíduos com idade entre 16-24 anos que viviam na Escócia, no Reino Unido. Elas partiram da compreensão do voluntariado como uma decisão de consumo simbólico e sua implicação para a Teoria do Marketing em organizações sem fins lucrativos. Como resultados, as autoras descrevem que dentre os jovens que realizaram trabalhos voluntários foram identificados cinco estereótipos que contribuem para a construção de suas identidades, são eles: o mais velho na organização filantrópica, o doce solteirão, o ambientalista protestante, o voluntário comum e os não voluntários. Todos esses estereótipos, com exceção do voluntário comum, tiveram implicações positivas no que tange à proteger e melhorar a auto-estima dos jovens. As autoras sugerem também que estereótipos negativos afetam a decisão dos jovens em participar como voluntários, afetando negativamente suas experiências.

Segundo Lynette Unger (1991, p. 74-75) o voluntariado foi, por muitas vezes, explicado como “fazer boas obras”, e tal explicação tem significação ancorada na tradição judaico-cristã. Existem, inclusive, vários estudos sobre o voluntariado que citam razões altruístas como motivações primárias para se voluntariar, e suas definições variam de acordo com o objeto de estudo, como por exemplo: “ajudando pessoas (Howarth 1976), beneficiando crianças (Henderson, 1981), trabalhando por uma causa (Gittman 1975), mostrando cuidados (Jenner 1981), demonstrando patriotismo (Moskos 1971), prestando serviço à comunidade (Chapman 1980)”, [...] “os voluntários do hospital (Joslyn 1976), os militares (Cockerham e Cohen, 1981), doadores de sangue (Leonard, 1977)”. Todos esses estudos indicaram haver razões humanitárias ou altruísticas para a motivação ao voluntariado. Entretanto, ainda Unger (1991) a pesquisa em psicologia social e economia geral observam uma minimização do altruísmo em meio à prática do voluntariado no contexto socioeconômico do neoliberalismo.

Conforme Carpenter e Myers (2010) ao longo dos últimos vinte anos, o papel do voluntariado mostrou-se relevante à prestação da caridade, ao acesso aos bens e serviços, além de motivar um leque de abordagens teóricas que versam sobre o comportamento pró-social. Diversas são as explicações do porque as pessoas ofertam seu trabalho de forma aparentemente gratuita. Entretanto, algumas abordagens alternativas tendem a considerar o voluntariado como um bem de consumo, como uma possibilidade de investimento em capital humano, ou um meio de ganhar recompensas extrínsecas, bem como a manifestação de valores e atributos como extroversão, altruísmo, desejos entre outros.

As pesquisas tradicionais em voluntariado destacam diversos motivos e razões para a adesão dos voluntários. A premissa é que os motivos são constitutivos da ação, sendo um discurso que atribui significado e ajuda a moldar o comportamento (WILSON, 2000). Destarte, com tantos aspectos levantados, a temática tornou-se complexa e encontra-se dividida em oito categorias conceituais levantadas por Fischer e Schaffer (1993) esses motivos foram sintetizados por Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013) e encontram-se na figura 3.

Figura 3. Quadro Síntese dos Motivos Alegados Para a Atuação Voluntária.

<b>Síntese dos Motivos Alegados Para a Atuação Voluntária</b>	
<b>Categoria</b>	<b>Pesquisa e Teoria</b>
Motivações Altruístas	Pesquisas apontam para o “ajudar”, ou “fazer o bem” como a razão mais alegada para o voluntariado
Motivações Ideológicas	Voluntários alegam causas específicas ou ideologias para o engajamento em atos voluntários
Motivações Egoístas	As pessoas envolvem-se em atos voluntários para satisfazer necessidades do ego, como, por exemplo, a aprovação social.
Motivações Materiais	Incluem benefícios para a própria pessoa ou família. Segundo muitos teóricos, as pessoas são voluntárias prevendo benefícios materiais futuros.
Motivações de Status	O desejo de adquirir conhecimento profissional, contatos e reconhecimento é mais acentuado em pessoas em idade de trabalho e em estudantes
Motivações Sociais	Encontrar pessoas e fazer amizades são motivos alegados por muitos voluntários
Motivações de Lazer	O voluntariado é uma forma de lazer para muitas pessoas. Muitos voluntários respondem que se engajam nestas atividades por terem “tempo livre”
Motivações de Crescimento pessoal	O aprendizado, o crescimento pessoal e o desenvolvimento espiritual são motivos importantes para o voluntariado.

Fonte: Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013).

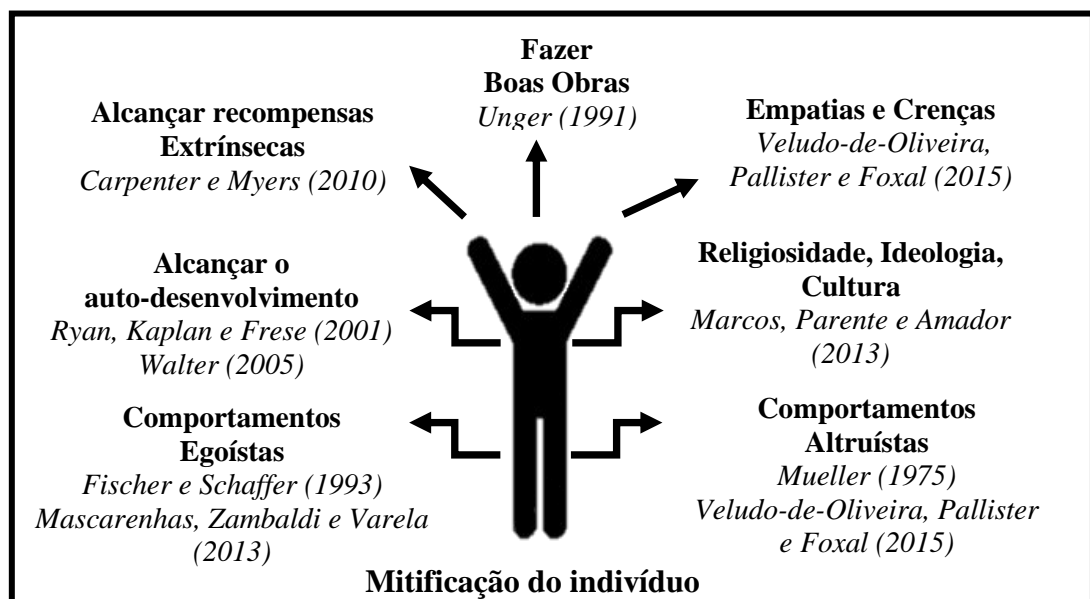
Handy e outros (2010), por sua vez, realizaram um estudo, que adota a visão utilitarista do voluntariado, com o intuito de averiguar em uma população de estudantes de graduação qual a motivação para o voluntariado. As razões pelas quais as pessoas se

voluntariado há muito tempo tem fascinado os estudiosos sobre o tema, pois as atividades de voluntariado não são compensadas monetariamente. Isto sugere custos líquidos aos voluntários e uma estreita relação custo benefício instigante ao estudo do comportamento humano. Os autores concluíram que na população estudada, cuja amostra foi composta por 12 países, o voluntariado seria motivado por perspectivas de carreira, emprego, construção de currículos. O estudo demonstra que os alunos se voluntariam por razões utilitaristas, e embora apresentem menos tempo de trabalho voluntário, eles são mais propensos a se voluntariar. Contudo, em países com positivo valor de sinalização do voluntariado, onde há incentivos de trabalhos voluntários, as taxas de voluntariado são significativamente maiores. Como Esperado, os alunos motivados por motivações de construção de currículo têm uma intensidade menor de voluntariado.

Ante a concepção ingênua e romantizada do voluntariado a importância da abordagem funcional da motivação para a teoria e pesquisa em voluntariado, é perceptível ao apontar não só as motivações altruístas elencadas, como fonte propulsora do serviço voluntario, como também motivações de cunho ideológico, egoístas, materiais, status, sociais, lazer, crescimento pessoal, entre outros.

Ao analisar-se a perspectiva teórica da abordagem motivacional para a adesão ao voluntariado, percebe-se como esta, muitas vezes, apresenta um debate sobre altruísmo e egoísmo que mitificam o sujeito prestador de tal trabalho, atribuindo-lhe características de maneira exaustiva ou que o denigrem ou que o transforma em um herói da sociedade. A figura 6 ilustra algumas razões para a adesão ao voluntariado.

Figura 4. Voluntariado segundo a abordagem funcional para a motivação.



Fonte: Da autora (2016).

Assim, acredita-se que há uma tradição na abordagem funcional da motivação em justificar a motivação para o voluntariado em comportamento altruísta e/ou egoísta. Dessa forma, o fazer boas obras teria tanto comportamentos influenciados pelos fatores religiosos, ideológicos e culturais, incluindo-se crenças e empatias, como também o objetivo de autodesenvolvimento e recompensas extrínsecas.

Para a abordagem funcional das motivações para o voluntariado a atuação voluntária pressupõe uma interação entre indivíduo e comunidade que leva a um aumento do capital social. Dessa forma, autores como Lipford e Yandle (2009) procuraram refletir sobre: Porque as pessoas participam de atividades voluntárias disponibilizando um pouco do seu tempo para os esforços de organizações sem fins lucrativos? O que explicaria esta forma particular de atividade não-mercadológica? Porque algumas pessoas estariam dispostas a dedicar recursos escassos para produzirem bens e serviços para os outros? O voluntariado seria o engajamento em atividades que enriquecem as experiências de vida para os membros de uma família, vizinhos, na qual o benefício esperado podem ser apropriados na formação do capital humano e assim conduzir a uma maior benefício a comunidade?

Na tentativa de responder a tais perguntas Lipford e Yandle (2009) desenvolveram um modelo matemático de voluntariado, composto por uma função de regressão linear e uma matriz de correlação, cujo voluntariado era a variável dependente. Os autores estabeleceram taxas para o voluntariado, como uma função matemática fundamentada na “*Theory of Moral Sentiments*” de Adam Smith e nas taxas empíricas de voluntariado dos Estados Unidos. A função foi denominada de “*volrate*” baseando-se em variáveis descritivas como: renda, pobreza, raça, linguagem, índice de GINI, religião, igreja, educação, população conforme a área metropolitana, gasto *per capita* do governo (com educação, bem-estar público, saúde e hospitais, segurança, saneamento, gestão de resíduos, parques, recreação e moradia), renda pessoal *per capita*, salário médio anual, margem de imposto de renda estadual paga pelo contribuinte, unidade de federação e data de aniversário. As análises estatísticas revelaram uma multicolinearidade substancial dentro da estrutura que, segundo os autores, podem explicar e prever se a prática do voluntariado é influenciada por fatores utilitaristas ou limitações de recursos dos doadores. As taxas salariais e a renda per capita, especialmente, foram colineares, e a proporção de população residente em áreas metropolitanas também está altamente correlacionada com um número de variáveis exógenas. Isto significa que o local onde a pessoa reside, a utilidade de sua ação para si e para a comunidade e a disponibilidade



de recursos, sejam eles financeiros, intelectuais ou força de trabalho influenciam significativamente na decisão de voluntariar-se.

Como conclusões, Lipford e Yandle (2009) reiteram que a atividade voluntária parece um elemento comum, se não onipresente, do comportamento humano. A questão mais importante é entender porque as pessoas gastam recursos escassos para beneficiar os outros. Enfatizam-se ganhos altruístas, docilidade das pessoas, solidariedade, normas sociais, fatores que, embora sejam mal compreendidos, aumentam a sobrevivência e a cooperação necessária para a vivência em grupo. Assim, o voluntariado depende criticamente da homogeneidade de grupo que constrói o capital social e permite que os doadores se identifiquem com os potenciais beneficiários e participem de esforços voluntários (como raça, linguagem, religião...), dependendo também dos recursos dos doadores e do custo de oportunidade do voluntariado (como renda per capita, impostos, moradia...).

Clary e outros (1998), por sua vez, aplicaram em seu estudo a teoria funcionalista para identificar as motivações subjacentes ao voluntariado. A principal preocupação da abordagem funcionalista seria identificar as bases motivacionais da ação, para em seguida, reconhecer o desenvolvimento dos meios de avaliação dessas motivações. Para os autores, o fascínio pelo estudo do voluntariado perpassa pela ideia de que é significativo uma pessoa sacrificar-se por outra pessoa, especialmente quando essa pessoa é um estranho.

Para Stukas e outros (2016) a abordagem funcional das motivações para o voluntariado, propõe que a satisfação do voluntário e as intenções de continuar se voluntariando são influenciadas pelo jogo entre motivações importantes e motivações disponíveis para serem satisfeitas no ambiente de voluntariado, logo, os voluntários são mais felizes e assim pretendem continuar a medida que eles são capazes de satisfazer seus objetivos na atividade selecionada ou atribuída. Desta forma, para a abordagem funcional qualquer motivo importante, quando preenchido pode levar um aumento da satisfação ou intenções futuras dos voluntários. Outros estudos, porém, reforçam a necessidade de reconhecer o voluntariado como um recurso organizacional, esta abordagem foi descrita no próximo tópico.

### **2.1.2 Abordagem Gestionária do Voluntariado**

Nesta abordagem foram agrupados os estudos que reconheceram o voluntariado como um recurso organizacional que deve ser gerido. Algumas pesquisas fazem referência à atuação de voluntários no terceiro setor e, muito embora, reconheçam-no como uma ação espontânea, apostam na intenção de torná-la uma ação planejada e capacitada. Desta forma, foram

surgindo os primeiros manuais do trabalho voluntário que buscavam organizar e direcionar tal prática.

Uma busca rápida pela internet com os termos “*volunteer management*”, “*managing volunteers*” ou “*volunteers handbook*” permite acessar facilmente as melhores práticas em gestão de voluntários: divisão e descrição do trabalho, manuais de treinamento, fluxogramas, códigos de conduta para o voluntariado. Enfim, várias informações para desenvolver o Programa de Voluntariado, gerir riscos, encontrar e selecionar voluntários, além do apoio, supervisão e retenção dos mesmos, por meio da motivação, liderança e do reconhecimento. Genericamente, são guias de boas práticas para envolver os voluntários e aumentar sua atuação na instituição, oferecendo-lhes desenvolvimento profissional em troca de tarefas organizacionais. São exemplos desses sites: *idealist.org*; *501commons.org*; *knowhownonprofit.org*; *centerfornonprofitexcellence.org* entre outros. São exemplos desses manuais: *Volunteering compact code of good practice*; *Managing Volunteers a good practice guide*; *Good practice guide to involving volunteers*; *Volunteer management practices and retention of volunteers*.

Um bom arquétipo sobre as boas práticas de gestão em voluntariado é o manual “*Best practices in volunteer management: an action planning guide for small and rural nonprofit organizations*” que elencou dez melhores práticas na gestão do voluntariado, são elas: 1) Valorização do papel dos voluntários; 2) Definição de regras e expectativas; 3) Desenvolvimento de competências de gestão de voluntários; 4) Reduzir o risco do cliente e do grupo; 5) Criando atribuições claras; 6) Alcance além do círculo; 7) Orientação e Treinamento de Voluntários; 8) Fornecer supervisão; 9) Fazer os voluntários sentirem que pertencem; 10) Reconhecer as contribuições de voluntários.

Em termos gerais, segundo o canal “*Volunteer Canada*” “a gestão voluntária é a seleção, supervisão e engajamento de voluntários, mas muito mais que isso. A gestão voluntária abre uma organização para a comunidade e permite aos cidadãos se envolverem” (VOLUNTEER CA, 2016, tradução nossa), dessa forma, os gerentes do voluntariado asseguram o bem-estar e a felicidade dos voluntários de uma organização, mantendo o programa eficaz e envolvente. Dependendo da estrutura da organização o gestor do voluntariado pode ser um profissional em tempo integral pago, ou um voluntário. Algumas organizações podem integrar seus sistemas de gestão de recursos humanos de forma a incluir todos que trabalham em nome da organização, sejam eles remunerados ou voluntários.

Essa vertente dos estudos em voluntariado passou a ter maior notoriedade em 2001, com a promulgação do Ano Internacional dos Voluntários. Assim, os profissionais de gestão

de voluntários de todo o mundo reuniram-se em Toronto, no Canadá, para a Conferência Internacional sobre a Administração do Voluntariado. Os participantes se envolveram com o intuito de desenvolver uma Declaração Universal sobre a profissão de Liderança e Gestão de Voluntários, o documento encorajava os gestores a utilizarem-no para aumentar a consciência do papel desempenhado pelos gestores de recursos voluntários. Com a criação dessa associação lançava-se o lema de “um mundo em que a vida dos indivíduos e das comunidades são melhoradas pelos impactos positivos das ações voluntárias” (VOLUNTEER CA, 2016, tradução do autor),

A Declaração Universal sobre o voluntariado, adotada pela Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) afirma que “o voluntariado é um boco de construção fundamental na sociedade civil, ele traz à vida as mais nobres aspirações da humana – a busca da paz, da liberdade, da oportunidade, segurança e justiça para todas as pessoas” (IAVE, 2016, tradução nossa) se tornando assim um elemento essencial de todas as sociedades.

Segundo o *Volunteer Canada* (2016) a administração de voluntários promove a mudança, resolve problemas e atende necessidades humanas por meio da mobilização e gestão de voluntários, buscando o maior impacto possível. Dessa forma, a administração de voluntários aspira a:

- Agir de acordo com elevados padrões profissionais;
- Construir compromisso com uma visão e uma missão compartilhada;
- Desenvolver e combinar talentos voluntários, motivações, disponibilidade de tempo e contribuições diferentes com oportunidades satisfatórias;
- Orientar voluntários para o sucesso nas ações que são significativas para o indivíduo e para a causa que servem;
- Ajudar a desenvolver e melhorar uma estrutura de organização para o voluntariado.

A figura 5 é um esquema ilustrativo sobre a abordagem gestionária do voluntariado, na qual apresenta duas contradições: quanto maior a profissionalização no voluntariado, maior será a eficiência e a eficácia de suas ações, alcançando metas e objetivos, o que irá demandar maior dedicação, planejamento e duração das atividades, por outro lado, quanto maior a racionalização menos a ação voluntária será espontânea, flexível e autônoma. Esta figura poderá ser observada na próxima página desta dissertação.

Figura 5. Voluntariado segundo a abordagem Gestionária.



Fonte: Da autora (2016).

Frente aos desafios de uma organização inserida em um sistema neoliberal (Figura 5), em que a permanência, crescimento, inovação e sucesso da mesma estão atrelados a uma boa gestão, observa-se nesta abordagem a tentativa das ONGs e OSCIPs em se adequarem aos imperativos da gestão das organizações em processo de produção do capital.

Atualmente, no Brasil, uma organização de notável reconhecimento quando o assunto é voluntariado é o Hospital Israelita Albert Einstein, que conta com uma equipe de mais de 500 pessoas fazendo trabalho voluntário, entre eles mulheres e homens de diferentes idades, classes sociais, religiões e formação profissional. A organização conta com um Departamento de Voluntários, certificado pela ISO 9001, que foi implantado em 2002 por meio dos esforços da presidente em exercício e dos voluntários que ajudaram a implantar várias etapas do modelo de gestão (EINSTEIN, 2016).

De modo similar, o voluntariado do Hospital do Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAAC) também é certificado pela ISO 9001, tem em torno de 460 voluntários, além de ser um exemplo de gestão ao serviço voluntário e administração para que a estrutura organizacional continue funcionando e atendendo.

Essa profissionalização do voluntariado leva as ONGs e as OSCIPs a se adaptarem aos indispensáveis termos de eficiência e eficácia, culminando em um isomorfismo tanto normativo, quanto mimético. O primeiro, pois se baseia na disseminação dos manuais de gestão, na profissionalização da atividade por meio da especialização da administração do voluntariado, na definição de métodos de trabalho, na seleção e recrutamento dos recursos voluntários. O segundo ocorre quando estas organizações passam a se modelar conforme as outras de melhor posicionamento na sociedade neoliberal.

Assim, a excessiva profissionalização do voluntariado objetifica a substancialidade da atuação voluntária que passa a ser gerida, capacitada, organizada, reificada, engessada o que promove banalização da prática, perda de autonomia e do seu caráter social. Percebeu-se que ao ser gerido o voluntariado poderia trazer benefícios mercadológicos para as organizações, a seguir descreveu-se sobre a abordagem mercadológica.

#### **2.1.4 Abordagem Mercadológica do Voluntariado**

Nessa abordagem foram reunidos os trabalhos que se referem à atuação de voluntários no setor privado, como, por exemplo, o voluntariado empresarial, ou voluntariado corporativo. Esse estilo de voluntariado é caracterizado pelo trabalho não remunerado e envolve a participação dos funcionários da empresa. Observa-se, pois, nesta abordagem uma crescente profissionalização do voluntariado nas organizações, trata-se de um investimento social privado, realizado por meio das fundações corporativas e trabalhadores voluntários (FISCHER e FALCONER, 2001; GARAY, 2001; BORGES, MIRANDA e VALADÃO JUNIOR, 2007; MASCARENHAS, ZAMBALDI e VARELA, 2013).

Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013, p. 239) realizaram um estudo sobre os programas de voluntariado empresarial, em uma filial de um banco americano no Brasil e constataram que o programa corporativo de responsabilidade social, era viabilizado pelo voluntariado, e possuía cerca de 6% dos funcionários da empresa engajados regularmente em atividades voluntárias junto às organizações parceiras. Dentre os motivos alegados pelos voluntários encontram-se o caráter altruísta e ideológico em primeiro lugar, baseado em uma ação humanitária, motivos egoístas em segundo lugar, baseados no crescimento profissional, motivações de status, como, por exemplo, o desenvolvimento das habilidades profissionais, motivações sociais e materiais também foram levantadas. O programa foi incentivado pelas demandas internas e externas que exigiam a participação da empresa nas demandas da sociedade. A empresa busca incentivar uma “cultura de voluntariado” pelo estímulo à atuação

dos voluntários. A conclusão dos autores é que tanto os empresários, quanto empresas e sociedade ganham, “caracterizando o voluntariado empresarial como um jogo de ganha-ganha”.

As empresas como entes centrais da economia são pressionadas a assumirem determinadas responsabilidades sociais. Dessa forma, estas antecipam suas atividades sociais, buscando construir uma imagem de uma empresa benfeitora, se apropriando da sensibilidade e da força de trabalho humano para a atuação da pessoa jurídica em questão. A empresa passa a se responsabilizar socialmente, mas almeja o benefício e o impacto deste trabalho em sua rentabilidade, com vistas a satisfazer suas necessidades de acumulação do capital.

É inegável a importância das ações e programas sociais originados na esfera privada. No contexto empresarial brasileiro, destaca-se uma forte tendência em firmar um compromisso entre empresa e sociedade a partir do surgimento do conceito de “cidadania empresarial” nos anos de 1990, nesta época havia, sobretudo, um pensamento de que o Estado, sozinho, não seria capaz de cumprir com todas as obrigações sociais (MASCARENHAS, ZAMBALDI e VARELA, 2013). Todavia, o termo “cidadania empresarial” pode indicar algumas armadilhas ideológicas deste movimento, uma vez que essa “cidadania” visa não só contribuir com os programas sociais e o desenvolvimento cultural e artístico do país, mas também um comprometimento com os interesses organizacionais de mercado, como, por exemplo, o reposicionamento da empresa diante do consumidor.

Discorrem Prouteau e Wolff (2008, p. 315) que “o trabalho voluntário é um recurso importante para as organizações sem fins lucrativos”. Ademais, sua importância econômica tem atraído os olhares dos economistas do mundo inteiro interessados em investigar os objetivos e as motivações do trabalho voluntário para poder geri-lo. A importância do voluntariado como um recurso produtivo atraiu a atenção dos economistas, prioritariamente por dois fatores, o primeiro está no interesse em se estudar as doações financeiras, e o segundo está na inexistência do dinheiro do salário.

Prouteau e Wolff (2008), também citam o Projeto do Terceiro Setor *Johns Hopkins Comparative* que é, atualmente, o maior esforço sistemático para analisar a estrutura, o escopo e o financiamento do setor privado sem fins lucrativos em vários países do mundo inteiro. Nas informações sobre o voluntariado em 24 países, é possível perceber que o valor financeiro deste recurso não remunerado representa, em média, uma contribuição duas vezes maior que a quantidade de dinheiro doada. Tal projeto foi iniciado em 1991 e nasceu da crescente necessidade de informações sobre organizações da sociedade civil, da reavaliação

dos respectivos papéis do Estado e do mercado. O projeto contou com uma equipe de pesquisadores de 13 países para produzir o primeiro corpo sistemático de dados internacionais sobre filantropia e voluntariado. Hoje, opera em mais de 45 países, abrangendo todos os continentes (CNP, 2016).

Na França, por exemplo, o volume do total do tempo de trabalho voluntário formal, isto é, aquele mensurado pelo governo, é estimado em 820.000 mil postos, em 2002, isto é, 3,3% do total de empregos Franceses ou 3,8% dos assalariados na França, logo, o valor monetário varia de 0,8% para 1,1% do PIB, dependendo do método de avaliação. As associações atraem cerca de 90% deste tempo, os 10% restantes são distribuídos entre organizações privadas e públicas, já que as associações francesas são obrigadas por lei a serem gerenciadas por voluntários, por isso representam a maior parte do setor sem fins lucrativos no país (PROUTEAU e WOFF, 2008).

Corroborando com a abordagem gestonária sobre o trabalho voluntário, Handy e Mook (2010) acreditam que o trabalho voluntário é um recurso econômico de grande importância a milhares de organizações sem fins lucrativos, portanto é preciso gerenciá-lo. As autoras acreditam que a boa gestão de voluntários é um benefício não só aos voluntários e receptores dos serviços sem fins lucrativos, mas também para a organização que se legitima através dos seus programas de voluntariado e evita o desperdício da energia do voluntário.

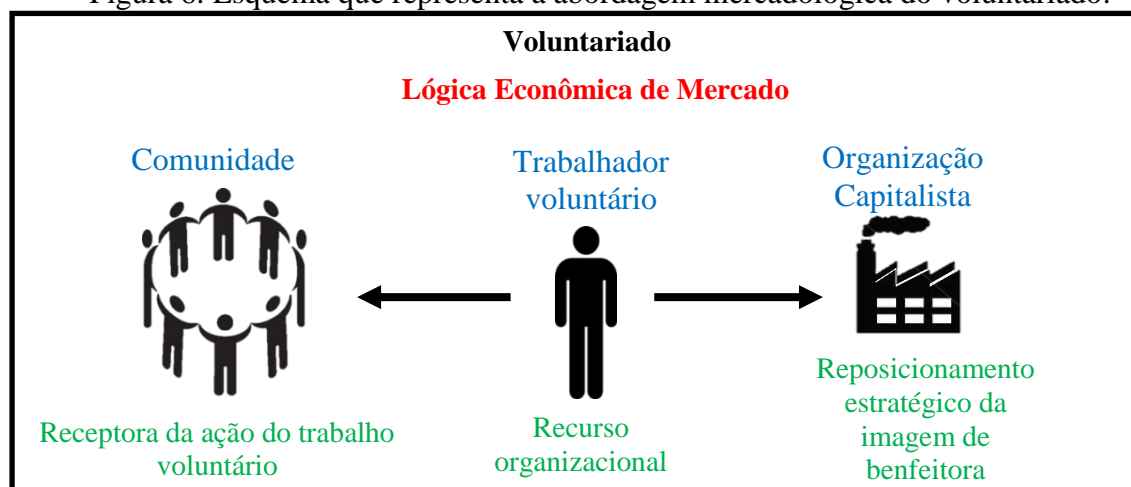
Sabe-se que o modelo econômico do voluntariado suscita uma gama de possibilidade, entretanto, conhecer as motivações para o trabalho voluntário tem sido o aspecto mais estudado, dado a sua importância para a gestão das organizações sem fins lucrativos e seu intuito de atender as necessidades motivacionais dos voluntários e satisfazer suas expectativas.

O gerenciamento do trabalho voluntário, segundo Hand e Mook (2011), é igualmente importante para as organizações como a gestão dos outros recursos, no entanto, muitas organizações vêem o voluntariado como “tempo livre” e, portanto, não o concedem a mesma importância gerencial que os recursos que são pagos. As autoras postulam que do ponto de vista organizacional, é importante considerar os custos e benefícios do trabalho voluntário, visto que os trabalhadores deste tipo de serviço não são motivados pelo salário. Ademais, as autoras defendem o financiamento para a gestão de voluntários, com o intuito de melhor recrutar, gerir e reter os mesmos. Em relação ao ponto de vista do voluntário é preciso examinar a perspectiva do indivíduo, o comportamento, a doação do seu tempo ou outra forma material.

Fisher e Falconer (2001), por sua vez, reafirmam que o voluntariado empresarial traz bons resultados para as empresas que assumem tais iniciativas, assim como para as organizações da sociedade civil com as quais se estabelecem alguma aliança, esta seria, portanto, uma das razões que as empresas voltadas para o mercado, com a finalidade de produzir e comercializar gerando lucros, investiriam em projetos sociais para desenvolverem programas de voluntariado. Os autores delimitaram o voluntariado empresarial, em seu trabalho, como: programa de iniciativa formal da empresa, que se apoia em um comportamento individual e espontâneo, provocado, estimulado e apoiado pela ação da empresa junto de seus funcionários. O programa deve preservar duas características do voluntariado popularmente divulgado, a primeira a participação deve ser facultativa, logo, o engajamento dos funcionários não pode ser imposto, a segunda o trabalho não deve ser recompensado de forma direta ou indireta, por qualquer tipo de remuneração financeira.

A figura 6 apresenta um esquema sobre o pensamento da abordagem mercadológica do voluntariado.

Figura 6. Esquema que representa a abordagem mercadológica do voluntariado.



Fonte: Da autora (2017).

O esquema da figura 6 retrata o imaginário social protagonizado pela lógica econômica do mercado que passou a delimitar as possíveis representações sociais sobre a prática do trabalho voluntário. Observa-se um cooptação do interesse social transformando em interesse empresarial. O trabalhador voluntário passa a ser um recurso que a organização deve gerir. Esta gestão serve: para reter os trabalhadores voluntários nas organizações e (re)posicionar estrategicamente a organização capitalista diante da comunidade coma imagem de uma empresa benfeitora que disponibiliza seus recursos humanos e financeiros por uma



causa social. Esse interesse das organizações capitalistas em disponibilizar seus recursos humanos e financeiros em prol da comunidade é chamado em voluntariado empresarial e pode aumentar expressivamente as receitas fiscais da empresa que adotar um projeto de “responsabilidade social” (SILVA, MIRANDA e DINIZ, 2012).

#### **2.1.4 Abordagem da Representação do Voluntariado**

Essa abordagem foi compreendida como a abordagem mais interpretativa sobre o fenômeno. Está composta por pesquisas que buscaram compreender a percepção dos voluntários sobre o fenômeno. Assim, foram delimitados estudos que contemplam representações, explicações ou ideias que permeiam a atuação voluntária, mais especificamente, essa abordagem encontra-se expressa na literatura com as seguintes preocupações: Quais os significados desta prática para aqueles que a exercem? Quais os sentidos atribuídos pelos voluntários? Qual o valor desta prática social para quem pratica? Qual a essência do trabalho voluntário? O que é o trabalho voluntário para os voluntários?

Boa parte dos trabalhos, no campo da Administração, que admitem tal preocupação podem ser observados na figura 7 (página 48), que é um quadro intitulado de “produções científicas brasileiras sobre o voluntariado nos eventos em administração”.

Silva e Palassi (2009), em sua pesquisa sobre o sentido da participação dos colaboradores voluntários em projetos e ações sociais no estado do Espírito Santo perceberam que os sentidos apontados na pesquisa referem-se à satisfação, omissão, oportunidade, frustração, espiritualidade e missão.

Por outro lado Marcos, Parente e Amador (2013), acreditam que a essência do voluntariado, enquanto atividade materialmente desinteressada, consiste em uma escolha, opção pessoal de dádiva, dedicação a um tempo parcial, motivado por fatores de identificação com a causa da missão e da organização. Portanto, não se trata de um constrangimento, ou tão pouco uma contrapartida laboral, mas uma recompensa identitária do domínio simbólico, distinguido da mão-de-obra assalariada.

Slazar, Leite-da-Silva e Fantinel (2015), por meio de uma abordagem interpretativista, investigaram a motivação para o voluntariado e as construções sociais envolvidas na realização deste trabalho, no qual o grupo se abdicar da recompensa material em favor de recompensas intangíveis. Para os autores, a construção social é o pressuposto básico para surgir a motivação para realizar algo, visto que a mesma se estabelece medida em que o indivíduo vai construindo sua obra.

Silva e Palassi (2009) acreditam que a participação, sempre acompanhou as formas históricas e os modos de viver. Assim, enquanto instrumento de força e mudança social tem grande relevância, visto que a mesma é uma das principais necessidades humanas. Os autores, ao citarem Bodernave (1994), reforçam a idéia de que a participação seja essencial à vida humana, já que segundo o autor, nenhum homem é uma ilha isolada, e desde sempre, vive em conjunto com seus iguais.

### **2.1.5 Abordagem Ideológica: A crítica ao “Novo Voluntariado”**

A abordagem ideológica do voluntariado insere-se em um contexto estrutural do modo de produção capitalista, que tornou o mercado o condutor de políticas. Alguns trabalhos que se enquadram nessa perspectiva denunciam apropriação feita pelo capital ao voluntariado, a exemplo têm-se Bonfim (2010), Nascimento (2011), Maior e Teixeira (2015), Silva, Miranda e Diniz (2012).

Corroborando a esta abordagem ideológica, Bonfim (2010) traça em seu trabalho algumas determinações econômicas e ideopolíticas que culminaram a “cultura do voluntariado no Brasil”. Assim, ao citar Mota (2000, p. 4), a autora sugere que “no leito da crise brasileira dos anos 1980, vem sendo gestada uma cultura política da crise que recicla as bases da constituição da hegemonia do grande capital”, isto indica que exista uma tendência geral ao enfretamento da crise, no qual o traço dominante é a ideia de que a crise afeta igualmente toda a sociedade, desta forma a saída da mesma requer, além de sacrifícios, ajuda mútua, criando um imaginário social que é terreno fértil para a expansão da atividade voluntária.

Nota-se, porém, ainda segundo a autora, que os sacrifícios que deveriam ser de todos, na prática, só são exigidos pela classe trabalhadora, visto que, os argumentos e soluções da classe patronal envolvem: redução da jornada de trabalho associada à redução do salário; diminuição dos “encargos sociais” e seus direitos básicos como, o 13º salário, seguro desemprego entre outros; reprodução da força de trabalho; mão de obra terceirizada o que elimina boa parte dos encargos sociais, supracitados. Tais alternativas são utilizadas justamente para aumentar o número de postos de trabalho “em momentos de crise” e diminuir os direitos já conquistados.

A caridade, assistência ou filantropia, termos genericamente atrelados ao voluntariado, podem ser vistos como manifestações de cidadania e solidariedade geradas pela

desordem mundial. Desta forma, esta atividade organizada passou, nas últimas décadas, a se colocar ao lado do Estado e do mercado (MAIOR e TEIXEIRA, 2015).

Nascimento (2011, p. 1-2), por sua vez, fundamenta seu trabalho no “contexto dos ajustes estruturais do modo de produção capitalista” que outorgou ao mercado, a partir dos anos de 1990, ser o “grande ordenador das políticas”, o que promoveu algumas reformas na organização do Estado. Tais reformas intensificaram a desobrigação do Estado quanto ao provimento de direitos e crescente promoção de parcerias com o setor privado. A autora salienta que o voluntariado, atualmente, tem sido uma presença constante em megaeventos nacionais e internacionais, em especial, os eventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, ao longo do texto, ela demonstra como o “o trabalho voluntário esportivo está caracterizado como representação da reestruturação produtiva do capital monopolista, visto que os megaeventos são os novos filões do lucro”.

Esta forma de voluntariado observada anteriormente é chamada de “voluntário olímpico” e ilustrativamente, pode-se citar o trabalho voluntário planejado para os jogos de 2016. Segundo Maior e Teixeira (2015, p. 2) esse e outros voluntariados ligados aos megaeventos que aconteceram e acontecerão no Brasil operam na lógica do estado de exceção econômico permanente, visto que a razão que circunda o mercado tornou-se a razão do Estado. Assim, há uma profunda contradição entre a razão que liberta e a razão que oprime, no qual “impõe-se a adaptação do direito interno aos imperativos neoliberais do capital financeiro, por meio da diminuição das possibilidades de interferência popular, bem como da limitação dos direitos da população em geral” com vista a garantir a propriedade privada e a acumulação capitalista. Os autores, ao parafrasearem Gilberto Bercovici (2004), acreditam os princípios da prática do voluntariado, destinados aos megaeventos, foram suspensos e violados para que o capitalismo seja garantido.

Coerentemente com a linha de raciocínio exposta, a razão de mercado aplicada à razão do Estado promove a erosão da vida democrática ao mínimo, visto que o mercado acaba tomando as decisões políticas, independentemente da vontade popular, aproveitando-se de um momento de fragilidade de sindicatos, partidos políticos ou o próprio parlamento. Assim, para que o capitalismo seja garantido, as constituições democráticas e sociais são impedidas de sua concretização por terem seus princípios constantemente violados (BERCOVICI, 2004).

Silva, Miranda e Diniz (2012, p. 81), por sua vez, ao ponderarem sobre o trabalho voluntário docente, discorrerem sobre um termo referenciado pelos mesmos como os novos formatos da filantropia capitalista, por meio do trabalho voluntário. Tais reflexões coadunam com a abordagem ideológica, pois colocam em pauta “novas modalidades de produção de

mais-valia, por um histórico mecanismo de intensificação laboral: o aumento da jornada de trabalho”, “novas configurações do atual ciclo produtivo” que perpassam pela ideia de responsabilidade social empresarial. Para tanto, os autores colocam em relevo práticas pedagógicas desenvolvidas nas empresas com “responsabilidade social” e como estas práticas vem se consolidando em uma nova modalidade de trabalho docente. Para os autores a análise da ação voluntária mostra-se paradoxal, contraditória e ambígua, pois na contemporaneidade, apreende também os processos de intensificação laboral constituinte de um conjunto de mecanismos da administração capitalista, que incidem sobre as dimensões subjetivas do trabalhador, com vista a ampliação do capital.

Nascimento (2011, p. 3) declara que é neste contexto da lógica econômica de mercado que surge o “Novo Voluntariado”, “alienado pela ideologia e concorrendo para expandir os ganhos do capital, o que corrobora para a instrumentalização da ação voluntária.

Continuando, fez-se necessário contextualizar as pesquisas no campo da Administração que versam sobre o tema, e, também, compreender como o Brasil reconhece legalmente a atividade voluntária. Tal propósito foi feito no tópico a seguir.

## **2.2 O Voluntariado no Brasil: Aspectos Legais e Pesquisas Desenvolvidas**

É possível que a história do voluntariado no Brasil tenha surgido por volta do século XVI, por ação de organizações religiosas que fundaram a Santa Casa de Misericórdia, em 1543. Ainda nos primeiros anos de colonização Brasileira, o voluntariado surgiu como um conforto para as causas sociais, passando por diversas transformações até contrair as variações do atual modelo contemporâneo de voluntarismo (FERRARI, 2008; GIROTO e outros 2008).

Foi em 1985 que o então presidente, José Sarney, instituiu sob a lei de número 7.352, em 22 de agosto do referido ano, o Dia Nacional do Trabalho Voluntário. Não obstante, só em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, que foi instaurada a Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro que dispõe sobre a prática. Tal lei considera em seu artigo primeiro o serviço voluntário como:

“a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade” (BRASIL, 1998).

Estaria o Estado estabelecendo a dependência do voluntariado a uma organização específica? Essa seria a natureza do trabalho voluntariado na sociedade Brasileira? O perigo da instrumentalização desta prática perpassa até mesmo pela legislação Brasileira que

restringe a ação do voluntariado a programas e projetos a organizações específicas. De acordo com o Congresso Nacional, o serviço voluntário não determina o vínculo empregatício, assim também, não suscita a obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Em 16 de Junho de 2016, o vice-presidente de a república Michel Temer, no exercício do cargo de presidente da república, decretou e sancionou a Lei nº 13.297, que alterou a lei nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, artigo 1º, incluindo a assistência à pessoa como objetivo de atividade não remunerada reconhecida como serviço voluntário. Assim, passou a vigorar a seguinte redação:

“Art. 1o\_ Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa (BRASIL, 2016a).

Ainda sobre a Lei nº 9.608, o parágrafo único, do artigo 1º, dispõe que “o serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim (BRASIL, 1998)”. Assim, de acordo com o Estado a caracterização do serviço voluntário teria uma relação inversa à caracterização do vínculo empregatício, sendo o seu maior contraponto a ausência da onerosidade.

Para desenvolver o pensamento iniciado no parágrafo anterior fez-se mister revisitar a normatização das Leis Trabalhistas. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) considera em seu artigo 3º que o empregado é “toda pessoa física que prestar serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário” (BRASIL, 1943). Estabelece, também em seu artigo 442º que o contrato individual de trabalho pode ser um acordo, tácito ou expresso, correspondente à relação de emprego. Portanto, o objeto do contrato de trabalho seria a prestação de serviço subordinado, não eventual do emprego ao empregador, mediante o pagamento de salário. Portanto, para que se caracterize o vínculo empregatício é necessário que haja: a) habitualidade, não podendo ser prestado eventualmente; b) subordinação via dependência econômica, técnica, hierárquica, jurídica ou social; c) onerosidade, não é gratuito; d) pessoalidade, realizado sempre por uma única pessoa, enquanto durar o contrato não podendo substituir por outra. A presença de tais elementos culmina o vínculo empregatício e se faz originar todas as obrigações trabalhistas.

Avançando na leitura da Lei do Voluntariado de 1998, o artigo 2º, sumariza que o serviço voluntário deve ser exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício. Assim também, de acordo com o artigo 3º “o prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no

desempenho das atividades voluntárias”, o parágrafo único deste artigo, dispõe que tais despesas a serem ressarcidas “deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário”

Diante disso, o manual do terceiro setor, documentado pelo Instituto Pro Abono, recomenda que: a) o voluntário tenha relativa autonomia em sua participação nas atividades da associação, não ficando subordinado a um chefe; b) O voluntário participe das atividades da associação de forma eventual, por prazo determinado, com dias e horas determinados e tarefas específicas; c) Eventual ajuda de custo recebida pelo trabalho voluntário prestado deverá ser feita mediante recibo, no qual o voluntário deverá declarar que está ciente de que o valor recebido não configura salário. No entanto, esta prática não é recomendável, pois apresenta riscos para a entidade na medida em que o voluntário pode pleitear o reconhecimento da relação de emprego; d) O trabalho prestado pelo voluntário seja impessoal, ou seja, qualquer outra pessoa interessada em prestar aquele trabalho possa fazê-lo.

Maior e Teixeira (2015, p. 8), em um artigo sobre o trabalho voluntário na organização das olimpíadas e paraolimpíadas, declaram que a ausência da onerosidade descaracteriza a relação de emprego, configurando-a em trabalho voluntário ou gratuito, a qual se torna uma modalidade excepcional de relação de trabalho. Portanto, para tal atividade deve estar presente “a índole graciosa do prestador (sem onerosidade), a qual não é afastada com o ressarcimento de despesas relativas ao próprio serviço (caráter indenizatório), segundo o art. 3º, da Lei nº 9.608/98.” Não obstante, cabe ressaltar que no voluntariado, a regulamentação da lei não se faz obrigatória visto que ou a pessoa se ativa em nome de uma convicção cívica ou religiosa, tendo o direito de sair e entrar a hora que lhe aprouver ou a pessoa colocar-se-ia diante de um aproveitamento de mão de obra clandestina, se a entidade vir a estabelecer níveis crescentes de exigências, horários, metas e condições de trabalho. Logo, o artigo 2º que regulamenta a atividade deve ser interpretado apenas como uma recomendação.

Giroto e outros (2008) tecem em seu trabalho uma relação entre a reforma do estado e a lógica do voluntariado. Para os autores é na redefinição do papel do estado, sob seus aspectos governamentais que o estado cedeu a responsabilidade direta do desenvolvimento econômico e social para a produção de bens, se fortalecendo na função de regulador. Segundo Bresser Pereira (1998) o projeto da reforma encarou o debate nacional em torno da reforma administrativa como uma possibilidade de superação tanto da forma patrimonialista de administrar o Estado brasileiro, como criticar e oferecer uma alternativa gerencial à administração pública burocrática.

A reforma do estado começou no governo de Fernando Collor de Mello. Entretanto, foi nos governos de Itamar Franco, em que o controle da inflação foi alcançado, e o governo de Fernando Henrique Cardoso, sob o monitoramento do Fundo Monetário internacional que se implantou uma política de defesa à Constituição Federal expressa por meio de três eixos, sejam eles: “a maior abertura possível da economia aos capitais internacionais, a privatização do patrimônio público e a redução dos direitos sociais com a desregulamentação das Leis Trabalhistas” (GIROTO e outros. 2008, p. 21).

“De fato, pouco se sabe a respeito dos trabalhadores voluntários no Brasil” (SOARES, 2014, p. V). De acordo com dados do IBGE, na síntese de indicadores sociais de 2013, atualmente no Brasil são cerca de 16 milhões de trabalhadores voluntários. Com efeito, “as atividades de cuidado, os afazeres domésticos e o voluntariado são formas de “trabalho” que têm uma enorme implicação social, além da repercussão sobre a distribuição do tempo das pessoas” (IBGE, 2013, p. 151).

Soares (2014, p. V) acredita que quase 208 mil trabalhadores voluntários em 2012, o equivalente a 0,17% da população de 15 a 64 anos de idade no país trabalhavam em média 21 horas por semana. A autora, em sua pesquisa sobre a oferta do trabalho voluntário no Brasil, utilizou os dados da PNAD/IBGE e constatou que as “pessoas com menores rendimentos potenciais do trabalho (custo de oportunidade) têm maior probabilidade de serem voluntárias e dedicam mais tempo ao voluntariado”, assim também a oferta de trabalho voluntário “aumenta com a renda domiciliar dos demais moradores e escolaridade, e sua relação com a idade tem formato de U.” Os dados do *pooled Probit* e *Tobit*, que consiste em uma análise estatística e econométrica que estimou a probabilidade de ofertar trabalho voluntário inferindo-a a partir de outras observadas. Também indicam que entre os homens, a renda não proveniente do trabalho é um fator que exerce influência positiva sobre a decisão de despender algumas horas por semana em atividades voluntárias. Todavia, entre as mulheres, a disponibilidade para trabalhar voluntariamente diminui com a presença de crianças no domicílio.

O ato de ser voluntário para Giroto e outros (2008) encontra-se imbricado na história humana, ressalta-se sua enorme importância na sociedade brasileira, sendo derivado de ações espontâneas que na verdade, abrange velhos conceitos, ganhando novos significados para a resolução dos problemas sociais na realidade em que se vive.

Em uma pesquisa sobre filantropia e cidadania realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), foi constatado que no Brasil cerca de 70% dos entrevistados fazem doações

ou participam de atividades voluntárias em organizações sociais, pautadas em sua crença religiosa (DOMENEGHETTI, 2001).

Para Rodrigues e outros (2014) o trabalho voluntário, atualmente, vem se tornando um campo de grande relevância acadêmica, sobretudo nos estudos em administração. É perceptível nesta área, um interesse acentuado pela abordagem de gestão do voluntariado, o que gera uma forte tendência em profissionalizar a atividade, transpondo técnicas gerenciais oriundas da esfera privada. Com o intuito de mapear a produção científica sobre o voluntariado nos estudos em Administração, e corroborar com os autores supracitados, elaborou-se a figura 7.

A figura 7 é um quadro que sintetiza a produção científica brasileira sobre o voluntariado nos principais eventos de administração, qualificados pela capes como “E1 ou E2”. Para tanto, foram feitas buscas no portal da internet da ANPAD (Associação Nacional de Pós-graduação em Administração), na página dos eventos vinculados a esta: EnANPAD (Encontro da ANPAD), EnEO (Encontro de Estudos Organizacionais), EnGPR (Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho) e EnAPG (Encontro Nacional de Administração Pública e Governança); a outra busca foi feita na página do Semead (Seminários em Administração), este último evento vinculado à FEA USP. Faz-se necessário ressaltar que ambas as buscas foram feitas no mês de maio de 2016. Observe:

Figura 7. Produções Científicas Brasileira sobre o Voluntariado nos eventos em Administração.

<b>Produções Científicas Brasileira sobre Voluntariado nos Eventos em Administração</b>			
<b>Evento</b>	<b>Edição</b>	<b>Nome</b>	<b>Qualis Capes</b>
ENANPAD	2014	A Dinâmica da Representação Social sobre o Trabalho Voluntário: um Estudo na Associação de Voluntários da APAE de Venda Nova do Imigrante	
	2013	A Prática do Voluntariado e o Significado de Ser Voluntário: um Estudo à Luz da Teoria da Comunidade de Prática na Rede Feminina de Combate ao Câncer	
	2013	O Tornar-se voluntário da Rede Feminina de Combate ao Câncer: a Aprendizagem Situada	
	2009	O Trabalho Voluntário em Organizações do Terceiro Setor: Caracterização dos Saberes Necessários para Atuar na Questão do Hiv/Aids	
	2008	Fatores Condicionantes da Motivação de Colaboradores Voluntários: Estudo de Caso de uma Empresa Júnior da Universidade Federal de Alagoas	
	2008	Exercício de Responsabilidade Social e de Desenvolvimento Sustentável: O caso do Voluntariado Empresarial em Portugal	
	2006	Elementos do Comportamento Organizacional no	



continuação		Trabalho Voluntário: Motivação na Pastoral da Criança à Luz da Teoria da Expectância	
	2004	Gestão Participativa e Voluntariado: Sinais de uma Racionalidade Substantiva na Administração de Organizações do Terceiro Setor	
	2004	Voluntariado Empresarial: uma Questão de Legitimidade?	
	2002	Motivação em Programas de Voluntariado Empresarial: um Estudo de Caso	
	2002	Voluntariado e Rede: o Caso do Albergue João Paulo II em Porto Alegre	
	2002	Voluntariado: entre a Utopia e a Realidade da Mudança Social	
	2001	Voluntariado Empresarial: Modismo ou Elemento Estratégico?	
EnEO	2014	Sou feliz por ajudar os outros?	E1
	2012	Responsabilidade Social Corporativa: o Que Há de Voluntário no Trabalho Voluntário?	
	2012	Fraude no Voluntariado: um Paradoxo?	
	2006	Por uma Crítica Anti-Utilitarista da Gestão do Voluntariado: Reflexões à luz do Caso Obras Sociais Irmã Dulce (OSID)	
	2004	Quais Seriam as Motivações para Funcionários Se Engajarem em Programas de Voluntariado Empresarial e Que Tipo de Relação de Troca Se Realiza Nesta Ação Voluntária?	
EnGPR	2015	Motivações para o Trabalho Voluntário: Reflexões a partir de um Framework Teórico	E1
	2015	Estratégia de Inventar a Vida na Lógica do Trabalho Imaterial: o Acolhimento Temporário de Animais.	
	2015	A Dádiva do Voluntariado: Reflexões sobre as Razões de Ser Voluntário	
	2015	Voluntariado Esportivo, Trabalho e a Síndrome Burnout: uma Equação Difícil	
	2013	A Eminência de uma Gestão de Pessoas Voltada para a Força de Trabalho Voluntária	E1
	2009	Motivação para o Trabalho Voluntário Contínuo: Um estudo etnográfico no Núcleo Espírita Nosso Lar	
	2007	Fatores que Geram a Evasão no Trabalho Voluntário	
	2007	Desenho do Trabalho Voluntário e Comprometimento Organizacional: um Estudo nas Organizações Não Governamentais	
	2007	CCQ Social: tecnologia de gestão de pessoas no voluntariado empresarial	
	2007	A motivação dos funcionários do Banco do Brasil no Recife para participar de programas de Voluntariado Empresarial: um exame com base na Teoria da Expectância	
EnAPG	<b>2012</b>	O Público Estatal e Não Estatal na Delimitação do Campo da Gestão Pública	E1
	<b>2010</b>	Produção Científica sobre Participação no Terceiro Setor: Uma Análise a Partir dos Artigos Publicados nos Principais Eventos e Revistas Nacionais de Administração (1997-2009)	

	<b>2010</b>	Conselhos Gestores de Políticas Públicas: Espaços de Encontro para a Co-produção dos Serviços Públicos	
	<b>2006</b>	A Proposta do Novo Serviço Público e a Ação Comunitária de Bairro: um Estudo de Caso	
	<b>2004</b>	Banco Sesc de Alimentos: uma Experiência de Geração de Capital Social	
	<b>2004</b>	Trabalho Voluntário: Isonomia ou Economia	
continuação	<b>XVIII</b>	Gestão do Voluntariado: Um Panorama dos Estudos Realizados no Brasil.	E2
	XVIII	Gestão de Pessoas em Organizações do Terceiro Setor: Manutenção de Recursos Humanos Voluntários	
	XVII	Estudo Comparativo da Motivação Voluntária Pela Causa Animal	
	XIV	O Valor do Sucesso da Missão Nas Osfl: Um Caso Particular do Trabalho Voluntário no Grupo de Apoio à Criança e Ao Adolescente Com Câncer (graacc).	
	XIV	A Gestão das Organizações do Terceiro Setor: Descrição da Estrutura de Uma Associação Na Cidade de Marília.	
SemeAd	XIII	A Essência do Terceiro Setor e Sua Relevância Na Sociedade: Um Estudo de Caso Realizado em Um Centro Comunitário da Cidade de Campinas	
	XIII	Trabalho Docente Voluntário Na Universidade Federal de Santa Catarina: Um Estudo Exploratório Sobre Motivações e Relações de Trabalho	
	XII	Voluntariado Empresarial: Programa de Voluntariado Empresarial da SpaS.a.	
	XI	Reflexões Sobre O Voluntariado e O Voluntarismo Na Perspectiva de Gênero no Estado do Paraná	
	X	Um Estudo de Caso Relacionado à Liderança no Programa de Extensão de Serviços à Comunidade - Pesc	
	VIII	Voluntariado Empresarial - Benefícios Agregados Às Empresas e Seus Empregados	
	VIII	Responsabilidade Social Corporativa: Um Estudo de Caso Relativo à Construção de Alianças Estratégicas Para Atuação Social	

Fonte: Da autora (2016).

Percebe-se que, embora, a temática do voluntariado não seja tão recente nas ciências sociais, nos estudos em Administração a temática ainda o é, carecendo de estudos mais aprofundados que contemple diversas facetas do voluntariado, e isto inclui o chamado “Novo voluntariado”, como por exemplo: o voluntariado empresarial, ou corporativo, voluntariado turístico, voluntariado olímpico, voluntariado em hospitais, docência voluntária, entre outros. Ademais, boa parte dos estudos encontrados estão direcionados para a abordagem motivacional, abordagem gestonária ou mercadológica e abordagem representativa. Assim, foram encontrados nas buscas efetuadas no mês de maio de 2016, 46 artigos que de alguma forma versam sobre o voluntariado, destes 13 foram publicados nos anais do Enanpad, 5

foram publicados nos anais do Eneo, 10 foram publicados nos anais do EnGPR, 6 foram publicados nos anais do EnAPG e 12 foram publicados nos anais do SemeAD. Vale ressaltar que este último evento, em sua VII edição criou uma sub-área com o título de organizações do terceiro setor, local propício para o desenvolvimento e estudo do voluntariado.

O quadro da figura 8, por outro lado, traz a produção científica brasileira sobre o voluntariado, nos principais periódicos em administração, qualificados pela capes como “A2”. Para efeito de busca, visitou-se a página eletrônica dos periódicos: Cadernos EBAPE.BR, Organizações & Sociedade, RAC – Revista de Administração Contemporânea, RAE – Revista de Administração de Empresas e, por último, RAUSP – Revista de Administração da USP. As buscas foram efetuadas no mês de junho de 2016.

Figura 8. Produções Científicas Brasileira sobre o Voluntariado nos Periódicos em Administração.

<b>Produções Científicas Brasileira sobre Voluntariado nos periódicos em Administração</b>			
<b>Periódicos</b>	<b>Ano</b>	<b>Nome</b>	<b>Qualis</b>
Cadernos EBAPE.BR	2005	Perspectivas da participação do público através de ONGs para a gestão ambiental na América Latina	A2
Organizações & Sociedade	2002	Filantropia empresarial e trabalho voluntário: interação e conflito na gestão de voluntariado	A2
	2006	Responsabilidade Social, Voluntariado e Comunidade: Estratégias Convergentes para um Ambiente de Co-Produção do Bem Público	
	2009	Os Sentidos da Participação dos Colaboradores nos Projetos e Ações Sociais dos Correios do Estado do Espírito Santo	
	2012	Motivação para o trabalho voluntário contínuo: uma pesquisa etnográfica em uma organização espírita	
RAC - Revista de Administração Contemporânea	1999	El Control Organizativo em las Organizaciones No Gubernamentales: un Estudio de la Realidad Española	A2
	2007	Pobres no Ter, Ricos no Ser: Trabalho Voluntário e Motivação na Pastoral da Criança	
	2014	Dependência e Criação de Trajetória na Organização Não Governamental Parceiros Voluntários	
RAE - Revista de Administração de Empresas	2005	Responsabilidade Social: Ideologia, Poder e Discurso na Lógica Empresarial	A2
	2007	O Discurso das Fundações Corporativas: Caminhos de uma "nova" Filantropia?	
RAUSP - Revista de Administração	2015	Motivação para entrada de voluntários em ONG brasileira	A2
	2001	Programa de voluntariado empresarial: modismo ou elemento estratégico para as organizações	
	2001	Voluntariado empresarial – estratégias de empresas no Brasil	

Fontes: Da autora (2016).

Ao analisar a figura 8, observa-se que, das revistas nacionais qualificadas como “A2” pelo *qualis* capes, apenas nos periódicos Cadernos EBAPE.BR, Organizações & Sociedade, RAC - Revista de Administração Contemporânea, RAE - Revista de Administração de Empresas, RAUSP - Revista de Administração foi encontrada alguma produção científica referente ao voluntariado. Portanto, encontrou-se 13 publicações, das quais 1 foi publicada no periódico Cadernos EBAPE.BR, 4 foram publicadas no periódico Organizações & Sociedade, 3 foram publicadas na RAC - Revista de Administração Contemporânea, 2 foram publicadas na RAE - Revista de Administração de Empresas e 3 foram publicadas na RAUSP - Revista de Administração.

Vale ressaltar que boa parte dos estudos encontrados estão direcionados para as abordagens aqui intituladas de: abordagem funcional da motivação para o voluntariado, abordagem da gestão do voluntariado, abordagem mercadológica e abordagem representativa.

Corroborando com os resultados desta busca, Dias e Palassi (2007), em seu artigo sobre a produção científica brasileira sobre o voluntariado, fizeram um levantamento e analisaram os artigos publicados nos anais dos principais eventos e revistas em Administração nos anos de 1999 a 2006 e estruturaram uma tabela na qual constava a relação e o número de artigos publicados por ano e por veículo. Assim, perceberam que o maior número de publicações estava concentrado no período compreendido entre 2002 e 2004, com a média de 04 publicações por ano. Destaca-se que no ano de 2006 houve 5 publicações, sendo que destas 4 eram publicações em eventos e 1 era publicação em revista, o que implica que a principal forma de veiculação das publicações sobre o voluntariado seja os eventos científicos. Ressalta-se entre estes, o EnANPAD que na época alcançou 40% dos artigos, seguido pelo Colóquio de Poder Local, que apesar de suas edições esporádicas concentrou 20% das publicações.

Não obstante, segundo Dias e Palassi (2007) nas publicações de revistas, verificou-se um baixo número de produções sobre o tema. Ademais, os artigos encontrados eram somente dos anos de 2001, 2002, 2003 e 2006, e várias revistas qualificadas como “A” pela capes não tinham publicações sobre o tema, como a RAP, a RAE e a RAC. Observou-se também que as publicações sobre o voluntariado aumentaram a partir de 2001, com o advento do Ano Internacional do Voluntariado decretado pela Organização das Nações Unidas – ONU.

Após as explicações sobre os aspectos legais que o Estado Brasileiro dispunha sobre o voluntariado no momento da pesquisa e sobre as publicações da temática na área de Administração – campo de estudo dessa dissertação – procedeu-se com as explicações sobre o fenômeno em análise, o voluntariado olímpico.

### 2.3 O Voluntariado Olímpico

Sabe-se que as pessoas se voluntariam por diversas causas e situações, seja para atividades relacionadas à educação, saúde, bem-estar, festivais ou até mesmo em megaeventos esportivos. O último mostra-se particular à medida que envolve um grande número de voluntários de culturas, nacionalidades distintas e despendem maiores recursos para a seleção e recrutamento conforme suas habilidades.

As pesquisas com voluntariado em megaeventos esportivos, ainda são recentes. Até porque, a categoria megaeventos também o é. Segundo Santos Junior (2013), o megaevento esportivo pode ser visto como um legado do empreendedorismo neoliberal, fruto da relação entre o poder público e o poder privado, que traz a tona a revitalização e valorização mercantil das metrópoles, realocação de populações em situação de vulnerabilidade, estando em geral, associados a grandes intervenções urbanas. Assim, os recentes processos de modernização, globalização e desenvolvimento da tecnologia estão associados à difusão dos megaeventos esportivos na sociedade neoliberal.

Por seu caráter recente, na maioria das vezes, a revisão de literatura dos estudos sobre voluntariado em megaeventos esportivos centra-se em peças seminais sobre a motivação voluntária no contexto norte-americano, como por exemplo, Clary e outros (1996; 1998) Smith (1975; 1994).

Clary, Snyder e Stukas (1996) foram os pioneiros a utilizar a abordagem funcional sobre a motivação para o voluntariado e relacionaram as motivações à seis funções: valor da atividade, aprendizagem, carreira, relações sociais, proteção do ego e compreensão. Já Smith (1994) analisou a razão pelo qual as pessoas participam de programas e associações como voluntários. No entanto, de acordo com Dickson, Benson e Terwiel (2014), há diferenças nas motivações para o voluntariado em contextos de rotina (tais como: grupos comunitários, voluntariados filantrópicos, empresariais entre outros) e voluntariado em megaeventos, como Olimpíadas e Paraolimpíadas, já que estes não ocorrem com tanta frequência quanto os outros.

Dickson, Benson e Terwiel (2014) ao analisarem se existiam similaridades entre as motivações para se voluntariar nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Vancouver 2010 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Londres 2012, observaram que o perfil demográfico dos sujeitos de pesquisa, em sua maior parte, eram mulheres, com idades superiores a 35 anos, que trabalhavam por tempo integral ou parcial e haviam tido experiências anteriores de

voluntariado. Dentre as motivações para esse tipo de voluntariado encontra-se o desejo de tornar o evento um sucesso e a possibilidade de dar retorno à sua comunidade.

No contexto brasileiro, por exemplo, a realização das Olimpíadas e Paraolimpíadas envolveu parcerias entre o poder público e privado para que se cumprisse com as recomendações do Comitê Olímpico Internacional – “pessoa jurídica domiciliada no exterior, de duração ilimitada, na forma de associação com personalidade jurídica e reconhecida pelo Conselho Federal Suíço” (BRASIL, 2013, p1).

Desde a conquista do Brasil, em 2009, para sediar as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, o governo federal investiu mais de R\$ 4 bilhões de reais em infraestrutura física para a construção de centros de treinamento de diversas modalidades, bem como a modernização dos centros já existentes. Esses recursos foram destinados à construção de duzentos e quarenta e nove Centros de Iniciação ao Esporte, quarenta e sete pistas oficiais de atletismo e dez instalações olímpicas na cidade do Rio de Janeiro, além de possibilitar a reforma e a construção de locais de treinamento durante os jogos em unidades militares e na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (BRASIL, 2016b).

Além disso, o governo brasileiro por meio da Lei nº 12.780, que dispõe sobre medidas tributárias referentes à realização no Brasil, dos Jogos Olímpicos de 2016 e dos Jogos Paraolímpicos de 2016, concedeu ao COI, ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos Rio 2016, aos Comitês Olímpicos Nacionais, ao World Anti-Doping Agency - WADA - agência internacional independente, domiciliada no exterior, que promove, coordena e monitora o combate às drogas no esporte, ao Court of Arbitration for Sport - CAS - organismo de arbitragem internacional, domiciliado no exterior, criado para resolver litígios relacionados com o desporto, ao patrocinadores dos Jogos, ao prestadores de serviços do COI, às empresas de mídia e transmissores credenciados, ao voluntários dos Jogos entre outros para gozar dos benefícios tributários da lei, na concessão de isenções sobre importação, imposto sobre a Renda Retido na Fonte – IRRF, imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguro, ou relativas a Títulos ou Valores Mobiliários - IOF; contribuições sociais para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público incidente sobre a importação - PIS/Pasep-Importação e Financiamento da Seguridade Social incidente sobre a importação de bens e serviços - COFINS-Importação (BRASIL, 2013).

Enfim, foram várias as concessões feitas pelo Estado brasileiro ao COI, à comissão organizadora do evento e às instituições que de alguma forma estavam ligadas a ela, sejam nacionais ou internacionais, públicas ou privadas, para que o megaevento pudesse acontecer.

Todo esse contexto socioeconômico, político e de negociação brasileira frente à comunidade internacional para sediar este megaevento, situa historicamente muitas discussões sobre a posição subalterna que o Brasil ocupa na matriz social do discurso do sistema capitalista, da ideologia neoliberal, das relações de poder internacionais.

Prosseguindo-se com a discussão apresentada nesta dissertação fez-se no tópico a seguir uma reflexão sobre o referencial teórico apresentado.

## **2.4 Reflexões sobre Trabalho Voluntário, Serviço voluntário e Voluntariado**

A partir do referencial teórico apresentado observou-se a proeminência de três nomenclaturas nas pesquisas e documentos visitados sobre o tema através da revisão de literatura, são eles: trabalho voluntário, serviço voluntário e voluntariado.

Boa parte da literatura internacional nas ciências sociais apresenta os conceitos de *Volunterism* ou *Voluntering* que podem ser traduzidos na língua portuguesa por voluntariado. Tal conceito corresponde a uma evolução da pesquisa sobre o tema, uma vez que a compreensão do mesmo abarca outros termos como: ação individual ou coletiva, participação voluntária, atuação voluntária informal ou vinculada a instituições, doações, entre outros não previstos pela concepção de trabalho ou serviço voluntário.

Desta forma, o voluntariado demonstra algumas particularidades em relação aos conceitos de trabalho voluntário e serviço voluntário, por justamente mostrar as contradições do fenômeno e características particulares em um dado momento histórico. Logo, o voluntariado também é ação, participação, doação, mobilização, organização de pessoas e outras formas como ele pode se manifestar empiricamente, nas várias formas de se voluntariar. Assim, o termo sintetiza um conceito mais complexo, no sentido de avançar teoricamente na discussão sobre o fenômeno. Nessa dissertação optou-se por adotar a concepção de voluntariado, visto que o termo pode abarcar os demais.

Na literatura nacional podem-se encontrar os três conceitos sem que eles discordem entre si, por exemplo, nas produções científicas em eventos ou periódicos são comuns as nomenclaturas voluntariado e trabalho voluntário. Por outro lado, a legislação brasileira adota um termo, de certa forma, já ultrapassado que é o serviço voluntário. A concepção de serviço voluntário assume a primazia da prestação de um trabalho, como recurso produtivo, à instituições e não abarca outras formas de voluntariar como a “doação monetária” ou “disponibilizar um tempo às pessoas em situação de risco” consideradas como voluntariado por autores como Prouteau e Wolff (2008, p. 315).

As críticas que se estabelecem, não são nas ações voluntárias em si, mas em como o voluntariado se tornou funcional ao capital na atualidade. Reforça-se a necessidade de perceber as particularidades deste fenômeno na sociedade brasileira, observando as contradições que o envolvem e o constituem (BONFIM, 2010).

Com o intuito de explicar como o “voluntariado se tornou funcional ao capital”, posicionamento proposto por Bonfim (2010) e da qual se compartilha, prossegue-se com uma breve discussão sobre o trabalho, seus elementos históricos, e a tentativa de configurar o voluntariado em forças de trabalho produtivas que contribuem com os interesses de acumulação capitalista dos grupos hegemônicos.

A etimologia da palavra trabalho está ligada ao verbo romano *tripaliare*, do latim *tripalium* que significa “instrumento de tortura”, (HOUAISS, 2009). Assim também, autores como Albornoz (2004) e Vatin (1999) reconheceram este sentido original de padecimento, tortura e sofrimento no vocábulo trabalho. Contudo, Silva, Lima e Rosso (2001) declaram que o trabalho, de forma ontológica, é construtor de identidade individual e social, não deveria ter se tornado, pois, em sofrimento e tortura.

Independente dos pressupostos epistemológicos da pesquisa desenvolvida é impossível falar de trabalho sem visitar a contribuição da tradição marxista sobre o termo. Assim, para esta tradição quando se fala em trabalho, também se fala em homem, visto que o trabalho é elemento fundante da vida humana. A positividade do trabalho reside na sua dimensão ontológica fundamental, já que por meio dele, o homem pode ser livre, para criar, conscientemente a realidade indo além da existência orgânica à sociabilidade (LUCKÁCS, 2015)

Silva, Lima e Rosso (2001) acreditam que o trabalho pode também adquirir um significado de destruição para o agente que o executa, no momento em que o trabalho é convertido em força de negatividade, o que inverte o seu papel ontológico de construtor de identidade individual e social. Nesse sentido, as formas de violências veladas no contexto laboral destroem as possibilidades de reflexão do agente, submete-o a exploração, consome seu corpo, sua mente, seu espírito, sua alma, ao passo que não contribui para o desenvolvimento humano e destrói sua capacidade construtiva.

Mafra (2014, p. 9), por sua vez, reitera a ideia do trabalho como um “processo e como categoria relacional, não se resumindo ao emprego assalariado, formal, vinculado a empresas ou desenvolvido exclusivamente em áreas urbanas”. De fato, como é afirmado pela autora, o trabalho é uma construção histórica, que constitui as subjetividades individuais e coletivas como também os próprios sujeitos.



Para Antunes (2001), há uma profunda (des)sociabilização contemporânea, na qual o trabalho passou a corroer a força humana que trabalha, destruindo os direitos sociais, brutalizando homens e mulheres que vivem do trabalho. Certamente, essa predatorialidade entre produção-natureza cria uma sociedade que é descartável, que é mercadoria e que tem valor de uso.

Em meio a todos esses argumentos percebe-se, portanto, que o trabalho ganhou vários significados, no contexto estrutural do capitalismo, de forma que a extração da mais-valia, por meio da exploração do trabalho alheio e acumulação contínua de bens consistem em parte do capitalismo. Assim, a relação de emprego é tida como regra geral de vinculação de uma pessoa (natural) ao tomador de serviços.

Declaram Chiapello e Fairclough (2002, p. 186) que “o capitalismo é um sistema absurdo”, visto que assalariados perdem a propriedade dos frutos do seu trabalho, e assim também, qualquer esperança de trabalhar de outra forma que não seja subordinado. Os autores notam que o capitalismo, necessita tanto da acumulação, como também do compromisso de muitas pessoas, mesmo que estas tenham pequenas chances de fazer um lucro substancial. O que justifica o empenho do indivíduo ao capitalismo, e o que torna este compromisso atraente é sua forma dinâmica e mutável.

O termo trabalho voluntário, no bojo do processo de estruturação da civilização, também ganhou novos significados. Alguns destes significados e experiências sociais estão configurando ao voluntariado o status de trabalho, com metas, profissionalização, manuais de gestão e horários delimitados.

Todavia, genericamente o voluntariado está atrelado à ajuda, ao auxílio aos desamparados, aos que sofrem e aos necessitados. Inicialmente, o termo estava vinculado às “damas da sociedade”, e à religião católica, com o intuito de ajudar os desprovidos e carentes. Atualmente, na lógica da sociedade capitalista, esse fenômeno ganhou aportes dentro da divisão de classes, uma vez que, para que tal ação seja executada existe, conseqüentemente, uma classe que auxilia, ou que tem condições de doar, e outra que recebe auxílio, que é desprovida ou que necessita das doações, portanto, merecedora de ajuda (NASCIMENTO, 2011).

O trabalho voluntário, atualmente, também mantém interface com as resoluções e problemas estruturais da sociedade, seu cunho assistencialista mostra-se como substitutivo do estado enquanto articulador do desenvolvimento social (NASCIMENTO, 2011). Destarte, no seguimento deste raciocínio afere-se que o trabalho voluntário subjaz valor social e econômico, qualidade ressaltada pela ONU em 2002, muito embora se reconheça que “cada

país tem diferentes noções, definições e tradições” (COMISSÃO EUROPEIA, 2011, p. 1) a respeito do voluntariado, é possível identificar elementos comuns, embora não consensuais, como, a natureza voluntária, a ausência de recompensa monetária e ações realizadas em benefício da sociedade (ONU, 2002; MARCOS e AMADOR, 2014).

Pensar o voluntariado, por meio de uma perspectiva crítica, é pensar no voluntário como sujeito e agente de transformação de si de da comunidade onde ele atua, e ao mesmo tempo pensar em uma ação humana que está sendo apropriada pelos grupos hegemônicos e suas intenções de acumulação capitalista. Assim, uma força produtiva não remunerada gera um valor maior no mercado que pode ser acumulado o que denota a contradição e complexidade do tema.

Observa-se, por vezes, que o voluntariado poderia estar aliado a uma luta incessante de recuperação da humanidade, no entanto está se sucumbindo à demasiada instrumentalização e aos interesses das ideologias econômicas dominantes. A naturalização da prática do voluntariado torna-a submissa aos jogos de interesse, submissa à atual lógica de produção do mercado, no qual a atividade é feita sem reflexão, com o interesse maior de maximizar o retorno pessoal do voluntário, ou também das empresas que a ofertam.

É por meio de uma leitura sociológica sobre o voluntariado, que se busca alcançar uma compreensão histórica e crítica sobre o significado desta prática na sociedade contemporânea. Essa leitura crítica da prática do voluntariado também permite repensar a formação social que sustenta as sociedades latinas-americanas e as formas de intervenção individual ou coletiva, pública ou privada nas sociedades.

A seguir descreveu-se a abordagem teórica-metodológica que sustentou a análise sociológica sobre o voluntariado.

## **2.5 Sobre a Abordagem Teórico-metodológica deste Estudo: A ADC**

A complexidade do fenômeno estudado – o desvelamento de suas múltiplas faces e os significados representacionais da prática, a partir dos discursos sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 – requer de uma abordagem que compreenda as contradições do contexto de estudo, como por exemplo, as várias formas como o voluntariado pode ser compreendido na contemporaneidade, sendo expressos em tipos de voluntariados conforme as características: Institucionais (informal e espontâneo ou formalizado); Temporais (intensidade restrita ou intensidade ampla, ocasional ou regular); Desempenhos funcionais (serviços operacionais, de funcionamento interno à organização, de direção, de execução);

Voluntariados conforme a intenção: voluntariado filantrópico, voluntariado empresarial, voluntariado turístico, docência voluntária, voluntariado em mega-eventos (Jornada Mundial da Juventude, Copa, Olimpíadas e Paraolimpíadas); Perspectivas nas quais o voluntariado vem sendo observado pelos pesquisadores e cientistas sociais, por meio das abordagens: motivacional, funcional, gestonária, mercadológica, representacional e ideológica.

Acredita-se que o reconhecimento e compreensão de todas essas contradições descritas anteriormente possibilitarão contextualizar o voluntariado nas várias formas como ele se manifesta empiricamente. Assim, por meio da Análise de Discurso Crítica, segundo a perspectiva de Fairclough (2001) será possível descrever as categorias do significado representacional encontradas nos discursos dos voluntários pesquisados, analisar a natureza social, ideológica e interdiscursiva da prática do voluntariado, bem como por em discussão a funcionalidade que o voluntariado assumiu na sociedade brasileira nos dias atuais.

Dessa forma, a Abordagem do Discurso Crítica é uma perspectiva teórica-metodológica que tem o compromisso em analisar as diversas práticas da vida social. Tal análise estabelece conexões entre a linguística, ciência social e estrutura social, uma vez que procura na interface entre linguagem e sociedade, compreender as condições do contexto, da produção e consumo dos discursos e as relações de poder, dominação e desigualdades sociais. Assim, o texto é compreendido como um evento discursivo, em cujo cerne abrange a presença das práticas sociais e ordens do discurso. Trata-se de compreender a linguagem segundo sua funcionalidade nas práticas sociais, isto é, “como forma de agir no mundo e se relacionar, de representar e de identificar a si, a outrem e a aspectos do mundo” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 10). Corroborando, Harvey (1992 citado por RESENDE, 2015, p. 108) esclarece que:

Os textos que formulamos e que são parte dos modos como agimos na sociedade não apenas são efeitos das situações sociais imediatas, mas também têm efeitos sobre elas. Mais que isso, relacionam-se também a conjunturas sociais mais amplas. Isso porque a vida social é um sistema aberto, em que redes de práticas particulares configuram conjunturas, e as práticas em articulação se influenciam mutuamente

Chouliaraki e Fairclough (1999) ao situarem a análise crítica do discurso como uma forma de pesquisa social crítica, apresenta que a centralidade do discurso deu lugar a centralidade das práticas sociais, “de forma que o discurso passou a ser visto como um momento das práticas sociais, interconectado a outros momentos igualmente importantes para as pesquisas em ADC” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 9).

Assim, Chouliaraki e Fairclough (1999) esclareceram os pressupostos ontológicos e epistemológicos para a investigação crítica, que conecta a análise crítica do discurso à teoria social. A concepção de linguagem presente em todas as práticas sociais, seja direta ou

indiretamente, suporta a reflexão da vida construída pelas práticas sociais, como modos de ações habituais da sociedade institucionalizada, traduzindo-se em ações materiais, hábitos, ações, historicamente situados (RESENDE, 2015).

Na análise textual, via Análise de Discurso Crítica, os textos são vistos como produções sociais historicamente situadas que dizem respeito às nossas crenças, práticas, ideologias, atividades, relações interpessoais e identidades. A relevância da linguagem nas práticas sociais contemporâneas é justamente perceber o texto como produção social, é claro, entretanto que o conhecimento acerca da gramática funcionalista é indispensável para compreender como as estruturas lingüísticas são usadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas (RESENDE E RAMALHO, 2006).

Para Fairclough (2001, p. 91) “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições” todas elas lhe são subjacentes. Assim, o discurso é considerado uma prática, não apenas de representação do mundo, mas também de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados. Isto permite elencar três aspectos constitutivos do discurso, são eles: primeiro a contribuição do discurso na construção das identidades sociais, posição de sujeitos, sujeitos sociais e os tipos de eu; segundo, a contribuição do discurso para a constituição das relações sociais; e terceiro, a contribuição do discurso para a construção dos sistemas de conhecimento e crença.

Com o intuito de explicar a categoria de significado utilizado na pergunta de pesquisa dessa dissertação, toma-se como referência a discussão de Fairclough (2003) em *Analysing discourse: textual analysis for social research* sobre o significado representacional nas categorias de interdiscursividade e representação de atores sociais, tais eixos norteadores são decompostas nos itens a seguir.

### **2.5.1 Relações entre Significado Representacional e o Discurso**

A perspectiva do discurso apreendida pela Análise de Discurso Crítica, vertente da Teoria Social do Discurso, com base no texto de Fairclough (2003), fornece elementos atraentes para a compreensão do voluntariado e seu significado representacional, tal qual aqui se pretende. Segundo o autor, a compreensão do discurso como elemento das práticas sociais e a percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais constitui um modelo-teórico metodológico capaz de

mapear relações interdiscursivas entre os recursos lingüísticos utilizados pelos atores sociais em seus grupos e as formas de dominação ou subversão dos discursos.

Conforme Fairclough (2003) o significado representacional, diz respeito à perspectiva de mundo adotada pelas pessoas, à sua representação de mundo, à posição que o sujeito ocupa no mundo, sua identidade pessoal e social, e as relações que as pessoas estabelecem umas com as outras.

Segundo Resende e Ramalho (2006), o discurso e o significado representacional se relacionam com o conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Assim, para Fairclough (2003) diferentes discursos são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem de suas posições no mundo e as relações que estabelecem com outras pessoas. Este último autor esquematizou partes da seguinte figura:

Figura 9. Movimento dialético do discurso.



Fonte: Adaptada de Fairclough (2003).

O movimento em espiral indica uma sincronia entre o movimento dialético do discurso, a construção dos significados representacionais em gêneros e estilos, que determinam as ações e identidades dos atores sociais. O movimento circular, representado pelo espiral, parte da noção dialética do discurso, buscando alcançar camadas mais profundas da análise, tendendo ao ponto das categorias de análise adotadas neste estudo que é a interdiscursividade e a representação dos atores sociais. Esses movimentos buscam estudar o fenômeno da língua através de um recorte, portanto, são diacrônicos e obedecem a uma determinada fase ou época da história. No qual:

**Interdiscursividade:** Refere-se à mistura particular de gêneros, de discursos, de estilos sobre os quais ela desenha e, também, como diferentes gêneros, discursos ou estilos são articulados (ou “trabalhados) juntos no texto. É um nível de análise mediática entre a análise lingüística

de um texto e as diversas formas de análise de eventos e práticas sociais (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH 1999, FAIRCLOUGH 1992, citado por FAIRCLOUGH, 2003).

Tal categoria analítica permite acessar a heterogeneidade de um texto em termos da articulação de diferentes discursos.

**Representação de atores sociais:** É o número de escolhas disponíveis na representação de atores sociais, ou seja, os participantes dos processos sociais podem ser analisados gramaticalmente por substantivos, pronomes, voz passiva ou voz ativa na oração, representados pessoalmente ou impessoalmente (por exemplo, referindo-se aos empregados como “recursos humanos”), nomeados (nomes pessoais) ou classificados (por exemplo, uma classe ou categoria – professores).

Esta categoria analítica pode ser bastante profícua no desvelamento de ideologias em textos e interações “as maneiras como os atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e as suas atividades” (RESENDE E RAMALHO, 2006, p. 72).

Certamente, os diferentes discursos não apenas representam o mundo “concreto”, mas projetam também as diferentes possibilidades da “realidade”, por meio de discursos que se complementam, ou que competem, como recursos utilizados por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando (RESENDE E RAMALHO, 2006).

Com vistas a explicar a categoria de construção discursiva utilizada na problemática dessa dissertação, escreveu-se o tópico a seguir.

### **2.5.2 Relação Dialética entre estrutura social e discurso**

Para Thompson (2009) a construção discursiva de uma categoria, aqui especificamente o voluntariado, a partir do seu sentido ideológico, compreende o emprego de formas linguísticas particulares que contribuem para o estabelecimento e a sustentação de formas tradicionais de domínio no discurso, seja no interior ou fora dele. Dessa forma, é por meio do discurso que os agentes constroem sentidos dominantes ou sentidos marginais, subversivos, alternativos dentro da estrutura social (FAIRCLOUGH, 2003).

Sabe-se que a ideologia é um termo que abarca diversos conceitos, entendimentos e significados. Não obstante a concepção de ideologia adotada por Fairclough (2001) é compatível à compreensão de ideologia de Thompson (2009). De acordo com este último, a ideologia tem sido estudada, predominantemente de duas formas, como um sistema de idéias

(liberalismo, capitalismo, socialismo, comunismo) ou como fases de um contexto sócio-histórico marcado por relações de dominação. De modo que, para a primeira a ideologia proporciona a assimilação de valores culturais, sociais, econômicos, em grande parte, abraçados pela sociedade, onde a crença e a interiorização ideológica afetam e determinam o comportamento social, portanto como um modo de auto-interpretação, a ideologia é principalmente persuasiva e secundariamente prescritiva (CARLTON, 1984). Para a segunda, as relações de dominação inseridas em contexto sócio-histórico, explicam como as formas simbólicas são usadas para implantação e manutenção das relações de dominação

Diante disso, o efeito ideológico do texto na inculcação e sustentação de ideologias, referem-se a representações de aspectos do mundo que podem contribuir no estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração. Tal modalidade contrasta com as visões “descritivas” da ideologia que não fazem referência à relações de poder e dominação entre esses grupos, podem ser verificadas na análise textual através dos gêneros, identidades e estilo (FAIRCLOUGH, 2003).

No domínio e naturalização de representações particulares dentro do discurso, reconhece-se a importância da ideologia e a existência de uma luta hegemônica pelo poder nas sociedades capitalistas. Essa maneira particular de representação, na visão adotada por Antônio Gramsci enfatiza como o poder depende do consentimento na manutenção das relações. Assim, a luta hegemônica entre as forças políticas pode ser vista como uma disputa sobre as reivindicações de visões e representações particulares, são, portanto lutas travadas pelo discurso dominante e o discurso marginal. Visões e representações particulares do mundo que buscam ter um status universal (FAIRCLOUGH, 2003).

O próximo tópico trata da teoria social do discurso e análise de discurso crítica, que é proposta de Fairclough (2001), abordagem adotada nesta dissertação.

### **2.5.3 A Teoria Social do Discurso e a Análise de Discurso Crítica**

Fairclough (2001, p. 90-91) parte do pressuposto de que a usualidade do termo discurso envolve considerar a “linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais”. Isso implica que, primeiramente, o discurso é um modo de ação, “uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros”. Assim, também é um modo de representação do mundo. A segunda implicação é que existe uma relação dialética entre a prática social e a estrutura social. Logo, o discurso pode ser moldado e restringido pela estrutura social, seja pelas classes

ou por quaisquer outras relações sociais regidas por níveis hierárquicos superiores: acesso à educação, sistemas de classificação raciais, normas, convenções sociais entre outros.

O discurso torna-se uma prática de representação do mundo e de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo de significados. Em primeiro lugar, por se referir às identidades sociais e posicionamentos do sujeito. Em segundo, por contribuir para a construção das relações sociais entre as pessoas. E, em terceiro, por contribuir para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Elementos que correspondem, respectivamente, a três funções da linguagem: identitária, relacional e ideacional (RESENDE E RAMALHO, 2006).

A função identitária da linguagem refere-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas nos discursos. A função relacional, por sua vez, se refere a como as relações sociais entre os participantes dos discursos são representadas e negociadas. Já a função ideacional, se refere “aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Isso sugere que, para Fairclough (2001, p. 93), “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas”. Dessa forma, a prática social tem várias orientações, sejam elas econômicas, políticas, culturais ou ideológicas, sendo que o discurso pode estar imbricado de todas elas, sem que se possa redimir qualquer uma dessas orientações do discurso.

O discurso como prática política e ideológica é o que estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos), constituindo, naturalizando, mantendo e transformando os significados do mundo de posições nas relações de poder (RESENDE E RAMALHO, 2006). É necessário ressaltar, no entanto, que, embora elas possam estar juntas, a prática política e a prática ideológica não são independentes uma da outra. A prática política, por exemplo, é a categoria superior, pois nela o discurso não se torna apenas um local de luta por poder, mas também, marco delimitador na luta pelo poder, recorrendo a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares, que são foco de lutas.

Certamente, diferentes tipos de discursos em diferentes domínios ou ambientes institucionais podem estar investidos política e ideologicamente de formas particulares. Conseqüentemente, a orientação histórica subjacente ao discurso delinea como os mesmos também podem ser reinvestidos conforme a mudança discursiva. Acontece que as ordens de



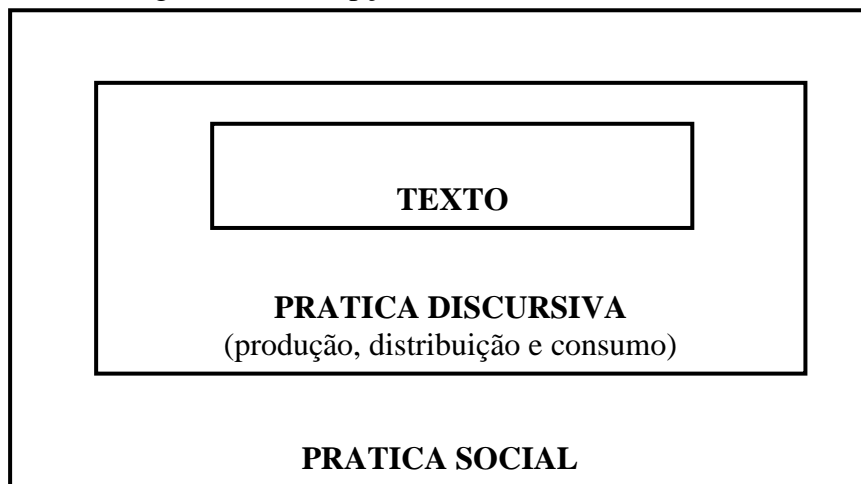
discursos societárias são, na prática, estruturadas para conter investimentos políticos e ideológicos como foco de disputa em lutas para investir e reinvestir os mesmos.

Feita essa reflexão sobre a constituição do discurso, Fairclough (2001) apresentou-se no próximo item o seu modelo tridimensional de análise de discurso crítica.

#### 2.5.4 Conceção Tridimensional do Discurso

A proposta de Fairclough (2001) é uma tentativa de reunir três tradições analíticas, essenciais na análise de discurso. São elas: a tradição de análise textual e linguística, a análise da prática discursiva e a análise via prática social. A combinação das três permite ao pesquisador compreender como as pessoas produzem ativamente e entendem os significados por meio do senso comum compartilhado. Logo, deve-se tentar compreender como os membros das comunidades sociais produzem seus mundos ordenáveis ou explicáveis. De modo que, ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros pertencentes à comunidade passam a ser moldadas, de forma quase que inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos. Observe:

Figura 10. Conceção Tridimensional do Discurso.



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

A figura 10 é um diagrama que representa a concepção tridimensional do discurso, apresentando as três categorias analíticas propostas no livro “Discurso e Mudança Social”. No nível da análise textual observou-se o vocabulário, a gramática, coerência da interpretação do pesquisador, coesão e intertextualidade. No nível da análise das práticas discursivas, foi feitas interpretações que condizem com condições de produção, consumo e distribuição das

entrevistas, postagens na rede social, notícias e lei do voluntariado. Na análise das práticas sociais observou-se o contexto macrosocial do Estado brasileiro e a ideologia predominante na sua forma de intervenção (MARCUSCHI, 2004).

No que tange à operacionalização, todas as três análises são feitas de forma simultânea e complementar. Todavia, sua apresentação individual é uma forma didática de apresentar os resultados ao leitor, organizando as contribuições de cada análise. É necessário entender que embora a análise textual seja um pouco mais técnica e descritiva ela deve subsidiar as interpretações do ponto de vista das práticas sociais e discursivas, para que a ADC seja feita de uma forma integrada, por isso a leitura e o retorno às três dimensões são constantes (RESENDE E RAMALHO, 2004).

Não necessariamente a análise tridimensional irá ocorrer na ordem como foi disposta no diagrama da figura 10. É importante ressaltar que o pesquisador tem livre arbítrio para iniciar a análise pela forma que lhe convier. Até porque não existe uma separação clara entre a produção e interpretação textual, justamente por essa sobreposição, a divisão entre os tópicos de análise não é bem definida. A separação entre as três dimensões pode ser entendida como procedimento, portanto, o procedimento que trata da análise textual pode ser denominado de descrição, já as partes que tratam da análise da prática discursiva e da análise da prática social do discurso podem ser denominadas de interpretação. Cada uma das três dimensões foi descrita a seguir.

#### **2.5.4.1 Discurso como texto**

A análise textual, recorrente da tradicional análise linguística, é por si mesma uma esfera complexa, demasiadamente técnica, capaz de incorporar muitos outros tipos de análise. E, embora uma experiência prévia em análise linguística, a princípio, possa contribuir muito para a acuracidade das informações levantadas, não se pode delimitar que isso seja um pré-requisito indubitável, uma vez que a análise de discurso é uma atividade multidisciplinar e, portanto, receptiva das contribuições de diversas áreas (FAIRCLOUGH, 2001).

Embora, seja difícil separar as etapas da análise de discurso, justamente pela sobreposição de aspectos da análise discursiva e social na produção de texto. De uma forma didática a análise textual pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocabulário trata das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre as orações e frases, e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais (MARCUSCHI, 2004).

A unidade principal da gramática é a oração e toda oração é multifuncional. Essa multifuncionalidade oracional reside na combinação de significados ideacionais, interpessoais (indenitários e relacionais) e textuais. As pessoas fazem escolhas de quais palavras irão utilizar para descrever algum fenômeno, por isso o vocabulário pode ser investido de muitas maneiras. Em uma manchete de jornal, muitos vocabulários podem ser sobrepostos em competição ou correspondendo a diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas (FAIRCLOUGH, 2001).

Pela estrutura argumentativa adotada no texto percebem-se os modos de racionalidade ou as modificações nos modos de racionalidade. As estruturas textuais permitem conhecer a arquitetura dos textos, as maneiras e a ordem em que os elementos ou episódios foram combinados para produzir um discurso com vistas a convencer quem consome (PEDROSA, 2005). Esses esquemas e aspectos particulares variam de acordo com os tipos de discurso, é importante explorar as variações e evidências dos diferentes tipos de racionalidade.

#### **2.5.4.2 Prática Discursiva**

Na análise da prática discursiva deve-se atentar para os aspectos de produção, distribuição e consumo textual, bem como para a natureza desses processos e os tipos de discursos de acordo com os fatores sociais. Os textos são produzidos de formas particulares e em contextos sociais diversos (PEDROSA, 2005). Por detrás dos produtores textuais existem contextos sociais que denotam um conjunto de esferas em que o texto pode ser produzido, como, por exemplo, uma notícia no jornal, um artigo científico, uma propaganda, um ofício, um edital e etc.

Assim, também os textos são consumidos em uma infinidade de formas, e isso se deve, em partes, ao trabalho interpretativo que neles se aplicam, como, por exemplo, a leitura de uma receita de bolo, a leitura de um artigo científico, a leitura de uma bíblia, a leitura de cartas de amor, leituras de atos administrativos, entre outros. Tanto o consumo quanto a produção podem ser individuais ou coletivos. Como forma de diferenciá-los, basta citar a leitura de uma carta de amor ou a leitura de um ato administrativo que se encontra exposto em um mural. Portanto, alguns textos são registrados e preservados para que outras pessoas possam ter acesso ao material, outros são transitórios, não registrados e se tornam esquecidos (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE E RAMALHO, 2006).

Toda forma de acesso ao texto está relacionada à sua distribuição. Existem textos que possuem uma distribuição simples (uma conversa casual) ou uma distribuição complexa

(discurso político). No primeiro caso, o texto é produzido segundo a rotina dos envolvidos, não há registros prévios do discurso, a versão é produzida e consumida rotineiramente. No segundo caso, podem existir produtores em organizações sofisticadas, com departamentos do governo que produzem textos de forma antecipada, tanto na forma de consumo quanto de distribuição (FAIRCLOUGH, 2001).

O contexto de situação é essencial para interpretar a força de um enunciado. É similar a um mapa mental da ordem social que significa uma interpretação das realidades sociais que se vinculam a uma série de interpretações, políticas e ideologicamente investidas de formas particulares. Assim, ao apontar o contexto da situação é possível conhecer os grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação. Por exemplo, uma leitura da situação pode ressaltar alguns elementos e diminuir a importância de outros que em outras situações seriam igualmente importantes (FAIRCLOUGH, 2001). Fatores como idade, gênero e etnia do produtor do texto em contextos diferentes podem ter maior ou menor relevância.

Ao se tratar de produção, uma variante intertextual, enfoca a historicidade dos textos, de forma a demonstrar como eles constituem acréscimos às cadeias de comunicação verbal existentes (BAKHTIN, 2010). “A intertextualidade é basicamente a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente, e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

#### **2.5.4.3 Discurso como prática social: ideologia, poder e hegemonia**

Nessa dimensão da análise tridimensional proposta por Fairclough (2001), é possível considerar como os discursos são investidos política e ideologicamente em formas particulares. Por isso, a necessidade da consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática. Certamente, a teoria de ideologia mais influente na atualidade é a de Althusser. E, embora Fairclough a utilize com algumas reservas, há de se considerar a rica contribuição desta obra da tradição marxista.

Fairclough (2001, p. 116) declara a existência de três asserções sobre ideologia. A primeira é que ela tem “existência material nas práticas das instituições”. A segunda é que a ideologia interpela os sujeitos. A terceira é que os aparelhos ideológicos do estado, como instituições de educação, mídia, entre outros são locais delimitados na luta de classes.

Mesmo compartilhando de muitos preceitos levantados pela teoria de Althusser, Fairclough (2001, p. 117) acredita que o seu trabalho contenha uma contradição no que diz respeito à visão de dominação como imposição unilateral e reprodução de uma ideologia dominante, “em que a ideologia figura como cimento social universal, e sua insistência nos aparelhos como local e marco delimitador de uma constante luta de classe cujo resultado está sempre em equilíbrio.” Assim, embora o debate sobre a ideologia tenha sido fortemente influenciado pela obra de Althusser, segundo Fairclough (2001), esse debate também foi prejudicado por ele, no que tange à marginalização da luta, da contradição e da transformação.

Tomando como base a posição levantada por Thompson (1984;1990 citado por FAIRCLOUGH, 2001, p. 117) sobre a ideologia, Fairclough (2001) comulta que “as ideologias são significações/construções da realidade” como, por exemplo, o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais, construídas em muitas dimensões dos sentidos e formas das práticas discursivas e que contribuem para a produção, e a reprodução ou transformação das relações de dominação.

Segundo Wodak (2004, p. 235) Thompson (1990) assume que a ideologia é como um significado construído e transmitido por meio das formas simbólicas, ou seja, “a ideologia refere-se às formas e processos sociais dentro das quais, e através das quais, formas simbólicas circulam no mundo”. Assim, as ideologias introduzidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando são naturalizadas e atingem o *status* de senso comum. Todavia, essa propriedade estável da ideologia não pode ser o seu marco, visto que Fairclough (2001) propõe uma transformação que aponta para a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta que visa remodelar as práticas discursivas e as ideologias nelas constituídas no contexto de reestruturação ou transformação das relações de dominação.

Essa capacidade de transformação foi se perdendo ao longo do debate da teoria althusseriana do sujeito, pois nela existe, uma consequente, subestimação da capacidade dos sujeitos agirem em nível individual ou coletivo como agentes, até mesmo no que tange ao compromisso com a crítica e oposição às práticas ideológicas. Para Fairclough (2001), existe uma posição dialética do sujeito em que: os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente com vistas a realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos, assim reestruturando as práticas e as estruturas posicionadoras.

Diante disso, Fairclough (2001) interroga o leitor: pode-se afirmar que todo discurso é ideológico? Nem todo discurso é irremediavelmente ideológico. As práticas discursivas são investidas ideologicamente quando incorporam significações que contribuem para manter ou

reestruturar as relações de poder. Sendo que as relações de poder podem ser afetadas pelas práticas discursivas de qualquer tipo. “As ideologias surgem nas sociedades como relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121), com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, à proporção que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.

Sabe-se que há uma concepção dialética da relação entre as estruturas discursivas e as ordens do discurso. Uma ordem do discurso nada mais é que uma faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui a hegemonia. Ou seja, ela se figura em elementos mais ou menos instáveis na qual os textos demonstram sua intertextualidade, isto é sua relação com outros textos. Assim, a prática discursiva, a produção, distribuição e consumo como também a interpretação demonstram uma luta hegemônica que contribui em vários graus para a reprodução ou transformação da ordem de discurso existente e também com as relações sociais assimétricas existentes (RESENDE E RAMALHO, 2006).

O conceito de hegemonia utilizado por Fairclough (2001) é a peça central da análise que Gramsci faz do capitalismo ocidental e das formas de revolução na Europa Ocidental. Tal conceito harmoniza-se com a concepção de discurso e mudança social, já que a luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla incluindo instituições da sociedade civil, suas possíveis desigualdades em diferentes níveis e domínios. O conceito de hegemonia auxilia a tarefa de analisar a prática social, pois fornece uma matriz em termos de relações de poder, como elas se reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemônias existentes. Observe o empréstimo feito por Fairclough (2001) ao conceito de hegemonia de Gramsci:

“Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

É também a construção de alianças e integração, o que excede a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Portanto, a hegemonia é um foco de lutas constantes sobre pontos de maior instabilidade entre classes ou blocos a serem construídos. Gramsci (1971) considera-se a ideologia como uma concepção de mundo que está implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva. No senso comum as ideologias se tornam naturalizadas ou automatizadas, consumidas sem qualquer reflexão. A compreensão da mudança discursiva requer o reconhecimento de que a ordem do discurso rearticulada é contraditória, composta por elementos democráticos e igualitários, como o uso do pronome inclusivo “nós”, mas também traz pronomes indefinidos como “você”, e até mesmo elementos patriarcais ou feministas.

A análise da prática social perpassa pelos conceitos de ideologia e poder e hegemonia. Estes, por sua vez, trazem elementos ricos que fortalecem o conceito de investimento político das práticas discursivas. Isso porque as hegemônias têm dimensões ideológicas que estabelecem um foco sobre a mudança social e cultural (RESENDE E RAMALHO, 2006).

Para Woodak (2004) a análise de discurso crítica não se preocupa somente com a concepção das lutas pelo poder e controle, mas para a intertextualidade e recontextualização do discurso que competem entre si. Justamente, por isso Fairclough (2001) situa a concepção de poder como hegemonia, isto demonstra uma evolução das relações de poder entendidas aqui como luta hegemônica.

#### **2.5.4.4 Mudança Discursiva**

Um evento discursivo pode ser um momento para preservar e reproduzir as relações e as hegemônias tradicionais, ligando-se a convenções problematizadoras, ou pode também ser uma contribuição para a transformação dessas relações mediante a luta hegemônica, buscando resolver tais dilemas por meio da inovação. Certamente, os eventos discursivos compreendem efeitos cumulativos sobre as contradições sociais e lutas ao seu redor. Dessa forma, os processos sociocognitivos poderão, por meio da inovação, contribuir para a mudança discursiva, dependendo da natureza da prática social (FAIRCLOUGH, 2001).

Considerando-se a dimensão textual da análise discursiva, a mudança social deixa traços nos textos, no que tange à ocorrência de elementos contraditórios ou inconsistentes como, por exemplo, mesclando estilos formais e informais, vocabulários técnicos e não-técnicos, marcadores de autoridade e familiaridade, formas sintáticas ora tipicamente escritas e ora tipicamente faladas.

A inovação se dá à medida que os produtores e intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova, em eventos discursivos inovadores, e isso, sem dúvida, culmina em mudanças estruturais nas ordens de discurso, pois desarticula ordens de discursos existentes e rearticula novas ordens de discursos, novas hegemônias discursivas. Algumas mudanças estruturais podem afetar apenas uma ordem de discurso “local” de uma instituição, ou podem transcender as instituições e afetar a ordem de discurso

Todavia, não se pode ter controle depois que os resultados caem no domínio público (PEDROSA, 2005), o processo difundido como tecnologização do discurso, poderá usar a pesquisa sobre a construção discursiva do voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 para redesenhar as práticas discursivas sobre o voluntariado e treinar as pessoas para usarem

novas práticas. Segundo Fairclough (2001), a tecnologização do discurso é fonte para a engenharia cultural e social e pode ser usada como um instrumento a mais de dominação.

De acordo com Pedrosa (2005) os resultados da pesquisa podem ser apropriados por quem trabalha com a “tecnologização do discurso”. De modo que, os resultados que esta dissertação traz sobre a construção discursiva do voluntariado poderiam ser novamente investidos como um instrumento de discurso e poder em favor das pressões internacionais para que o Brasil pudesse sediar o megaevento esportivo, ou mesmo para tornar a força de trabalho voluntário mais um instrumento em favor da acumulação capitalista das grandes empresas.

Todos esses questionamentos que afetam a sociedade podem ser compreendidos por meio da pesquisa científica. Justamente por isso, ela se tornou um instrumento essencial na busca pelo conhecimento. A seguir foram descritos os caminhos percorridos para tal empreitada.

### **3PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo foram descritos os procedimentos metodológicos que embasaram esta pesquisa. Para tanto, no primeiro tópico foi descrito o tipo de pesquisa e a coleta de dados. No segundo tópico fez-se a descrição do objeto de pesquisa e como o corpus de análise foi definido em tal empreitada. No terceiro tópico foram descritos os procedimentos que embasaram a análise.

A pesquisa pode ser definida como um processo racional e sistemático que pressupõe a elaboração de um conhecimento científico na busca por respostas e explicações sobre uma determinada realidade (GIL, 2007). Com efeito, o pesquisador pode nutrir diversas razões para se conhecer uma determinada realidade. Todavia, para que este conhecimento seja validado, faz-se mister a escolha de um caminho que responda ao objeto de pesquisa, isto é o delineamento da metodologia utilizada. Dessa forma, o *methodos* corresponde à organização, e *logos* estudo sistemático, pesquisa, investigação. Assim a metodologia é o estudo dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa, ou um estudo (FONSECA, 2002) na procura de respostas e explicações para uma determinada realidade.

O início de uma pesquisa pressupõe a existência de uma problemática, sendo necessária uma pergunta, uma dúvida pela qual se busca a resposta. Diante disso, a



problemática que sustenta esta pesquisa é: **Qual a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016?**

A seguir descreveu-se a natureza desta pesquisa.

### **3.1 Natureza de pesquisa**

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, sendo caracterizada quanto aos objetivos como compreensiva e exploratória. Compreensiva, pois se pretende alcançar uma compreensão e significação da realidade humana vivida socialmente, qual seja a manifestação do voluntariado em suas diferentes formas propondo, não quantificando, mas compreendendo e explicando a dinâmica das relações sociais, depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalhando a vivência e a cotidianidade, em que a linguagem e a prática das coisas são inseparáveis (MINAYO, 1994). Exploratória, pois se pretende alcançar maior familiaridade com o problema, explicitando-o por meio da pesquisa bibliográfica sobre o voluntariado (GIL, 2007).

Toda pesquisa traz uma composição de dados que dão suporte às interpretações do pesquisador, a seguir foram descritos esses dados.

### **3.2 Composição do Corpus de Análise**

O corpus de análise foi composto por entrevistas semiestruturadas com 13 pessoas que exerceram o voluntariado nas Olimpíadas e/ou Paraolimpíadas Rio 2016. As entrevistas foram gravadas e transcritas para a análise do material textual; foi feita também a observação em um grupo da rede social *facebook* intitulado de “Voluntários Rio 2016 oficial / Rio 2016 *Official Volunter Programme*”. Com o auxílio da ferramenta “*printscreen*” de um aparelho celular foram salvas imagens referentes às postagens de representantes da comissão organizadora do evento e relatos de experiência de voluntários. As publicações que não entravam neste recorte foram descartadas na análise. Outro material utilizado na ampliação do lócus foi o discurso do Comitê Olímpico Internacional sobre o voluntariado no mega evento esportivo Rio 2016 em três notícias que estavam disponíveis no portal do evento em janeiro de 2017: <https://www.olympic.org/rio-2016>. As notícias que não se referiam ao voluntariado no megaevento não entraram neste recorte. O terceiro material analisado foi a Lei do Voluntariado nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, visto que ela trata de aspectos legais de como o Estado Brasileiro compreende o serviço voluntário.

Segundo Fairclough (2001), entrevistar pessoas envolvidas com o objeto de análise, não somente estimula as interpretações do pesquisador sobre a amostra, mas também dá a oportunidade ao entrevistador de experimentar problemas que vão além da amostra, no sentido de descobrir se uma pessoa está mais consciente do investimento ideológico de uma convenção discursiva particular.

Ainda segundo o autor, a análise do contexto social pode ser melhor explorada via ampliação do corpus de pesquisa. A ampliação do corpus de pesquisa se deu por meio de observações em uma rede social, notícias disponíveis no site do evento, e legislação Brasileira. Estes foram fundamentais para se conhecer o contexto social em que as práticas discursivas do voluntariado no mega-evento esportivo Rio 2016 estavam inseridas.

Como forma de detalhamento, segue a caracterização dos sujeitos de pesquisa.

### **3.2.1 Caracterização dos sujeitos de pesquisa**

Nesta etapa foram utilizados números aproximados para informar as idades dos sujeitos de pesquisa, no intuito de preservar a identidade dos voluntários.

*E1 – Entrevistado 1:* sexo masculino, cerca de 30 anos de idade, microempresário.

*E2 – Entrevistada 2:* sexo feminino, cerca de 20 anos de idade, estudante de economia.

*E3 – Entrevistado 3:* sexo masculino, cerca de 60 anos de idade, engenheiro aposentado.

*E4 – Entrevistada 4:* sexo feminino, cerca de 40 anos de idade, funcionária pública.

*E5 – Entrevistada 5:* sexo feminino, cerca de 20 anos de idade, estudante de medicina.

*E6 – Entrevistada 6:* sexo feminino, cerca de 20 anos de idade, estudante de direito.

*E7 – Entrevistada 7:* sexo feminino, cerca de 20 anos de idade, estudante de jornalismo.

*E8 – Entrevistado 8:* sexo masculino, cerca de 20 anos de idade, estudante de arquitetura e urbanismo.

*E9 – Entrevistada 9:* sexo feminino, cerca de 20 anos de idade, estudante de engenharia elétrica.

*E10 – Entrevistada 10:* sexo feminino, cerca de 30 anos de idade, formada em turismo.

*E11 – Entrevistado 11:* sexo masculino, cerca de 20 anos de idade, estudante de economia.

*E12 – Entrevistado 12:* sexo masculino, cerca de 40 anos de idade, fisioterapeuta.

*E13 – Entrevistada 13:* sexo feminino, cerca de 40 anos de idade, funcionária pública.

Todos os entrevistados da pesquisa ou possuíam curso superior completo ou estavam matriculados em um curso de graduação. O grupo de entrevistados é heterogêneo contendo representantes de faixas etárias entre os 20 e 60 anos de idade. Cerca de 50% dos

entrevistados declararam que também foram voluntários em outros eventos esportivos como a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Foi observado no momento da entrevista muita alegria e entusiasmo na fala dos participantes.

### **3.2.2 Descrição das Postagens do Grupo do *facebook***

Para o acesso às postagens no grupo do *facebook* a pesquisadora precisou solicitar a participação por meio do seu perfil pessoal na rede social. Autorizada sua participação, a pesquisadora tornou-se membro do grupo, que se tratava de um grupo fechado, com cerca de 60.000 membros. A observação no “Voluntários Rio 2016 Oficial / Rio 2016 *Official Volunter Programme*” (nome do grupo) resultou em 87 imagens registradas no período dos jogos. Desse total, 17 registros foram atribuídos a postagens de representantes da comissão organizadora, uma vez que essas foram feitas na sua maior parte por 8 perfis, que parecem ter sido criados na época dos jogos, especificamente, para registrar postagens no grupo oficial.

Para chegar a essa interpretação a pesquisadora visitou o perfil desses usuários do *facebook* e observou que eles tinham poucas interações fora do grupo dos voluntários, por exemplo, o perfil 1 possuía 5 amigos, o perfil 2 possuía 6 amigos, o perfil 3, o que mais interagiu no grupo dos voluntários, possuía 60 amigos, o perfil 4 possuía 5 amigos, o perfil 5 possuía 6 amigos, perfil 6 possuía 7 amigos, o perfil 7 possuía 9 amigos e o perfil 8 possuía 7 amigos, no período observado.

Ademais, tal rede social possui uma ferramenta chamada *timeline*, um recurso visual que permite o acesso a uma sequência cronológica de conteúdos e eventos postados, no qual se notou que boa parte dos perfis acima continha conteúdos, em sua maioria, referentes ao voluntariado nas Olimpíadas Rio 2016 e o desenvolvimento de sua sequência cronológica datava a época da criação do grupo dos voluntários. Os perfis também tinham poucas fotos e na maioria não era possível identificar a face do sujeito, apenas a parte posterior do corpo (costas) com uma vestimenta na cor azul escuro, escrita na cor branca a palavra “Voluntário”. Esses perfis eram os administradores e também moderadores das postagens no grupo.

Após o período dos jogos foram adicionados mais dois perfis como administradores do grupo na rede social, também representantes da comissão olímpica, cujos perfis do *facebook* continham postagens e fotos pessoais, nas quais era possível identificar a face do sujeito, seu cotidiano e seus interesses. Esses dois administradores não foram listados acima para preservar a identidade de ambos. Faz-se necessário destacar que ambos trabalhavam no comitê olímpico internacional.

As outras 70 imagens se referem aos relatos de voluntários no megaevento esportivo que postavam suas experiências e sentimentos em relação ao trabalho por eles realizado. Para as análises, essas imagens foram alteradas nos nomes dos usuários e na foto de perfil, para que se preservasse a identidade dos voluntários.

Essas observações têm relevância à medida que o *facebook* como uma ferramenta gratuita e livre na internet passa a ser um espaço no qual as pessoas sentem-se mais à vontade para expressar suas experiências e seu cotidiano.

### **3.2.3 Descrição das Notícias Disponíveis no Portal do Evento**

Foram encontradas, em janeiro de 2017, no portal oficial do evento na internet <https://www.olympic.org/rio-2016>, três notícias referentes à atuação do voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016, produzidos pela comissão organizadora do evento. São elas:

#### **Reportagem 1: Voluntário encontra inspiração e experiências que mudam a vida no Rio 2016.**

Essa reportagem é datada de 23 de agosto de 2016 e relata a experiência de uma designer, que recebeu críticas negativas de seus amigos, quando revelou que seria voluntária nos jogos olímpicos no Rio de Janeiro. Relata também alguns sentimentos positivos experimentados por ela no que tange a uma mudança na sua profissão depois do contato com voluntariado no Rio 2016. (OLYMPIC, 2016a)

#### **Reportagem 2: Rio 2016 Voluntário fixando o Ritmo no Velódromo**

Essa reportagem é datada 15 de agosto de 2016 e relata a experiência de um voluntário que teve a oportunidade de percorrer a pista de ciclismo junto aos atletas profissionais. Foi necessária uma bicicleta elétrica para que o voluntário pudesse acompanhar os pilotos mais rápidos do mundo, enquanto eles se preparavam para correr. (OLYMPIC, 2016b)

#### **Reportagem 3: Voluntários vão marcar presença no Rio 2016**

Essa reportagem é datada de 05 de agosto de 2016 e relata a experiência de uma idosa de 56 que se voluntariou nos jogos olímpicos no Rio 2016 e sua vontade de participar de um evento como esse. (OLYMPIC, 2016c)

### **3.2.4 Descrição da Lei do Voluntariado de 9.608 de 18 de fevereiro de 1998**

Criada em 18 de fevereiro de 1998, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, a Lei 9.608 possui cinco artigos em sua redação, boa parte deles com parágrafos únicos que

dispõem sobre o serviço voluntário, considerando-o como uma atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos. Encontra-se disponível no portal da internet: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19608.htm).

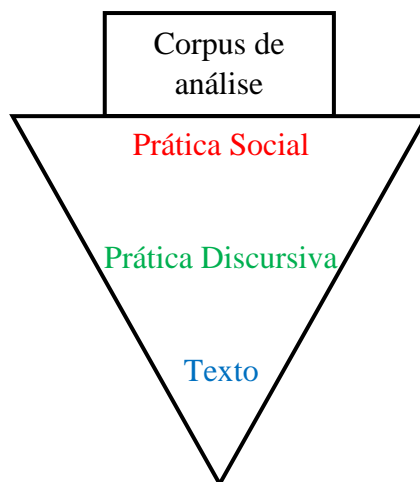
Nota-se que a concepção de discurso apresentada por Fairclough (2001) é especialmente relevante para a análise detalhada de um pequeno número de amostras de discurso. Por isso a necessidade de selecionar amostras para a análise detalhada, focalizando o “ponto crítico” do discurso, em que há evidências da mudança discursiva. Dessa forma, após a descrição do corpus de análise, prosseguiu-se com a exposição da análise efetuada.

#### **4 ANÁLISE TRIDIMENSIONAL DO DISCURSO**

As páginas digitadas resultantes da transcrição das entrevistas semiestruturadas foram numeradas e os participantes foram nomeados por “E<sub>n</sub>”. Onde “E” se refere ao entrevistado(a) e “n” se refere ao número que o voluntário(a) recebeu durante a análise, como uma medida para preservar a sua identidade. Ou seja, o entrevistado 1, no momento da análise foi retratado como E1, e assim sucessivamente. Os 87 “*printscreens*” também receberam uma numeração “P<sub>n</sub>”, onde “P” se refere à imagem e “n” se refere a sua numeração, esses processos organizaram e facilitaram a análise.

A Análise de Discurso proposta por Fairclough (2001) é feita em três etapas. Sendo o pesquisador livre para escolher qual etapa começar. Portanto, começou-se pela análise das práticas sociais, seguindo a prática discursiva até a análise textual, conforme expresso na figura 11 que poderá ser observada na próxima página dessa dissertação.

Figura 11. Concepção Tridimensional do Discurso.



Fonte: Da autora (2016).

A figura 11 ilustra o processo de interpretação dos dados como sendo similar a um filtro por camadas criado mentalmente pela pesquisadora, com base nas leituras sobre as três dimensões. Essa metáfora sugere que a análise tridimensional deve ser um procedimento que pode iniciar por uma das dimensões, mas não deve se limitar a separações claras e objetivas entre a produção e interpretação textual, pois existe uma sobreposição entre os níveis de análise que dificulta a perfeita divisão entre os tópicos, já que eles têm uma ligação.

Assim, a análise tridimensional dos dados foi organizada do conteúdo mais denso ao conteúdo menos denso, para que o leitor pudesse compreender o processo de análise. Logo, iniciou-se pela dimensão macrossocial que são as práticas sociais, perpassando para a análise das práticas discursivas nas formas de produção, distribuição e consumo do que foi falado até chegar à análise micro que é a dimensão da análise textual.

Explicitado o “*how to do*” da pesquisa, a seguir foram descritos os resultados de cada análise (prática social, prática discursiva e prática textual) e como elas contribuem para responder o problema de pesquisa levantado nesta dissertação.

#### 4.1 Prática Social

Esta etapa da análise tridimensional contribuiu para solucionar o problema levantado nesta dissertação, pois permitiu analisar como o discurso sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 foi investido político e ideologicamente em formas particulares, com

vistas a beneficiar as parcerias entre o poder público e privado para que se cumprisse com as recomendações do Comitê Olímpico Internacional na realização do evento.

Analisando o conceito de ideologia utilizado por Fairclough (2001) baseado em Thompson, compreende-se que as ideologias são significações/construções da realidade e se tornam muito eficazes quando são naturalizadas e atingem o *status* de senso comum, o que permite a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação.

A ideologia, portanto, está no bojo de qualquer processo de construção civilizatória e, atualmente, encontra-se situada pelo modo de produção capitalista. Toda essa reflexão sobre a ideologia no contexto social da produção dos discursos na ADC está em consonância com os estudos sobre voluntariado segundo a abordagem ideológica, que foi apresentado ainda no referencial teórico desta dissertação. Essa abordagem utiliza alguns preceitos da tradição marxista e estabelece uma crítica ao modo como o voluntariado se tornou funcional no atual sistema de produção capitalista.

Assim, a ideologia vai se reproduzindo também nas relações estabelecidas na esfera estatal vinculada ao contexto econômico neoliberal. Em virtude disso, o Estado vai se tornando cada vez mais funcional ao capital e com ele todas as formas de organização da sociedade vão se tornando também funcionais à medida que as relações de poder e dominação dos grupos hegemônicos vão se instaurando.

O neoliberalismo pressupõe a existência de um estado regulador que em tese, controlaria parcialmente o funcionamento do mercado. Diante disso, as interações entre o poder público e o privado, que se deram durante a negociação com o Comitê Olímpico Internacional, para que o Brasil pudesse sediar as Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, regulamentadas por leis com a Lei nº 12.780, são exemplos deste contexto econômico neoliberal de regulação. Assim também, percebe-se que a construção dessa realidade socioeconômica, no sentido ideológico, é benéfica aos os grupos dominantes, uma vez que parcerias políticas são negociadas em favor do quão rentável o evento pode ser para as partes. Quem tem mais poder de negociação, recebe a maior parte do bolo.

#### **4.1.1 Efeitos ideológicos e políticos do discurso**

No contexto estrutural do neoliberalismo, surge o “novo voluntariado”, marcado pela consolidação dos espaços de poder, força de trabalho, segmentos sociais, e interesses conflitantes. A ideologia influencia até mesmo os modos de viver em sociedade e de se organizar de modo que, no contexto do “novo voluntariado”, “a lógica neoliberal tanto

identifica os problemas sociais como responsabilidade dos indivíduos, como sugere que eles sejam resolvidos no âmbito privado”, seja por meio dos esforços dos próprios voluntários, ou através de instituições privadas da “sociedade civil” (BONFIM, 2010, p.57). Como pode ser percebido conforme o relato abaixo:

*EI - Eu pratico às vezes trabalho de filantropia por outras instituições que eu participo, então sempre eu tive um punho de ajudar [...]. Vendo uma oportunidade, desde a copa das confederações que eu fui voluntário de evento maior a primeira vez. Depois eu fui voluntário também na copa do mundo e agora nas olimpíadas [...] também como voluntário, exatamente nessa questão de poder ajudar o Brasil [...] ajudar o país, ou seja, você mostrar que país que tem capacidade mesmo com os problemas sociais que nos temos.*

O entrevistado 1 associa o voluntariado ao termo filantropia e demonstra uma preocupação em “poder ajudar o Brasil”, ao ponto de se responsabilizar com os problemas sociais do país, não só nas olimpíadas, mas também em outras instituições, inclusive a sua. Esse voluntário é microempresário e ao longo do desenvolvimento da entrevista, a empresa dele (esfera privada) também se responsabiliza de alguma forma pela questão social do país.

A ideologia, situada pelo modo de produção capitalista, influencia até mesmo a forma como foi construída a Lei do voluntariado número 9.608 de 18 de fevereiro de 1998. O modo como está escrita deixa lacunas que, quando apropriadas pela lógica capitalista e neoliberal, colocam os voluntários à mercê das decisões das instituições. As negociações entre as partes (voluntário e instituição) são escassas, pois a lei, em sua maior parte, permite que a instituição decida o que deve ser acordado entre as partes.

As discussões sobre a sistematização das leis sobre o voluntariado em cada país, não são frequentes na literatura acadêmica sobre o tema. Todavia, autores como Marcos e Amador (2014) discutem como cada país possui suas noções, definições e tradições próprias sobre o voluntariado e como a sistematização da lei, poderia ser implementada por meio de um plano que equacionasse as relações entre organizações e voluntários. De modo que, essa igualdade tanto contemplasse a missão e os objetivos das organizações quanto as expectativas dos voluntários, no reconhecimento dos direitos e das responsabilidades de ambos.

A caracterização do “novo voluntariado” surgiu para dinamizar o debate amplo e variado nas ciências sociais sobre o tema, justamente, por que o voluntariado tornou-se amplo pelas inúmeras denominações que recebeu, fruto de várias formas de se voluntariar, dependendo de sua intensidade, vinculação à instituição e desempenho, isso culminou seu caráter multifacetado.



O debate central na literatura científica sobre o voluntariado é funcionalista e envolve tecer relações entre as motivações e a disponibilidade ao trabalho voluntário. Em geral, as pesquisas utilizam a teoria das motivações subjacentes ao voluntariado, que recebe a sigla inglesa de MTV (*motivation to volunteer*). Uma extensa literatura examina a MTV em diferentes locais e circunstâncias e conclui que os indivíduos se voluntariam para uma miríade de motivos, sendo que duas classes de motivações dominam e coexistem, são elas: motivações altruístas (baseado em valores) e motivações utilitárias (CNAAN & GOLDBERG-GLEN, 1991). O interessante é que a análise da prática social permitiu à pesquisadora observar o investimento ideológico que está contido nessas motivações. Note-se os trechos a seguir:

a) Motivações Altruístas:

Há autores, na literatura sobre o voluntariado que vinculam a atuação voluntária a motivos altruístas, como por exemplo, “fazer o bem”. Os entrevistados 3 e 4 apontam que o ajudar, a vontade de servir e fazer o bem, as empatias, as crenças, a cultura como as razões que pautaram sua decisão em se voluntariar no megaevento esportivo Rio2016.

*E3 - Era um voluntário empresarial. A empresa nossa adotou uma creche e a gente periodicamente ia lá dar assistências às crianças e tal. E aí veio a Copa e fui voluntário na Copa e quando surgiu à inscrição para as olimpíadas tornei de novo fazer a inscrição e fui contemplado [...]. Eu tenho a minha vontade de servir, né. E a outra coisa é a oportunidade porque tanto na Copa do Mundo, como agora nas olimpíadas é um evento que tão cedo não vai acontecer aqui. E eu nem sei se vou tá vivo (risos) pro próximo.*

*E4 -Isso aconteceu involuntariamente na minha vida, mas foi uma coisa que eu sempre gostei muito de ajudar, né. Independente de evento, porque aí evento tem essa dimensão maior, as pessoas mais visibilidade. Mas eu já trabalhei com criança, em asilo, com animais que eu adoro. Essas doações de animais, a gente faz projetos na sociedade protetora de animais aqui. Então, assim, é muito bom você se sentir útil, independente o retorno é do coração, não é financeiro. Eu gosto disso [...] Uma coisa que vem de se sentir útil, eu acho que eu me sinto útil*

É interessante perceber que esse “fazer o bem” pode se tornar uma força de trabalho não remunerada e cooptada pelas instituições inseridas no modo de produção capitalista, à medida que o voluntário dispõe sua força de trabalho por uma motivação pessoal e contribui com a organização no seu reposicionamento no mercado como instituição socialmente responsável. Em termos financeiros, essa instituição poderá receber maior rentabilidade em

suas negociações, essa é a lógica do mercado. A seguir descreveram-se mais motivações interpretadas nas análises.

b) Motivações de Crescimento pessoal

Na literatura sobre motivações para o voluntariado também existem autores que atribuem motivações utilitárias a tal atuação. Os relatos dos entrevistados abaixo corroboram com a literatura sobre o tema. Observe:

*E2 - Eu acho que a gente ganha vivencia de mundo né, porque é uma coisa muito diferente que você ta fazendo, não terei outra oportunidade, pelo menos não aqui [...] tão cedo. Me enriquece muito trabalhar com pessoas diferentes, trabalhar com protocolos, com regras [...] pra minha vivência como pessoa, nossa!!! Vai me ajudar demais.*

O entrevistado 2 alega que o aprendizado, o crescimento pessoal e o desenvolvimento foram motivos importantes para a sua decisão em se voluntariar nas Olimpíadas e Paraolimpíadas Rio 2016. Essas motivações de crescimento pessoal mantêm interface com a dimensão da prática social, no sentido ideológico, pois há um consenso de que o enriquecimento pessoal ajuda na vivência em sociedade e no desenvolvimento individual de habilidades que são importantes. De modo similar, as motivações sociais descritas a seguir seguem a mesma lógica.

c) Motivações Sociais:

No que tange às motivações sociais essas se referem às necessidades de afiliação, associação à outras pessoas. O contato com as outras pessoas. Observe:

*E10 - O meu primeiro trabalho voluntário foi, realmente, nas olimpíadas [...] mais pelo intercâmbio cultural, pela possibilidade de está lá, de conviver com pessoas de diferentes nacionalidades e mais um aprendizado mesmo. Assim, uma experiência enriquecedora que foi.*

*E12 - Aumentar minha rede de relacionamentos, pois você tem contato tanto com pessoas dentro do seu país, quanto do exterior. Aumentar sua rede network! Você aumenta infinitamente com esse tipo de evento de voluntário.*

O entrevistado 10 alega que encontrar pessoas e fazer amizades foram os motivos que determinaram sua vontade de ser voluntariar pela primeira vez. Já o entrevistado 12 diz que as motivações estavam relacionadas ao aumento de sua rede de contatos. As motivações sociais são componentes da prática social, visto que a vivência em sociedade permite aos sujeitos

compartilharem signos, símbolos e artefatos que compõe sua cultura. Outra motivação observada foi a de status que foi descrita a seguir.

d) Motivações de Status:

Uma reportagem do jornal O Globo mostra como as empresas têm valorizado o currículo de quem desenvolve ações sociais, a reportagem diz o seguinte: “o trabalho voluntário começa a ter novo efeito colateral no Brasil [...] além de fazer muito bem à sociedade, começa a contar pontos para o currículo”. Esses pontos no currículo significam tornar-se mais atraente ao mercado de trabalho (RIBEIRO, 2004 citado por BONFIM, 2010, p. 56).

Assim, as motivações ligadas ao mercado de trabalho são sintetizadas nas motivações de status. Observe:

***E11**-Tem muitas empresas, na verdade, elas dão muita importância ao trabalho voluntário no currículo, além do profissional, foi muito importante pra mim também. Além de constar no currículo, eu acho também que eu pude crescer bastante, em questão de trabalho em equipe, você tá ali não só por obrigação é porque você quer.*

O entrevistado 11 declarou que o desejo de adquirir conhecimento profissional foi importante na sua decisão de se voluntariar, além de aprender a trabalhar em equipe. Voltando à reportagem, esta ainda afirma que “as empresas identificam nesses profissionais características tidas como importantes num funcionário: capacidade de trabalhar em equipe, espírito de solidariedade e habilidade de administrar”, portanto as ações voluntárias são bem vistas no mercado, por transmitir ao voluntário algumas competências que podem interferir na eficiência do trabalho. A idéia é que “as ações voluntárias garantem ao profissional uma imagem positiva numa entrevista de emprego” (RIBEIRO, 2004 *apud* BONFIM, 2010, p. 56). Observe:

***E9** - As empresas, em geral, valorizam muito o trabalho voluntário mesmo que não seja diretamente na área do curso que a gente faz. E de qualquer maneira, é um crescimento pessoal também.*

O entrevistado 9, por outro lado, além de possuir motivações relacionadas ao trabalho, também possui motivações relacionadas ao crescimento pessoal. Além das motivações de status há também as motivações materiais. Assim, o indivíduo que se voluntaria pode seguir uma ideologia que relaciona o seu espírito de solidariedade com uma visão de que ele pode

ser uma mão-de-obra útil ao capitalismo, mas também pode agir em função de interesses pessoais.

e) **Motivações Materiais:**

O entrevistado 10 reparou que no momento de sua atuação como voluntário, muitas pessoas que se inscreveram e foram selecionados para atuar como voluntários no mega evento esportivo Rio2016, receberam os uniformes e não compareceram mais. Essas pessoas pautaram suas decisões na consecução de benefícios materiais imediatos e em seus interesses pessoais em possuir o uniforme e os demais brindes do evento.

*E10 – Eu reparei que muitas pessoas que se inscreveram como voluntário, foram, fizeram o cadastramento, a inscrição, pegaram o uniforme e não compareceram no dia seguinte. Ou seja, pessoas que estavam interessadas somente em receber o uniforme pra poder vender depois ou pra algum outro fim e não contribuíram para o evento.*

Toda essa motivação para o voluntariado pautou as decisões dos voluntários em se inscreverem para a atuação nos jogos olímpicos e paralímpicos. O motivo pelo qual uma pessoa se engaja no trabalho voluntário é, por um lado, de foro íntimo, sendo parte de uma motivação que cabe só a própria pessoa. Assim, ela pensa, julga e age. Poderia se acreditar que é, portanto, algo pessoal que engloba sua liberdade de agir de tal modo (MEISTER, 2003 citado por BONFIM, 2010). Todavia, a questão que se coloca, não são as motivações em si, mas como a lógica capitalista atual se apropria destas motivações ideologicamente. Nesse caso, forja-se uma “cultura do voluntariado” que visa manter a hegemonia do próprio sistema. A seguir são especificadas as relações entre estruturas sociais hegemônicas e a composição da matriz social discursiva sobre o voluntariado.

#### **4.1.2 Matriz Social do Discurso**

Dessa forma, acredita-se que a produção discursiva do voluntariado no mega evento esportivo Rio2016 foi estrategicamente criada para se pensar que, mesmo diante da crise econômica e social brasileira, era possível fazer um megaevento esportivo que demandava uma quantia de capital que o país não possuía para resolver seus próprios problemas sociais e econômicos. A existência de elementos contraditórios marca os traços da mudança social, pois mesclam elementos inconsistentes, em que há um grande investimento em infraestrutura para um evento de porte internacional, quando o país não possui os investimentos necessários

para minimizar a sua própria crise. Com isso, foi preciso um esforço individual em prol de toda uma coletividade para que o evento fosse realizado com sucesso. Note-se isso a seguir, no relato do entrevistado 5.

*E5-Eu acho que essa questão do voluntário ajudou muito no funcionamento da olimpíada. Contribuiu porque precisava de muita gente pra fazer coisas muito diferentes. Dá um sentimento, assim... um orgulho patriota sim. E, ao mesmo tempo há uma preocupação de ver o dinheiro que foi gasto nisso, né. E que poderia ter investido em educação, segurança. Assim, é uma festa maravilhosa! E com certeza trouxe alegria! Mas eu não sei se o custo benefício disso seria tão bom.*

Enquanto o voluntariado olímpico se tornava uma força para o trabalho, o Comitê Olímpico (comissão organizadora do evento) era patrocinado<sup>3</sup> por grandes marcas do esporte, grandes marcas da indústria alimentícia entre outros grandes detentores do capital. Isso porque boa parte das finanças dos Comitês Olímpicos (internacional ou nacional) advêm da publicidade, comercialização de artigos comemorativos dos jogos e venda dos direitos de transmissão dos jogos às emissoras. O voluntariado se tornava funcional aos interesses de acumulação do capital. Era necessária uma força de trabalho que produzisse, mas não fosse remunerada e que promulgasse os supostos valores dos jogos olímpicos que são, entre outros, a solidariedade. Observe o relato da entrevistada 10.

*E10 - A comida foi muito boa, o almoço era selfservice, podia servir, no final tinha picolé da Kibon, podia pegar, tinha sobremesa também. Bom, como eu fiquei, eu era assistente do local de competição, então eu era responsável por encher o freezer dos atletas, (água, tinha que colocar aqueles energéticos azul da Coca-Cola, Powerade. Então, aí, às vezes, eu podia tomar. O meu chefe, assim, que era contratado, liberava e falava: se quiser pode tomar. Meio que eu fiquei à vontade pra isso.*

No texto da entrevistada 10, sobre as refeições que foram servidas para os voluntários, há uma menção às marcas alimentícias que forneceram produtos ao mega-evento esportivo.

---

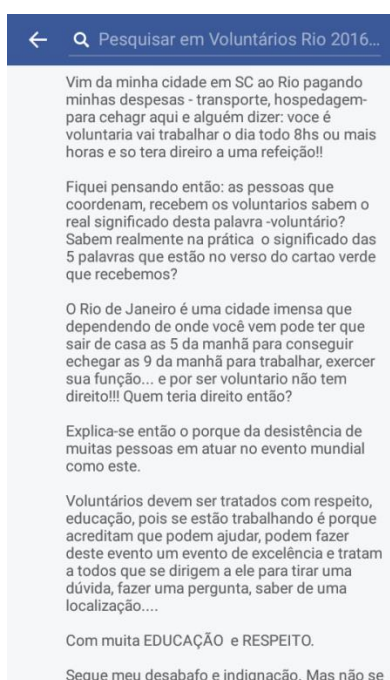
<sup>3</sup> Uma reportagem da folha de São Paulo datada de 09 de abril de 2016 informa sobre uma marca patrocinadora do material esportivo, declarando o seguinte: “A Nike, fornecedora de material esportivo do Comitê Olímpico Brasileiro, apresentou neste sábado (9), no Rio de Janeiro, os uniformes do Brasil para a Rio-2016. Entre eles estão roupas de treino e conjuntos de calça e jaqueta que serão usados no pódio pelo atleta que for medalhista, além das vestimentas de competição das equipes de atletismo, basquete e futebol, patrocinadas pela marca. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/04/1759374-uniformes-do-brasil-para-olimpiada-sao-apresentados-em-evento-no-rio-de-janeiro.shtml>. Acesso em: 10/01/2017.

Cabe aqui destacar que o COI - Comitê Olímpico Internacional - também é financiado por marcas do esporte, alimentícias, publicidade e venda de direitos à transmissão. Portanto, paga-se tanto para o Comitê Olímpico Brasileiro quanto ao COI para fornecer alimentos, fornecer roupas, fornecer uniformes, transmissão pelas emissoras de TV entre outros e, com isso, as empresas vinculam sua marca ao maior evento esportivo do mundo. São exemplos de marcas tradicionais do esporte como a Nike, Puma, Adidas, Asics e Mizuno. Os uniformes dos voluntários e comissionados, por exemplo, foram confeccionados pela marca chinesa 361°, apoiadora oficial dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Cabe ressaltar também a separação que havia entre voluntários e contratados, sendo os segundos diferenciados em termos de mais benefícios, melhores condições de trabalho e posições de comando. Note o seguinte relato do entrevistado 3.

*E3 - Estamos fazendo uma senhora olimpíada na parte do futebol, ninguém ta reclamando nada, tá todo mundo satisfeito. A organização tá muito bacana. Os nossos coordenadores X e Y, que são os coordenadores dos voluntários, são sensacionais e a equipe é muito boa.*

Percebeu-se, nos relatos, vários elogios à coordenação direta dos voluntários que era feita por contratados, porém houve muitas queixas quanto a ausência de auxílios básicos para que os voluntários pudessem trabalhar, como vale-transporte e hospedagem, por exemplo. E isso era uma grande diferenciação que ocorria entre voluntários e contratados, demarcando uma relação de poder em que o contratado tinha seus direitos garantidos e ainda exercia o comando sobre os voluntários. Esses, por sua vez, tinham que pagar do próprio bolso para poderem ir trabalhar no evento e, em vários momentos, sentiram-se tratados com desprezo, falta de respeito e educação, como está expresso na postagem P14 que poderá ser observada na próxima página dessa dissertação.

Figura 12. Dados de pesquisa postagem “P14”.



Fonte: Da autora (2016).

Os ideários gerenciais e capitalistas de maior eficiência e maior eficácia foram transportados para o voluntariado. Uma forma de trabalho que, em tese, não possui vínculo empregatício, portanto não pode gerar elementos fático-jurídicos da relação de emprego, tais como, subordinação, onerosidade e pessoalidade.

Observe os relatos dos voluntários.

***E1** - Todos os nossos treinamentos foram online, ou seja, nós tínhamos um portal do voluntário desenvolvido exatamente pra cada área de atuação dos voluntários, mostrando o evento todo, desde a história, o momento de candidatura, como que ele foi planejado e executado e o material de comparação dos voluntários, instruindo o que pode e o que não pode. Falando sobre os Direitos Humanos, sobre é... como se lidar com o público, como lidar ,às vezes, com os jogadores com os atletas em si. Ou seja, então você tinta todo o material de gestão preparando você para o evento como um todo, mas nas suas áreas específicas.*

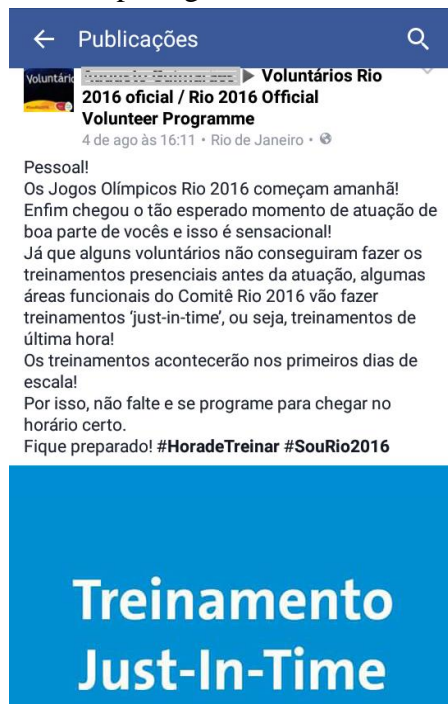
***E3** - Tivemos vários treinamentos como: como agir em público, como agir em caso de um incidente, como ser prestativo, as responsabilidades: o que o voluntário pode fazer e o que ele não pode fazer.*

***E6** - Tem todo um protocolo, assim, né de como vestir e tal. Tem vários treinamentos para realmente você passar para o público e para quem estava trabalhando. O espírito da olimpíada mesmo.*

Essa vinculação do trabalho dos voluntários aos ideários capitalistas ocorreu por meio de ferramentas gerenciais que são empregadas para aperfeiçoar a produção de organizações capitalistas que possui trabalhos com vínculos empregatícios, ou seja, admitem a prestação

laboral dentro de um liame empregatício, tais como treinamento online e just-in-time, manual de boas práticas, atendimento ao cliente, protocolos de uso de uniformes. Observe as imagens “P87 e P9” referentes às postagens da comissão organizadora.

Figura 14. Dados de pesquisa 2016 postagem “P87”.



Fonte: Da autora (2016).

Figura 13. Dados de pesquisa 2016 postagem “P9”.



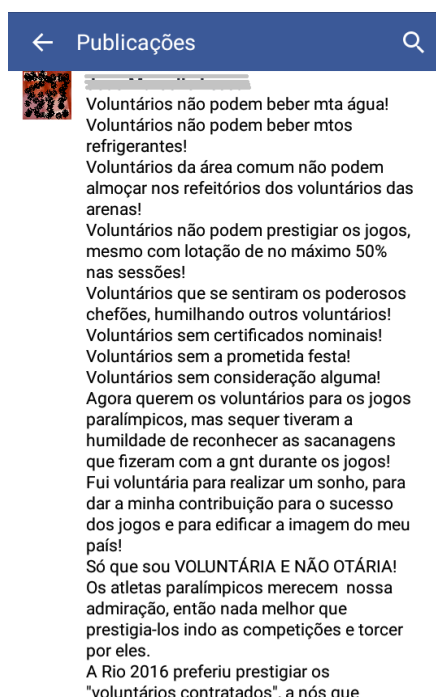
Fonte: Da autora (2016).

Por meio do portal dos voluntários “Time Rio 2016”, as ações dos voluntários no megaevento esportivo Rio 2016 foram planejadas e as pessoas foram capacitadas. Os voluntários foram recrutados e selecionados por essa plataforma. Por ela também foram distribuídas as escalas de atuação, isso é, dias e horários trabalhar como voluntário. Tal feito está em consonância com a abordagem gestonária do voluntariado em que os pesquisadores acadêmicos entenderam o voluntariado como um recurso organizacional que deve ser gerido, de maneira a planejar e capacitar sua atuação, o que gera maior eficiência e eficácia no alcance das metas organizacionais, maior dedicação e duração, planejamento, rotina e racionalização do trabalho prestado.

Contudo, o trabalho voluntário não era concebido pelos voluntários com tal nível de formalização e exigências, isso pode ser percebido através das manifestações sobre as proibições e as regras as quais foram submetidos. Observe a figura a “P53” na próxima página dessa dissertação.



Figura 15. Dados de pesquisa 2016 postagem “P53”.



Fonte: Da autora (2016).

Apesar de haver uma relação de poder sobre os voluntários, similar àquelas presentes em um contrato formal de trabalho, não haviam benefícios e nem retribuições esperadas em virtude do esforço e dedicação, além de uma vigilância contínua a que eram submetidos, como foi expresso na postagem 53, feita por um dos voluntários.

Segundo o *Volunteer Canada* (2016), a gestão do voluntariado deve assegurar o bem-estar e a felicidade dos voluntários, mantendo o programa eficaz e envolvente. Todavia, a conseqüente perda da espontaneidade, informalidade, flexibilidade, liberdade e autonomia do serviço voluntário na gestão do voluntariado, ecoou em um sentimento de obrigação e de exploração.

Ao se comprometer com a causa, o voluntário deve cumprir os protocolos. E não se trata da simples obediência a um protocolo de atuação porque, se não há o cumprimento, há a punição. No caso do megaevento esportivo Rio 2016, o indivíduo perdia sua credencial e não poderia mais atuar como voluntário nos jogos se não cumprisse o protocolo, mesmo tendo gastado dinheiro, tempo e disposição pessoal para se voluntariar. Observe a postagem “P3” em que o voluntário não seguiu os protocolos sobre o que poderia ser dito e, portanto, foi excluído do grupo e não pode utilizar sua credencial no dia seguinte.

Figura 16. Dados de pesquisa 2016 postagem “P3”.



Fonte: Da autora (2016).

Pelo relato do voluntário na figura “P3”, não foi permitido às partes uma negociação, frente a uma situação de desentendimento. Os voluntários foram submetidos à um policiamento ideológico durante o período em que estavam trabalhando. A exclusão do voluntário foi imposta e forjada como desistência, não foi permitida negociação entre as partes. Percebe-se, portanto, que a ordem do discurso sobre o voluntariado na Rio 2016 perpassou pelas várias faces do voluntariado, como por exemplo, a luta na consolidação dos espaços de poder, que é característica do “novo voluntariado”(LANDIM, 1993; LIMA 2010).

A comissão organizadora, estando no topo da matriz social do discurso, ditava os protocolos a serem seguidos, pautando-se no discurso do sonho, da consciência cidadã, da nacionalidade para que o voluntário sentisse sua participação no sucesso do evento. Porém, quando os voluntários manifestavam suas indignações sobre fatos como: não ter direito a uma festa de confraternização que fora prometida; não ter acesso ao certificado nominal quando outros funcionários já tinham; não receber uma medalha e certificado do COI como os contratados; ter escalas de atuação com horários muito longos sem descansos, entre outros, o grupo foi desativado para postagens por um tempo. Após esse período de reclamações foram reativadas as postagens no grupo. A seguir são especificadas as relações entre estruturas sociais e as ordens do discurso que delineiam os efeitos de produção e transformação dos discursos.

### 4.1.3 Ordens do Discurso

Foi notado nos relatos dos voluntários, aspectos tanto de reprodução como de transformação dos discursos. No que tange à reprodução, o discurso da comissão organizadora foi repetido várias vezes pelos voluntários. A figura “P23” é uma postagem da comissão organizadora, dois dias antes de começar os jogos olímpicos.

Figura 17. Dados de pesquisa 2016 postagem “P23”.



Fonte: Da autora (2016).

O discurso da comissão organizadora evoca metaforicamente a noção de trabalho e a relação do homem com a natureza, podendo ser percebidos nos trechos como “você que acorda cedo. Até antes do Sol”. De modo que, a construção discursiva em torno do trabalho vai sendo tecida na relação entre homem e natureza. Neste trecho, há um domínio do homem sobre a natureza, já que ele “não tem medo do tempo. Nenhum dos significados dele”. Assim, o significado representacional sobre o voluntariado vai sendo construído em torno do trabalho como categoria central da vida e dignidade humana, sendo o voluntário o agente da transformação de um sonho em realidade. Para a comissão organizadora, esse sonho foi almejado por uma nação, como se pode perceber em “os jogos são do Rio. Mas o Rio é de vocês”, trata-se de mais uma faceta do voluntariado, algo que lhe é peculiar, a sua roupagem

mais nobre. Logo, ao realizar o sonho da nação os voluntários estariam realizando a si mesmos.

Agora, basta observar as figuras “P24” e P34 e perceber como esse discurso da comissão organizadora foi reproduzido, pois se repete nas falas de voluntários olímpicos.

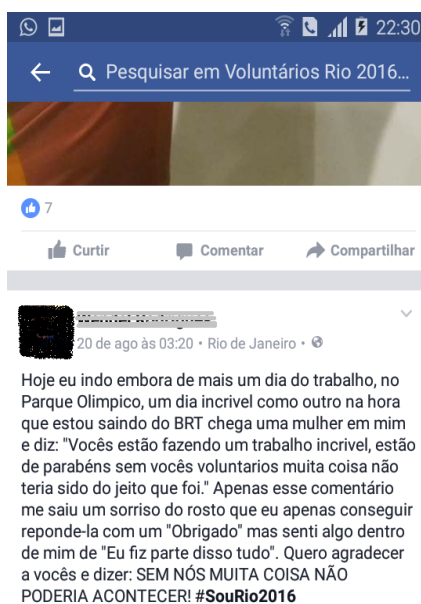
Figura 18. Dados de pesquisa 2016 postagem “P24”.



Fonte: Da autora (2016).

Discursos como “Minha Cidade” na figura “P24” sobre o relato de um voluntário ecoa com “O Rio é de vocês” da figura “P23” sobre o discurso de um representante da comissão organizadora, em que se nota o sentimento de pertencimento levantado, pertencimento à cidade sede, pertencimento ao evento, pertencimento a um momento histórico. Esse momento histórico também demonstra sinais de intertextualidade discursiva. Observe na próxima página dessa dissertação a postagem “P34”.

Figura 19. Dados de pesquisa 2016 postagem “P34”.



Fonte: Da autora (2016).

Assim, também na figura “P34”, a frase “Hoje indo embora de mais um dia de trabalho”, no relato de um voluntário, ecoa com “Você que acorda cedo [...] e continua firme e forte até a hora que ele próprio vai embora” presente no discurso de um representante da comissão organizadora, em que se nota a reprodução do discurso em relação à força de trabalho.

Os efeitos ideológicos e políticos desse discurso particular da comissão organizadora são hegemônicos à medida que vão criando um sistema de conhecimento e de crença, de relações sociais e identidades sociais (FAIRCLOUGH, 2001). Em que a relação entre o “Eu voluntário” e a realização do evento tem analogias diretas. Assim, o pensamento que subjaz é que “Sem o voluntário o evento poderia não acontecer”, “Fizemos história ao realizar o evento”. Esses achados estão em consonância com a literatura sobre o tema, uma vez que reforçam a roupagem nobre atribuída ao voluntário, no sentido de construção da dignidade humana. Desse modo o papel do voluntário contribuiu e demarcou cronologicamente a realização do evento no país. A seguir descreve-se a análise da prática discursiva.

#### 4.2 Prática Discursiva

Esta etapa da análise tridimensional permitiu analisar os aspectos de produção, distribuição e consumo textual, bem como os tipos de discursos sobre o voluntariado no mega evento esportivo Rio 2016.

O contexto da produção textual sobre o voluntariado no mega-evento esportivo Rio 2016 perpassa pelas condições econômicas, sociais e políticas do Estado Brasileiro, pela influência do contexto econômico neoliberal e internacional, e também pelos requisitos solicitados pelo Comitê Olímpico Internacional quando aprovaram a candidatura do país sede.

Por trás de todo esse contexto, há um conjunto de esferas em que o texto pode ser produzido, consumido e distribuído. Existem vários gêneros textuais que são produzidos em circunstâncias específicas e particulares. É por meio da interpretação que se torna possível situar o gênero textual que compõe a amostra analisada. Em seguida foram explicadas cada uma dessas práticas discursivas.

#### **4.2.1 Condições da produção textual: Interdiscursividade**

Nesta etapa da análise, foi preciso especificar os tipos de discurso que compõem a amostra sob análise. Dessa forma, observou-se que, em relação ao tipo textual da amostra, os textos são heterogêneos, visto que se apresentam ora argumentativos, ora expositivos, ora narrativos. Decompondo-se nos gêneros textuais: entrevista (conversação gravada); postagens na rede social (relatos de experiência); reportagens (descrição e argumentação); e lei 9.608 (instrucional).

#### **4.2.2 Condições da produção textual: Intertextualidade Manifesta**

Nesta etapa, foi possível analisar de que forma os textos foram compostos por outros textos. Diante disso, observou-se que, em relação à representação discursiva sobre o voluntariado no mega-evento esportivo Rio 2016, há uma necessidade de fornecer uma imagem de que o Brasil tem muitas capacidades, entre elas a de realizar um grande evento. As capacidades relatadas pelos entrevistados são tratadas a seguir.

*E1 – É poder mostrar que o Brasil consegue realizar grandes eventos.*

*E2 - Eu acho que sim [pode trazer benefícios] Eu acho que pode ter malefícios também, mas principalmente o Brasil perde muito economicamente com o turismo. O turismo não é tão incentivado assim. E eu acho que esses eventos trazem bastante turismo, que no futuro, né? Vai gerar serviços turísticos, aumentar o número de turista no país. Para eles verem que é um país que vale a pena visitar, é um país bom, que as pessoas são boas de ver.*

*E3 – É uma oportunidade para a gente mostrar que a gente sabe fazer, entendeu?*

*E4 -A gente tenta fazer um trabalho legal, mostrar um outro lado que as pessoas estão sempre achando que vai chegar aqui e vai encontrar violência, e índio. Pensa que o país é só isso: violência, carnaval e índio. Um certo preconceito que até nós mesmos temos. Mas aí chega aqui e vê que apesar do país está uma turbulência né, econômica; as pessoas são educadas, tem gente disposta a voluntariar.*

Assim, o discurso também é marcado por pressuposições ligadas a outros textos anteriores com que o produtor teve contato, seja em ambientes de informação, educação, religiosidade, cultura, lazer, telejornais, redes sociais, entre outros, e que não foram especificados ao pesquisador na hora da interpretação. Faz-se necessário destacar que conhecer a fonte dos textos anteriores não é uma preocupação da ADC. Considerando-se que o agente produtor está inserido em vários contextos sociais, não se pode afirmar com exatidão a procedência dos textos anteriores. Para a análise tridimensional interessa saber se existem conexões entre o texto atual e textos anteriores, e não a fonte específica da pressuposição.

*E1 – [...] mostrando a capacidade de realizar. Tirar um pouco: O Brasil não é capaz de realizar. Na verdade o Brasil é muito capaz de realizar. O povo brasileiro tem uma alta capacidade em, um intervalo pequeno, resolver coisas que realmente os outros não consegue. Com a criatividade que nós temos, o famoso jeitinho brasileiro tem em realizar, em conseguir resolver problema.*

*E9 – O trabalho voluntário fez o evento acontecer.*

*E10 – O Brasil precisa de voluntário.*

As sentenças acima são afirmações em que se percebe a intertextualidade nos discursos. Embora não exista uma fonte especificada em: “O Brasil não é capaz de realizar”, pela afirmação do produtor textual que é entrevistado 1, interpreta-se o Brasil, por uma razão que não foi enunciada, poderia não conseguir realizar a Olimpíada. A intertextualidade está no fato de que em algum momento de sua vida, o produtor textual teve contato com este texto que coloca em dúvida a realização da olimpíada, seja na mídia, no trabalho, na educação, na religião entre outros. Esses textos podem estar presentes, por exemplo, em reportagens de jornais e/ou revistas em que se discutem várias características culturais do povo brasileiro, ou mesmo estereótipos negativos acerca de sua capacidade de realização. É um discurso que ecoa nas falas dos entrevistados E9 e E10, em que se percebe que o Brasil necessita de algo para superar a imagem de que ele não conseguiria realizar o evento, e por meio do trabalho voluntário isso foi possível.

### 4.2.3 Distribuição textual

Nesta etapa, foi especificada a distribuição da amostra discursiva, na qual uma série de textos foi transformada na fala do produtor. A transformação acontece por meio da intertextualidade que é a propriedade que os textos possuem de estarem cheios de fragmentos de outros textos, podendo estar delimitados ou miscigenados com o texto, contradizer, ressoar ou ironizar os textos.

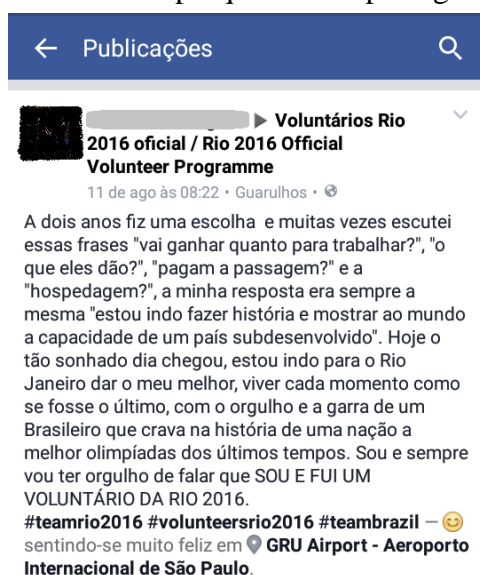
**Cadeias intertextuais:** Existem sinais de que o produtor do texto antecipa algumas informações de outros textos que não foram especificadas ao interpretador. Neste sentido, o texto antecipado e transformado em fala pode ter respaldo nas práticas institucionais com que o produtor teve contato em seu cotidiano, seja por meio da educação, da religião, da cultura, da mídia e etc. Observe-se o trecho retirado da fala do entrevistado 1.

***E1** – Você mostrar que país que tem capacidade mesmo com os problemas sociais que nos temos e realmente consegue fazer e mostrar que ele é grande.*

No processo de produção do enunciado “E1”, a presença do fragmento “Problemas Sociais” é um acréscimo que está miscigenado ao texto. O produtor traz informações sobre a existência de problemas sociais no país sede das olimpíadas. É um fragmento que não traz uma fonte especificada no momento de sua produção, mas reforça a construção discursiva em torno do voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016. As marcas da intertextualidade pressupõem a inclusão da história e contexto de um texto, sendo absorvidos e construídos de textos passados, respondendo-lhes ou acentuando-os. Na página seguinte observe a figura “P10”.



Figura 20. Dados de pesquisa 2016 postagem “P10”.



Fonte: Da autora (2016).

De acordo com Bakhtin (2010), a intertextualidade é a propriedade de os textos responderem a textos anteriores, e por sua vez, antecipar textos posteriores. Assim, cada enunciado se torna um elo na cadeia de comunicação.

Na figura “P10”, a postagem do voluntário traz o seguinte enunciado e entre aspas “Estou indo fazer história e mostrar ao mundo a capacidade de um país subdesenvolvido” e continua sem aspas “Com o orgulho e a garra de um brasileiro que crava na história de uma nação a melhor olimpíada dos últimos tempos”. Essas marcações demonstram que no processo de produção deste enunciado, existe uma sequência cronológica na criação dos textos, que por sua vez, repercute a historicidade do evento, isto é, desde a candidatura do Brasil para sediar as olimpíadas, sua aprovação, o planejamento e o início da estruturação dos locais de competição para atender as recomendações do Comitê Olímpico Internacional.

Continuando a análise, observe as figuras “P16 e P17”

Figura 21. Dados de Pesquisa 2016 postagem “P16” e “P17”.

← Publicações

**Voluntários Rio**  
**2016 oficial / Rio 2016 Oficial**  
**Volunteer Programme**  
 6 h · Rio de Janeiro · 🌐

Fazer parte disso foi INCRÍVEL!  
 Novos amigos, muitas estórias pra contar.  
 O Brasil fez HISTÓRIA! Mostramos que um país em desenvolvimento pode realizar SIM um evento desse porte com infraestrutura e segurança.  
 Tivemos problemas, mas fizemos o melhor que podíamos em tudo, sem dúvida!  
 Quando tudo começou, meu sentimento predominante era ansiedade, nervoso e alegria. Agora que está quase acabando, o sentimento é saudade e sensação de dever cumprido.  
 E nessa foto tem só uma parte da equipe, falta muita gente aí! 📷

nosso Time B do Tiro/Pentatlo que arrasa sempre! Tem muita coisa ainda pra acontecer até domingo, quando tudo acaba e eu já sei que vou chorar (rs), mas posso dizer que o povo Brasileiro pode SE ORGULHAR do belo trabalho que todos nós fizemos até agora nessa olimpíada!

nosso Time B do Tiro/Pentatlo que arrasa sempre!  
 Tem muita coisa ainda pra acontecer até domingo, quando tudo acaba e eu já sei que vou chorar (rs), mas posso dizer que o povo Brasileiro pode SE ORGULHAR do belo trabalho que todos nós fizemos até agora nessa olimpíada!

#SportPresentation #SouRio2016 #MeuDiaOlimpico  
 #Volunteers #Time14 #Deodoro #Eu #SouBrasileiro  
 #ComMUITOORGULHO #ComMUITOAMOR – 😊  
 sentindo-se motivada em 📍 Centro Olímpico de Tiro.

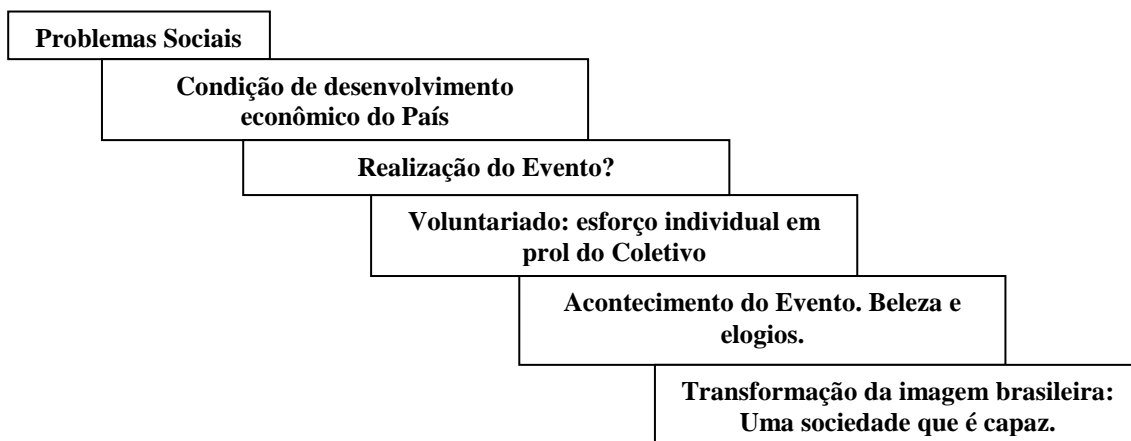
Fonte: Da autora (2016).

Os textos produzidos pelos voluntários se misturam com os textos produzidos pelos representantes da comissão organizadora do evento. As postagens “P16 e P17”, relatos de uma voluntária trazem marcas de intertextualidade em fragmentos miscigenados como: “O Brasil fez história”; “Mostramos que um país em desenvolvimento pode realizar SIM um evento desse porte com estrutura e segurança”; “O povo brasileiro pode SE ORGULHAR pelo belo trabalho que todos nós fizemos”; e outros fragmentos explícitos “E digo isso após o que [...] presidente da federação internacional de Tiro Esportivo se dirigir para nós e dizer que a equipe [...] fez um trabalho PERFEITO!”.

Esses fragmentos são também marcas da hegemonia, qual conceito Gramsciano trazido por Fairclough (2001). Ao reparar a sentença “Não houveram erros” (sic), nota-se as desigualdades nos diferentes domínios do poder. Logo, o Presidente da Federação Internacional de Tiro Esportivo, tem mais autoridade para dizer que não houve erros no trabalho dos voluntários, que os próprios voluntários. A matriz social do discurso sobre o voluntariado dita quem tem autoridade para dizer algo. Assim também, demonstra os níveis hierárquicos que fazem concessões ideológicas para ganhar o consentimento dos níveis mais baixos da pirâmide social, como pode ser visto em “E digo isso após o senhor [...]”.

Logo, a cadeia textual do discurso sobre a participação do voluntariado nas Olimpíadas e Paraolimpíadas Rio 2016 pode ser composta em:

Figura 22. Cadeia Intertextual do Discurso sobre o voluntariado no mega-evento esportivo Rio2016.



Fonte: Da autora (2016).

A cadeia textual do discurso sobre a atuação voluntária nos jogos olímpicos e paraolímpicos perpassa pela pressuposição de que os problemas sociais e a condição de desenvolvimento econômico do país poderiam colocar em cheque a realização desse evento de grande porte. Dessa forma, a representação discursiva traz a força do trabalho voluntário como importante na realização do evento, sendo necessário um esforço individual em prol da coletividade. A sociedade Brasileira tem a chance de fazer história, transformando sua imagem em uma sociedade que é capaz de realizar um evento esportivo internacional.

#### 4.2.4 Consumo do texto

Nesta etapa, foram consideradas as implicações interpretativas das particularidades intertextuais dos dados em análise, portanto, trata-se de informações sobre como os textos foram interpretados.

**Coerência:** A coerência não é uma propriedade do texto e sim uma propriedade da interpretação, “pois um texto só faz sentido para alguém, quando lhe é possível interpretá-lo, ao gerar leituras coerentes” (PEDROSA, 2005, pag.1), o que inclui o analista da pesquisa, e como os textos foram realmente interpretados (FAIRCLOUGH, 2001). Dessa forma, faz-se necessário destacar a posição adotada pela pesquisadora.

Portanto, a leitura da pesquisadora é em uma leitura de resistência, trazendo elementos de apropriação, funcionalidade e cooptação, no sentido de desvelar o voluntariado compreendendo suas múltiplas faces e os significados representacionais da prática, a partir dos discursos sobre os voluntários olímpicos. Por isto a pesquisadora trouxe elementos do discurso dos voluntários (entrevistas e postagens), do discurso da comissão organizadora do evento (postagens e notícias), e elementos legislatórios da sociedade brasileira representado na Lei de número 9.608. Segundo Fairclough (2001, p. 73) “as interpretações resistentes são um modo de luta hegemônica quanto à articulação dos elementos textuais”.

### **4.3 Prática textual**

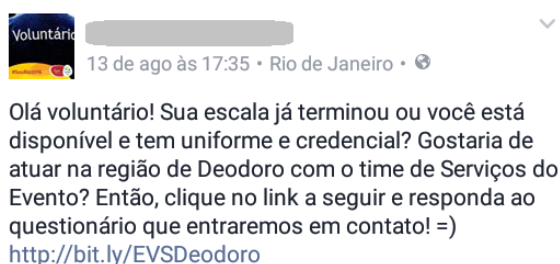
Esta etapa da análise tridimensional permitiu analisar os modos de racionalidade e suas modificações, bem como conhecer a arquitetura dos textos, as maneiras e a ordem como os elementos ou episódios foram combinados para produzir um discurso com vistas a convencer quem consome.

A análise textual busca analisar os modos de racionalidade e suas modificações, bem como a arquitetura dos textos, embora seja difícil separar as etapas da análise de discurso, por causa da sobreposição de aspectos da análise discursiva e social na produção de texto. De uma forma didática a análise textual pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual (FAIRCLOUGH, 2001), a seguir descreveram-se os aspectos analisados.

#### **4.3.1 Controle Interacional**

Nesta etapa, descreveram-se as características de organização, funcionamento e controle das interações. No que tange as postagens no grupo na rede social, percebeu-se a utilização de estratégias de polidez nas postagens efetuadas pelos perfis que eram representantes da comissão, seja para recrutar ou para informar os voluntários sobre algumas decisões. O próprio perfil da rede social das pessoas que representavam a comissão organizadora do evento era uma estratégia de minimizar as ameaças para a sua própria face, pois não havia fotos, postagens e nem comentários pessoais. Observe a postagem “P15” que foi feita por um representante da comissão organizadora para recrutar voluntários para atuação.

Figura 23. Dados de pesquisa 2016 postagem “P15”.



Fonte: Da autora (2016).

Nota-se que o perfil não apresenta uma foto pessoal que torna possível a identificação do autor da mensagem, mas uma foto padrão, que também foi aderida pelos outros representantes da comissão organizadora, todos os perfis tinham a mesma foto de perfil. Essa estratégia foi encarada como polidez porque minimiza uma possível ameaça à identidade do autor da mensagem. Assim também, as sentenças “você está disponível” e “gostaria de atuar” são atos da fala que cordialmente solicitam a atuação dos voluntários por meio de uma pergunta.

Nas reportagens, por sua vez, as estratégias de polidez foram usadas como estratégias de ações reparadoras para demonstrar o quão importante era o trabalho voluntário, os benefícios atribuídos a ele, e minimizar as críticas que alguns voluntários receberam por prestarem um serviço gratuito. Críticas muitas vezes vindas da própria família ou de amigos. Como pode ser observado no relato a seguir.

**Reportagem 1** - *“Seus amigos no Rio de Janeiro se opuseram aos jogos olímpicos quando ela disse que queria se tornar uma voluntária dos jogos. Quando os jogos terminaram, seus amigos se tornaram simpatizantes e ela havia encontrado uma nova fonte de inspiração...”*

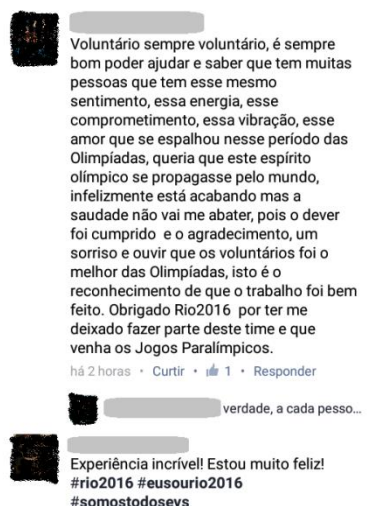
Note-se no texto da reportagem 1, a utilização das sentenças “se opuseram” e “tornaram simpatizantes”. A forma como esse texto foi construído demonstram aspectos de polidez usados para minimizar o efeito ruim que a sentença “recebeu críticas” causaria se fosse utilizada no lugar de “se opuseram”. Certamente, a voluntária, recebeu críticas como muitos outros voluntários relataram receber quando informavam que seriam ou foram voluntários no megaevento, observe essas críticas no trecho abaixo:

*EII - Teve bastante crítica. Têm muita gente que criticou, por parte dos meus avôs mesmo, colegas da faculdade que disseram: Você vai trabalhar de graça? E, vai trabalhar para o governo de graça, ainda?*

Em relação ao ethos, que se referem às identidades sociais dentro da análise crítica de discurso, percebem-se a construções das identidades sociais ligadas ao voluntário olímpico,

como pessoas que ajudam, se comprometem, possuem espírito olímpico, que tem o dever moral que deve ser cumprido, o que corrobora com a literatura em voluntariado olímpico, no que tange a realização do evento. Isso pode ser percebido na figura “P25”.

Figura 24. Dados de pesquisa 2016 postagem “P25”.



Fonte: Da autora (2016).

A figura “P25” traz o relato de dois voluntários sobre o que caracteriza o voluntário, no primeiro relato nota-se a presença de uma palavra-chave a qual o voluntariado, frequentemente está associado, ajudar. Notou-se que a experiência do voluntariado está muito ligado às experiências individuais e coletivas que os voluntários vivenciam.

Os conectivos de ligação e argumentação mais usados nas entrevistas e postagens foram conectivos da fala cotidiana como: e, mas, então, assim. Todos eles voltados para explicar os pontos de vistas dos voluntários ou responder as indagações feitas por meio das perguntas do roteiro.

No que tange à gramática, nota-se que a Lei 9.068, é descrita de forma impessoal e na terceira pessoa do singular. Observe o trecho a seguir:

**Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998** - “*Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa*”.

Historicamente, o voluntariado existe na sociedade desde a sua constituição não estando vinculado a alguma entidade (como descreve a lei brasileira), mas sim ao esforço doado por alguns grupos em prol de alguma causa. Nessa forma de argumentação da lei, observa-se a vinculação do serviço voluntário a uma entidade, seja ela pública ou privada, não

reconhecendo outras formas de manifestações individuais por uma causa não vinculada às instituições, ou formas singelas de doação de tempo voluntariamente. Entende-se que a institucionalização do voluntariado na legislação Brasileira restringe a ação do voluntariado a programas e projetos a organizações específicas. Observe agora o que esta lei dispõe em seu segundo artigo:

**Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998 - Art. 2º** *O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.*

Quais as condições para o exercício do voluntariado? Quem as estabelece? As condições deverão constar na celebração de um instrumento escrito de adesão entre as partes, sendo que estas, em tese, deveriam ter igual consciência de suas responsabilidades, de modo que o voluntariado não gere pessoalidade, eventualidade, onerosidade e subordinação, que caracteriza o contrário de uma relação formal de emprego segundo a CLT. Como está descrito em:

**Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998 - Parágrafo único.** *O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.*

Todavia, em sua maior parte, o instrumento de adesão é escrito pelas instituições, que detêm maiores condições para se protegerem (advogados, contadores, departamentos pessoais) por outro lado, essa assimetria de informações torna o voluntariado a parte frágil dessa relação. Estes, embora tenham seus interesses, baseiam-se em uma falsa consciência dos fatos, justamente pela desigualdade de informações. Agora observe os trechos abaixo:

**Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998 - Art. 3º** *O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.*

**Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998 - Parágrafo único.** *As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.*

Há uma ausência de previsão legal, visto que o tempo verbal (futuro) de suas sentenças está sinalizando ao voluntário que ele poderá ou não ter o direito sobre algo, mas de fato, cabe à instituição a autorização dos fatos.

O texto tem o objetivo de instruir a sociedade sobre a consecução do serviço voluntário e exprime uma obrigação moral para o voluntariado e para quem recebe a prestação do serviço, como é possível perceber nos verbos, “poderá ser” que é composto pelo

futuro do presente do verbo “poderá” acrescido ao infinitivo pessoal do verbo “ser”. Essa forma verbal enuncia a incerteza de um fato que deve ocorrer posteriormente a um momento atual, mas já terminado antes de outro fato no futuro, são conhecidos na gramática como verbos que expressam dúvidas sobre um momento.

O mesmo ocorre com os elementos “deverão estar”, que estão no tempo futuro do presente do verbo “deverão” acrescido ao infinitivo pessoal “estar”. Essas composições dos tempos verbais levam a uma lacuna na Lei 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, em que se nota que não há previsões, mas dúvidas, quanto à disposição do serviço voluntário.

Além disso, a lei também não prevê compensações a adversidades que possam ocorrer durante a prestação do serviço como, por exemplo, um acidente no trabalho, uma torção no tornozelo, a imprudência, a negligência da prestação do socorro, entre outros. Como pode ser observado nas figuras “P4” e “P36”, ambas as imagens são postagens dos voluntários.

Figura 26. Dados de pesquisa 2016 postagem “P4”.

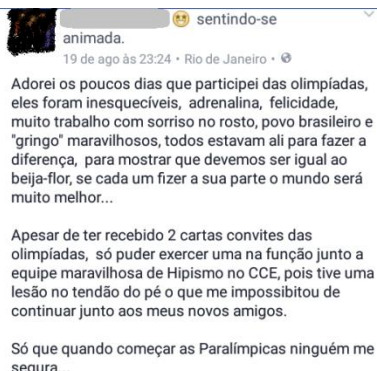
coisas que precisam ser respeitadas, todos os dias nós vemos pessoas dando entrevistas sobre seu trabalho e dizendo o quão estão felizes, mas também vemos voluntários desistindo do mesmo sonho, pois são maltratados, deixados de lado ou sofrem algum tipo de abuso.

Eu mesma sou prova da Omissão de socorro, já que passei mal da Asma e tive que sozinha ir procurar um medico, pois meus líderes foram omissos a isso. Eu também vivi outro caso de omissão, quando eu voluntaria tive que socorrer um outro voluntário com um caso de enfarte, pois nosso líder sugeriu para a situação “pagar um Uber” e levar ele para casa, porem como vi que o caso era serio eu o levei para o unidade de saúde da instalação que nos encaminhou para um hospital e lá foi constatado que o mesmo teve um caso serio de enfarte, e se não fosse eu, não sabemos qual seria o quadro do mesmo, já que omitiram socorro a ele.

No final de tudo fica o sentimento de indignação pois não importa o quanto você trabalha, nunca será o suficiente, e esta situação só Reafirma o que já sabemos. “ as pessoas não sabem lidar com a democracia em nosso País.”

Fonte: Da autora (2016).

Figura 25. Dados de pesquisa 2016 postagem “P36”.



animada.  
19 de ago às 23:24 • Rio de Janeiro • 🌐

Adorei os poucos dias que participei das olimpíadas, eles foram inesquecíveis, adrenalina, felicidade, muito trabalho com sorriso no rosto, povo brasileiro e "gringo" maravilhosos, todos estavam ali para fazer a diferença, para mostrar que devemos ser igual ao beija-flor, se cada um fizer a sua parte o mundo será muito melhor...

Apesar de ter recebido 2 cartas convites das olimpíadas, só puder exercer uma na função junto a equipe maravilhosa de Hipismo no CCE, pois tive uma lesão no tendão do pé o que me impossibilitou de continuar junto aos meus novos amigos.

Só que quando começar as Paralímpicas ninguém me segura...

Fonte: Da autora (2016).

Os voluntários relatam acidentes e adversidades ocorridas durante a sua atuação nos jogos olímpicos. Na figura “P4”, a voluntária relata uma omissão de socorro. Na figura “P36”, o voluntário relata ter sofrido uma lesão o que o impossibilitou de “continuar junto aos meus novos amigos”. Concebendo o trabalho voluntário como uma modalidade excepcional de



dispor a força de trabalho, a sistematização da lei para sua regulamentação deveria prever tais situações. Prosseguindo-se com a análise textual do material analisado, observou-se também o modo como os textos foram constituídos.

Em termos de modalidade textual foi possível determinar os padrões que devem ser obedecidos e seguidos pelos voluntários, por meio de treinamentos *online* e postagens no grupo. A modalidade textual foi analisada em conjunto com as metáforas usadas pelos voluntários e pela comissão organizadora. Em muitos momentos da análise, essas etapas se mostraram como formas de controle da realidade social e também como a determinação de fatores ideológicos sobre o pensamento e a prática. Observe as figuras “P1, P50, P21”.

Figura 28. Dados de pesquisa 2016 postagem “P1”.



Fonte: Da autora (2016).

Figura 27. Dados de pesquisa 2016 postagem “P50”.



Fonte: Da autora (2016).

Figura 29. Dados de pesquisa 2016 postagem “P21”.



Fonte: Da autora (2016).

Todas essas postagens “P1, P50 e P21” foram feitas por um representante da comissão organizadora do evento. Nestas, percebe-se a metáfora como uma relação de semelhança entre o “eu” o “dever do voluntário”.

Dessa forma, por meio das sentenças “Sou Respeito”, “Sou Alegria”, “Sou União” existe uma determinação de modo de agir do voluntário ou um de devir a ser do voluntário. No sentido de despertar ações transformadoras, de inspiração e senso de família, que pode ser interpretado como uma forma de controle social, e de uma padronização no modo de agir dos mesmos.

Já em relação às entrevistas, uma metáfora, pareceu peculiar, nos discursos de duas entrevistadas quando elas foram convidadas a comparar o voluntário a algo do seu convívio. Observe:

**E5** – *O Voluntário? É uma formiguinha. Eu acho que uma formiguinha [...]É uma coisa que ninguém presta muita atenção, mas tá ali no meio participando e ajudando a construir uma coisa muito grande, né? Que elas constroem. A sociedade delas é gigantesca e ninguém vê. Tá ali escondido. E realmente elas contribuem e são muito importantes para o solo, para a aração. E é o que a gente é: importante para o funcionamento de tudo.*

**E10** – *Uma formiga que tá lá fazendo seu trabalho de operária, né. Tá ajudando a carregar uma folhinha, de folhinha em folhinha até chegar na rainha. Ela tem um objetivo final, né, que é, por exemplo, alimentar a rainha, isso aí. Eu acho que o voluntário é isso vai subindo de degrau a degrau para atingir um objetivo no final, assim, quero ajudar mesmo.*

Analisando o conteúdo lingüístico dos trechos acima, pode-se perceber que o uso do vocábulo “formiguinha” em E5 e E10 evocou ao pesquisador tanto aspectos relacionados ao mundo animal, no caso o inseto formiga, como também a organização de uma sociedade em particular, a sociedade das formigas.

Faz-se necessário destacar que as formigas são insetos eusociais que têm a capacidade de se organizar em níveis avançados e complexos de sociedade, nas quais os participantes trabalham em harmonia. Para Wilson e Hölldobler (2005) a eusocialidade, especialmente em formigas, faz com que suas colônias sejam consistentemente superiores aos concorrentes solitários, isso devido ao comportamento altruísta entre os companheiros de ninhada e sua capacidade de organizar a ação coordenada pela comunicação feromonal. A eusocialidade se caracteriza pelo cuidado cooperativo com a prole, sobreposição de gerações de um mesmo ninho e divisão de tarefas.

Retornando aos relatos das entrevistadas, nota-se paralelamente ao uso do vocábulo “formiguinha” a presença da sentença “ajudando a construir uma coisa, muito grande” em E5 que evoca a existência de algo maior por trás da atuação voluntária que motiva ou, ao menos, justifica o comportamento de doação, disponibilizando o seu tempo, seus recursos e sua força de trabalho, em prol da realização do megaevento esportivo no Brasil.

De forma genérica, as sociedades das formigas podem se organizar em três castas: rainhas, machos e operárias. As rainhas são fêmeas férteis, possuem asas e são maiores que as outras formigas, os machos, por sua vez, possuem asas e são os responsáveis por fecundar a rainha, já as operárias são fêmeas estéreis, sem asas que realizam várias funções no formigueiro como: escavação, limpeza, alimentação e defesa.

Assim, a utilização da sentença “trabalho de operária” em E10 resgata a função que cada casta de formiga tem dentro de sua sociedade. O trabalho voluntário é metaforicamente associado ao trabalho de uma formiga da casta operária que deverá escavar, limpar e defender o formigueiro e procurar alimentos para todos incluindo rainha, larvas e machos. Estas operárias, de modo geral, convivem harmoniosamente com a rainha, alimentando-a, limpando-a e cuidando da prole que irá formar uma nova geração de formigas no futuro.

Outras sentenças, porém, como “de folhinha em folhinha, até chegar na rainha” e “alimentar a rainha” presentes no relato de E10 torna questionável quem seria a rainha neste contexto de realização do megaevento esportivo no Brasil. Portanto, quem estaria a frente na relação hegemônica de poder? Retoma-se a discussão tecida na sessão sobre a prática social, a construção do discurso sobre voluntariado no megaevento Rio 2016 e as investidas ideológicas e políticas que reforçavam a condição de que o país precisava de recursos financeiros para enfrentar seus problemas sociais, mas concedia isenção de impostos federais que beneficiavam as parcerias entre o poder público e privado na realização do evento.

Em ambos os relatos é perceptível essa investida política e ideológica em torno do voluntariado. Esses achados na prática textual reforçam ainda mais a cadeia intertextual do discurso sobre a participação do voluntariado nas Olimpíadas e Paraolimpíadas Rio 2016, em que, para a realização do evento, foi necessário um esforço individual em prol do coletivo. Para que o evento acontecesse, pois ele foi posto em “cheque” pela condição de desenvolvimento do País e seus problemas sociais.

Mas, enquanto o voluntário dispunha sua força de trabalho, seus recursos e seu tempo para poder participar de um evento internacional e poder contribuir com sua realização, o Brasil afirmava para a pressão popular que não tinha dinheiro para resolver os problemas

sociais, mas concedia isenções tributárias grandiosas, por meio da lei nº 12.780, para a realização do evento e para as entidades vinculadas à ela.

A sentença “alimentar a rainha” ecoa com alimentar uma sociedade que está inserida em um sistema capitalista neoliberal, que respondeu às demandas unilaterais das políticas internacionais para sediar o evento. No intuito de ser bem acolhido pela comunidade internacional o Brasil volta a fazer negociações que trazem maior benefício a quem está no topo da pirâmide de poder, assim como fora feito no período de sua colonização, levavam-se as riquezas, restava o trabalho.

Maior e Teixeira (2015) declaram que o Estado Brasileiro, por meio dos imperativos neoliberais do capital financeiro, cooptou a força de trabalho voluntária com vistas a garantir a propriedade privada e a acumulação capitalista. Isso porque a força de trabalho não remunerada representou mais produtividade ao capital monopolista, na qual os megaeventos se tornaram depositários do lucro, legitimados pelas instituições olímpicas internacionais, fortemente patrocinadas e apoiadas por grandes marcas do esporte. Quando, de acordo com a Lei nº 12.780, essas mesmas personalidades jurídicas recebiam subsídios para de importações e isenções de impostos para se instalarem no Brasil durante a realização das Olimpíadas e Paraolimpíadas. Tais negociações remontam metaforicamente a uma mentalidade colonial em que se explora as riquezas do Brasil e se exportam os louros. De forma complementar inclui-se o pensamento de Bonfim (2010) sobre o voluntariado ter se tornado funcional ao capital.

Diante das críticas tecidas, faz-se necessário retomar que para Fairclough (2001) a sua abordagem não deve ser usada apenas para criticar, mas para promover uma mudança social. Assim, o pesquisador deve contribuir socialmente com os seus achados. A seguir descreveu-se a proposta de mudança social que esta dissertação trouxe.

#### **4.4 Mudança Social**

A Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001) sugere que a crítica não seja simplesmente pelo ato da crítica, mas para fornecer à sociedade instrumentos de mudança. Instrumentos que possam ser usados pela sociedade para que ela siga na consecução de seu propósito que é a vida em sociedade, e que isso seja feito de uma forma mais justa.

Por isso, tomei a liberdade de escrever esse parágrafo em primeira pessoa do plural, já que após tantas análises e discussões, nós nos demos a liberdade de nos posicionar e a coragem de propor algo concreto que pudesse minimizar as críticas sociais aqui tecidas.

Para tanto, nós propomos que seja feito um marco legal na Lei nº 6.908 de 18 de fevereiro de 1998, para que a lei supra com as lacunas que tornam o voluntariado impotente e frágil perante atitudes de cooptação, alienação e apropriação de sua força de trabalho. O marco legal deve considerar que o trabalho voluntário, por sua ontologia específica, se difere de uma forma tradicional de trabalho que possui vínculos empregatícios. Portanto, não pode gerar: subordinação, onerosidade e pessoalidade. Desse mesmo modo, a lei também deverá prever as excessivas profissionalizações do voluntário, para que ele possa ter muitas motivações, sejam elas altruístas ou não, mas não perca sua autonomia, reflexão, flexibilidade, espontaneidade, informalidade e liberdade.

A lei também deverá prever os voluntários que não prestam serviço a uma entidade privada ou pública, já que existem diversas causas que o voluntário pode escolher para se engajar. A institucionalização leva à conseqüente instrumentalização da prática, na qual o Estado Brasileiro passa a restringir a ação do voluntariado a programas e projetos de organizações específicas. Assim também, para o Congresso Nacional, o serviço voluntário não suscita a obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. Logo, qualquer incidente, seja ele de saúde ou alguma despesa na prestação do serviço que o voluntário tiver, poderá não ser ressarcido se a entidade não autorizar. Portanto, sugere-se que a lei delimite um tratamento justo que a instituição deve ter para com o voluntário que lhe prestou serviço. É preciso uma lei que dê um tratamento igualitário a ambas as partes.

Além disso, uma atitude que deve ser tomada no longo prazo, que se refere ao voluntário tomar posse de suas próprias atitudes, para que esse tempo dedicado ao trabalho em prol de uma causa coletiva seja, também, tempo de esclarecimento e emancipação dos sujeitos envolvidos. Se desprendendo de atitudes reificadas que tornam o voluntariado uma prática desenfreada em busca pela satisfação de nossos desejos ou um modo de consumir a vida.

## **5 CONCLUSÕES**

As discussões aqui tecidas não devem ser tomadas como um ponto final, mas como um ponto de partida que têm a pretensão de inspirar novas análises, novas discussões sobre o tema voluntariado. Discussões que permitam caracterizar o fenômeno como um processo histórico e em constante transformação de acordo com os valores das pessoas que o praticam.

Esta pesquisa reforça o quanto o voluntariado é constitutivo de múltiplas faces que se estendem conforme a motivação individual para a prática, os valores pessoais, a cultura, a

religiosidade, a renda entre outros aspectos que situam historicamente o voluntariado, tornando-o um processo em constante contradição e que está sempre em movimento. Sua contribuição teórica reside em descaracterizar o voluntariado como um fenômeno seccionado entre benevolência ou interesses pessoais, altruísmo ou egoísmo, assistencialismo ou filantropia, profissional ou informal, tempo produtivo ou tempo livre, entre outros, já que cada vez mais essas características se vinculam e transbordam, sendo difícil até mesmo separá-las. É essa constante transformação que constitui o caráter multifacetado do voluntariado.

De fato, as contradições são inerentes as atividades humanas, um mesmo indivíduo ora se vê altruísta naquilo que faz e, ora se vê inspirado por alcançar interesses individuais que lhe são necessários. Polarizar essas dimensões aparentemente contraditórias só dificulta a compreensão do fenômeno. É necessário friccioná-las, para compreender as modificações ocorridas nas bases materiais da constituição da sociedade neoliberal, que permitiram as pessoas manifestar suas atuações voluntárias da forma que lhes era conveniente.

Assim, o caráter mutável do voluntariado foi explorado dialeticamente, conforme as aspirações da Teoria Social do Discurso, para que se compreendesse as contradições do discurso e como elas poderiam ser investidas política e ideologicamente em formas particulares.

Primeiramente, foi preciso aprofundar o conhecimento sobre o tema voluntariado, que apesar de existir na sociedade desde o início de sua constituição, mostrou-se um fenômeno atual, complexo e em constante transformação.

Um fenômeno tão atual e complexo como fora demonstrado pelos cientistas sociais acadêmicos e estudiosos do tema. Tal parte foi explorada ainda no início dessa pesquisa na parte de referencial teórico, na qual se discutiu textos seminais como “*Voluntary action and voluntary groups*” de autoria de David Smith (1975), e autores como Clary et al (1998); Wilson (2000;2012); Musick e Wilson (2008); Carpenter e Myers (2010); Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013); Marcos, Parente e Amador (2013) entre outros. Essas várias vertentes que foram observadas pelos cientistas sociais se desdobraram em propostas de abordagens, que são a contribuição teórica deste estudo, são elas:

- a) Abordagem Funcional para a motivação ao Voluntariado
- b) Abordagem Gestionária do Voluntariado
- c) Abordagem Mercadológica do Voluntariado
- d) Abordagem da Representação do Voluntariado
- e) Abordagem Ideológica: A crítica ao “Novo Voluntariado”

Com isso, alcançou-se o primeiro objetivo específico deste trabalho que era a **caracterização do voluntariado em conceitos teóricos e em várias formas como ele se manifesta empiricamente**. Dessa forma tem-se que o voluntariado pode ser caracterizado conforme a funcionalidade e as motivações para desempenhá-lo; o voluntariado pode ser gerido tornando-se eficaz, eficiente e caracterizando-se em profissional ou informal; o voluntariado pode ser vantajoso para as organizações no sistema de produção capitalista; o voluntariado pode ser representado conforme as ideações dos sujeitos; o voluntariado, na contemporaneidade, pode ser caracterizado como “Novo voluntariado” dado as atuais formas como ele vem sendo empregado na sociedade neoliberal.

Percebe-se que este primeiro objetivo está ligado ao consumo e o que foi interpretado na produção acadêmica sobre o voluntariado. Tratando-se de um esforço reflexivo da pesquisadora.

Em relação ao segundo objetivo levantado nesta dissertação que foi **analisar o discurso sobre a prática do voluntariado olímpico a partir de postagens de redes sociais e notícias oficiais do evento**, nota-se que este objetivo, diferentemente do primeiro, está ligado à exploração do *lócus* de pesquisa pela pesquisadora. Logo, este objetivo foi alcançado por meio da observação no grupo do *facebook* e pelo acesso à três notícias disponíveis no portal oficial do evento. A observação no “Voluntários Rio 2016 Oficial / Rio 2016 Official Volunter Programme” (nome do grupo) feita pela pesquisadora incluiu a utilização da ferramenta “print screen” de um aparelho celular que registrou imagens referentes às postagens de representantes da comissão organizadora do evento e relatos de experiência de voluntários. Já as notícias foram encontradas no portal da internet <https://www.olympic.org/rio-2016>, e se referiam à atuação do voluntariado no mega evento esportivo Rio 2016. Esses dados foram analisados à luz da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2001).

O terceiro objetivo, também ligado à exploração do *lócus* de pesquisa, foi **analisar o discurso sobre a prática do voluntariado olímpico a partir de entrevistas com os voluntários do megaevento Rio 2016**. Esse objetivo foi alcançado por meio de 13 entrevistas semi-estruturadas realizadas com voluntários que atuaram nas olimpíadas e/ou paraolimpíadas Rio 2016. Essas entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas à luz da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2001).

O quarto objetivo que se refere a **analisar quais os aspectos legais que o Estado Brasileiro dispunha sobre o serviço voluntário**, foi alcançado em sua primeira parte no referencial teórico, na qual se retoma a chegada do voluntariado no Brasil, a instituição sob lei

de um Dia Nacional do Trabalho Voluntário (22 de agosto) e a instauração da Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro que dispõe sobre o serviço voluntário. Outra parte foi efetuada na análise de dados à luz da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2001).

O quinto e último objetivo se refere a **analisar o significado representacional como recurso para o estudo da natureza social, ideológica e interdiscursiva da prática do voluntariado**. Tal objetivo foi alcançado por meio dos resultados da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2001) em que se observou a dimensão social, discursiva e textual do *corpus* de pesquisa. Como resultados têm-se:

“Estou indo fazer história”, “Fizemos história ao realizar o evento”, “O Brasil fez história”, são algumas das representações discursivas que os voluntários compartilharam durante sua atuação no megaevento esportivo Rio 2016.

A produção discursiva sobre o voluntariado demonstrou marcas de intertextualidade em que os textos produzidos pelos voluntários que atuaram no megaevento se misturavam com os textos produzidos pela comissão organizadora do evento. Assim, a ideologia e a hegemonia presentes no texto se perpetuavam em discursos. Notou-se também a presença de níveis hierárquicos nos discursos, de modo que a organização administrava, a todo tempo, concessões ideológicas com o objetivo de ganhar o consentimento dos voluntários. Nos discursos foi possível perceber que a organização posicionava-se como administradora do evento, mas a incumbência de realizá-lo era, de fato, dos voluntários. E, ao realizar o evento os voluntários estariam realizando - no sentido mais apoteótico do termo - a glória da própria nação, estariam fazendo história.

Observou-se, também, certa linearidade na cadeia textual sobre a participação voluntária nas Olimpíadas e Paraolimpíadas Rio 2016. Os textos analisados traziam uma noção de que o país passava por problemas sociais e que a condição de desenvolvimento do país colocava, de algum modo, uma expectativa de insegurança quanto à realização do evento. Era preciso um esforço individual em prol da nação, pois como ficaria a imagem do país se o evento não tivesse acontecido? A força do trabalho voluntário tornou-se importante para a realização dos eventos. Os voluntários se engajaram, o acontecimento e a beleza do evento renderam elogios ao país, e assim houve a transformação da imagem brasileira em uma sociedade que é capaz de realizar um megaevento. Dado a internacionalização do evento, o Brasil passou a ser projetado externamente como a sociedade que conseguiu realizar o evento esportivo de porte internacional.

Marcados por motivações altruístas, utilitárias, sociais, de status e materiais os voluntários disponibilizaram sua força de trabalho e corroboram com a realização do



megaevento, somados às condições disponibilizadas pelo Estado Brasileiro ao COI – Comitê Olímpico Internacional, como pode ser observado na Lei nº 12.780 que confere alguns subsídios tais como: I) isenção do pagamento de tributos federais incidentes nas importações de bens, mercadorias ou serviços para uso ou consumo exclusivo em atividades próprias e diretamente vinculadas à organização ou realização dos eventos; II) isenções concedidas ao COI e às empresas a ele vinculadas e domiciliadas no exterior, em relação aos fatos geradores decorrentes das atividades próprias e diretamente vinculadas à organização ou realização dos eventos, como, por exemplo o IRRF imposto sobre renda retido na fonte e IOF imposto sobre operações de crédito, câmbio e seguro, ou relativas a Títulos ou Valores Mobiliários; III) isenções concedida às empresas vinculadas ao COI, e domiciliadas no Brasil, em relação aos fatores geradores decorrentes das atividades vinculadas a organização dos eventos, tais como IRRF, IOF e algumas contribuições sociais.

Outro fator que corroborou para a concretização do evento se refere às atividades financiadas pelos patrocinadores do COI, tendo em vista que boa parte da renda do Comitê Olímpico Internacional é financiada por meio do patrocínio e da venda do direito a exploração, seja na transmissão do evento pela mídia, ou no fornecimento de insumos necessários para as atividades. Alguns exemplos são as tradicionais marcas do esporte como Nike, Puma, Adidas, Asics e Mizuno e até mesmo os uniformes dos voluntários e comissionados, confeccionados pela marca chinesa 361º, apoiadora oficial dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

De um lado os voluntários disponibilizam sua força de trabalho, do outro o Estado abre concessões e isenções relacionadas às medidas tributárias e do outro o Comitê Olímpico é patrocinado. São três dimensões de uma dada realidade social, inseridas em um contexto econômico neoliberal, cada qual com suas contradições. São essas contradições que tornam o voluntariado um fenômeno atual e complexo.

Todos esses percursos encarados ajudaram na consecução do objetivo geral desta pesquisa que foi compreender como se deu a construção discursiva em torno do voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016, desvelando suas múltiplas faces. Desta forma, observou-se como o discurso sobre o voluntariado se compôs em cadeias intertextuais que respondem a textos anteriores e antecipam textos posteriores, com marcações bem definidas sobre contexto social brasileiro.

Essas marcações demonstram que no processo de produção do discurso em torno do voluntariado, existe uma historicidade dos textos, que por sua vez, repercute a historicidade do evento, desde a candidatura do Brasil para sediar as olimpíadas, sua aprovação, o

planejamento e o início da estruturação dos locais de competição para atender as recomendações do Comitê Olímpico Internacional.

Mas afinal, qual a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016? Os caminhos descritos nesta empreitada forneceram bases para que a pergunta de pesquisa fosse respondida. Utilizando-se a análise Tridimensional do Discurso proposta por Fairclough (2001) iniciou-se pela dimensão macrosocial que são as práticas sociais, perpassando para a análise das práticas discursivas nas formas de produção, distribuição e consumo do que foi falado até chegar a análise micro que é a dimensão da análise textual.

Notou-se que a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 perpassou pela pressuposição de que existia uma possibilidade de o Brasil não conseguir realizar um evento esportivo de porte internacional. Havia uma representação discursiva que resumizava que os aspectos do contexto socioeconômico do país poderiam atrapalhar a consecução dos eventos. Assim, os problemas sociais foram marcações encontradas em várias partes dos discursos sobre o voluntariado no megaevento esportivo, bem como a condição econômica de desenvolvimento do país. Mobilizados por interesses diversos seja de ajudar o país, aprender sobre novas culturas, colocação profissional no mercado, entre outros, os voluntários foram convocados a atuar e disponibilizar sua força de trabalho. O Estado brasileiro seguiu concedendo concessões para a comissão organizadora do evento e para as empresas que de alguma forma estavam ligadas a ela sejam elas nacionais ou internacionais. A eminência de discursos contraditórios marcou a mudança discursiva, em alguns enunciados foi possível perceber que faltava dinheiro para resolver os problemas sociais do país, mas investia-se muito dinheiro para receber um evento internacional.

Notou-se como os discursos foram investidos políticos e ideologicamente por meio de metáforas que estavam relacionadas a uma obrigação ou a um dever a ser do voluntário, como, por exemplo a marca textual #SouRio2016: sou respeito, sou uma inspiração, sou união, educação, cordialidade, igualdade. Houve discursos em que os voluntários metaforizaram o seu trabalho com o trabalho de uma “formiguinha”, no sentido de ser algo que ninguém atribui muita atenção, mas está ali se esforçando para realizar algo grande.

Tais resultados trazem possíveis contribuições teóricas para este estudo como: caracterizar a pesquisa em voluntariado, propondo demarcações conceituais e abordagens que foram sustentadas na produção acadêmica sobre o tema; analisar o modo institucional e funcional como a sociedade brasileira dispõe legalmente sobre o serviço voluntário; desvelar a produção discursiva sobre o voluntariado no megaevento Rio 2016, ressaltando os aspectos hegemônicos e ideológicos investidos em favor do discurso dominante. E como contribuição

social espera-se um despertar para a consciência discursiva sobre práticas comuns ao cotidiano, como por exemplo, o voluntariado, que podem ser cooptadas de modo a disponibilizar sua força de trabalho para a manutenção dos interesses particulares do discurso dominante. Ressalta-se que o voluntariado é uma temática frequente e muito significativa na experiência cotidiana brasileira, o que justifica a relevância deste trabalho.

Dentre as limitações deste estudo podem-se citar as relacionadas ao campo e as dificuldades em realizar as entrevistas semiestruturadas. Foi necessário contar com a disponibilidade e boa vontade dos participantes da amostra, e, no entanto duas pessoas que se disponibilizaram a dar a entrevista não compareceram, outros não aceitaram participar da pesquisa. Outra limitação se refere à tentativa de realizar todo o escopo necessário para uma pesquisa embasada na Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001). A densidade de leitura exigiu uma maturidade científica do pesquisador. Todavia, há de se considerar que esta seja uma empreitada feliz na sua proposta de análise crítica.

Sugere-se que pesquisas futuras sobre o voluntariado aprofundem na questão legislatória do país em relação a Lei nº 9.608 que dispõe sobre o serviço voluntário, e o perigo de instrumentalização da prática relacionando a sua ocorrência à existência de uma instituição.

Segundo Resende e Ramalho (2006) a neutralidade científica não é um mito na ADC, já que o engajamento pessoal da pesquisadora com o problema pesquisado não implica uma parcialidade negativa. Deve-se registrar que este trabalho é um trabalho posicionado na Teoria Social do Discurso. Portanto, a leitura feita pela interpretadora culminou-se em uma leitura de mudança social pautada em interpretações resistentes, trazendo elementos de apropriação, funcionalidade e cooptação, no sentido de desvelar o voluntariado compreendendo suas múltiplas faces e os significados representacionais da prática, a partir dos discursos sobre os voluntários olímpicos. Por isto a pesquisadora trouxe elementos do discurso dos voluntários (entrevistas e postagens), do discurso da comissão organizadora do evento (postagens e notícias), e elementos legislatórios da sociedade brasileira representado na Lei de número 9.608. Segundo Fairclough (2001, p. 73) “as interpretações resistentes são um modo de luta hegemônica quanto à articulação dos elementos textuais”.

No intuito que a crítica não se perca em uma mera panfletagem, propõe-se um marco legal na Lei nº 6.908 de 18 de fevereiro de 1998, para que a lei supra com as lacunas que tornam o voluntariado impotente e frágil perante atitudes de cooptação, alienação e apropriação de sua força de trabalho. O marco legal deve considerar que o trabalho voluntário, por sua ontologia específica, se difere de uma forma tradicional de trabalho que

possui vínculos empregatícios, portanto não pode gerar: subordinação, onerosidade e pessoalidade. Desde mesmo modo, a lei também deverá prever as excessivas profissionalizações do voluntário, para que este possa ter muitas motivações sejam elas altruístas ou não, mas não perca sua autonomia, reflexão, flexibilidade, espontaneidade, informalidade e liberdade.

Para Fairclough (2001) não se pode ter controle depois que os resultados caem no domínio público, o processo difundido como tecnologização do discurso, poderá usar a pesquisa sobre a construção discursiva do voluntariado no megaevento esportivo Rio 2016 para redesenhar as práticas discursivas sobre o voluntariado e treinar as pessoas para usarem novas práticas. Assim, a tecnologização do discurso tornou-se uma fonte para a engenharia cultural e social, podendo ser usada como um instrumento a mais de dominação.

Todavia, espera-se que esta pesquisa incite argumentos em favor de uma consciência lingüística, uma educação que poderia fornecer-lhes elementos para compreender as mudanças em suas próprias práticas discursivas, tornando-se mais conscientes nos processos de produção e consumo, no sentido de reconhecer as forças sociais e os interesses que moldam as relações de poder. Além disso, a conscientização do voluntário perpassa em observar que o tempo dedicado ao trabalho em sociedade também pode ser um tempo de esclarecimento e emancipação dos sujeitos envolvidos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

ANTUNES, R. Relação Teórica entre trabalho e violência. In: SILVA, José Fernando da; LIMA, Ricardo Barbosa de; ROSSO, Sadi Dal. **Violência e trabalho no Brasil**, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Speech genres and other late essays**. University of Texas Press, 2010.

BERCOVICI, G. **Constituição e estado de exceção permanente: atualidade de Weimar**. Azougue Editorial, 2004.

BERTOLIN, R. V.; BURKOWISK, R. Dádiva, Corporeidade e Subjetividade: contribuições à Aprendizagem Organizacional. **Anais XXXVII EnANPAD**. Rio de Janeiro, Setembro de 2013.

BONFIM, P. A **"cultura do voluntariado" no Brasil: determinações econômicas e ideopolíticas na atualidade**. Cortez Editora, 2010.

BORGES, J. F.; MIRANDA, R.; VALADÃO JÚNIOR, V. M. O Discurso das Fundações

Corporativas: Caminhos de uma "nova" Filantropia?. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 47, n. 4, out-dez, 2007.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452 de 1º de maio de 1943**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm). Acesso em: 26/12/2-15.

BRASIL. **Infraestrutura esportiva Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 deixarão legado em todo o Brasil**. 2016b. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/pais-sede/investimentos-federais>. Acesso em: 20/02/2017.

BRASIL. Lei nº 12.780 de 9 de Janeiro de 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/L12780.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/L12780.htm). Acesso em: 20/02/2017.

BRASIL. Lei nº 13.297, de 16 de Junho de 2016. 2016a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm). Acesso em: 20/02/2017.

BRASIL. Lei. 9.608, de 18 de Fevereiro de 1998. **Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Publicado no Diário Oficial da União**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm). Acesso em 26/12/2015.

BRESSER PEREIRA, L. C. **Reforma do Estado para a cidadania: a reforma gerencial brasileira na perspectiva internacional**. Editora 34, 1998.

CARLTON, E. "Ideologies as Belief Systems". **International Journal of Sociology and Social Policy**, Vol. 4 Iss 2 pp. 17 – 29. 1984. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/eb012964>. Acesso em: 07 de Junho de 2016.

CARPENTER, J.; MYERS, C. K. Why volunteer? Evidence on the role of altruism, image, and incentives. **Journal of Public Economics**, v. 94, n. 11, p. 911-920, 2010.

CBVE. Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial. Disponível em: [www.cbve.org.br/](http://www.cbve.org.br/). Acesso em: 02/12/2015

CHIAPELLO, E.; FAIRCLOUGH, N. Understanding the new management ideology: a transdisciplinary contribution from critical discourse analysis and new sociology of capitalism. **Discourse & society**, v. 13, n. 2, p. 185-208, 2002.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discurso na modernidade tardia: Repensando a análise crítica do discurso**. Edinburgh University Press, 1999.

CLARY, E. G. et al. Understanding and assessing the motivations of volunteers: a functional approach. **Journal of personality and social psychology**, v. 74, n. 6, p. 1516, 1998. Disponível em: [http://www.comm.umn.edu/~akoerner/courses/5431-S13/Clary%20et%20al.%20\(1998\).pdf](http://www.comm.umn.edu/~akoerner/courses/5431-S13/Clary%20et%20al.%20(1998).pdf). Acesso em: 23/02/2016

CNP. Comparative Nonprofit Sector Project – CNP. Disponível em:

<http://ccss.ihu.edu/research-projects/comparative-nonprofit-sector-project/>. Acesso em: 18/05/2016

COMISSÃO EUROPEIA. **Comunicação sobre as Políticas da UE e o Voluntariado: Reconhecer e Promover as Actividades de Voluntariado Transfronteiras na EU.** Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. (2011). Disponível em: [http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009\\_2014/documents/com/com\\_com\(2011\)0568/com\\_com\(2011\)0568\\_pt.pdf](http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/com/com_com(2011)0568/com_com(2011)0568_pt.pdf). Acesso em: 05/06/2016

CORULLÓN, Mônica Beatriz Galiano; MEDEIROS FILHO, Barnabé. **Voluntariado na empresa: gestão eficiente da participação cidadã.** Editora Fundação Peirópolis, 2003.

DATAFOLHA. **Brasileiros se dizem dispostos a trabalhar voluntariamente, mas maioria nunca participou de instituições ou campanhas. 2016, disponível em** <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2001/10/1226790-brasileiros-se-dizem-dispostos-a-trabalhar-voluntariamente-mas-maioria-nunca-participou-de-instituicoes-ou-campanhas.shtml>. Acesso em 05/06/2016

DIAS, R. A. M.; PALASSI, M. P.. Produção científica sobre o voluntariado: uma análise a partir dos artigos publicados nos principais eventos e revistas nacionais de administração. In: **Anais da Conferência Regional de ISTR para América Latina e El Caribe.** 2007. p. 1-16. Disponível em: <http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/739.pdf>. Acesso em: 11/05/2016

DOMENEGHETTI, A. M. **Voluntariado-Gestão do Trabalho.** Editora Esfera, 2001.

EINSTEIN. A. E: Sociedade Beneficente Israelita Brasileira. Disponível em: <http://www.einstein.br/responsabilidade-social/voluntariado>. Acesso em: 30/10/2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH. N. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 2003. Disponível em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/.../ii.%20Norman Fairclough Analysing discourse.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/.../ii.%20Norman%20Fairclough%20Analysing%20discourse.pdf). Acesso em: 10/11/2016.

FERNANDES, R. C. **O que é o terceiro setor?** IN. Ioschpe, E. Berg (org) Terceiro Setor: Desenvolvimento Social Sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERRARI, R. da S. Voluntariado: uma dimensão ética. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.

FISCHER, L. R.; SCHAFFER, Kay Banister. **Older volunteers: A guide to research and practice.** Sage Publications, Inc, 1993.

FISCHER, R. M.; FALCONER, Andres Pablo. Voluntariado empresarial–estratégias de empresas no Brasil. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 36, n. 3, 2001.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. **Fortaleza: UEC**, p. 65-75, 2002.

FOUCAULT, M. **Technologies of the self**. (Université du Vermont, outubro, 1982; trad. F. Durant-Bogaert). In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), ed. *Technologies of the Self. A Seminar with Michel Foucault*. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Karla Neves e wanderson flor do nascimento.

GARAY, A.B. S. Programa de voluntariado empresarial: modismo ou elemento estratégico para as organizações. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 36, n. 3, 2001.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROTO, A. P. S. e outros. Voluntariado: a outra face da moeda. **Intertemas ISSN 1677-1281**, v. 9, n. 9, 2008.

GOLDBERG, R. Como as empresas podem implementar programas de voluntariado. São Paulo: Planeta Terra Criação e Produção, 2001.

GRAMSCI, A. **Selection from the Prison Notebooks**, ed. and trs Q. Hoare. 1971.

GROPPO, L. A. Responsabilidade social empresarial e a mercantilização da solidariedade. **Serviço social e Sociedade**. ano XXVIII, n. 91, 2007, p. 143-162

HANDY, F., CNAAN, R., HUSTINX, L., KANG, C., BRUDNEY, J., HASKI-LEVENTHAL, D., ... ZRINISCAK, S. A cross-cultural examination of student volunteering: Is it all about resume building? **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, 39, 498-523. 2010.

HANDY, F.; MOOK, L. Volunteering and volunteers: Benefit–cost analyses. **Research on Social Work Practice**, p. 1049731510386625, 2010. <http://rsw.sagepub.com/content/early/2010/11/01/1049731510386625>. Acesso em: 03/05/2016

HASKI-LEVENTHAL, D.; BARGAL, D. The volunteer stages and transitions model: Organizational socialization of volunteers. **Human Relations**, v. 61, n. 1, p. 67-102, 2008. Disponível em: <http://hum.sagepub.com/content/61/1/67.full.pdf>. Acesso em: 01/11/2016.

HO, M.; O'DONOHUE, S. Volunteer stereotypes, stigma, and relational identity projects. **European Journal of Marketing**, v. 48, n. 5/6, p. 854-877, 2014.

HOODFAR, H. Health as a context for social and gender activism: Female volunteer health workers in Iran. **Population and development review**, p. 487-510, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IAVE. International Association Volunteer Effort. **The Universal Declaration on Volunteering**. Disponível em <https://www.iave.org/advocacy/the-universal-declaration-on-volunteering/>. Acesso em: 30/10/2016

IBGE. **Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro-RJ: IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>

IBOPE. **Projeto Voluntariado Brasil 2011**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/relatoriospesquisas/Lists/RelatoriosPesquisaEleitoral/OPP%20110274%20-%20CVSP%20Voluntariado%20Brasil.pdf>. Acesso em: 05/06/2016.

LANDIM, L. **Para além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1993.

LIMA, V. S. de. As múltiplas faces do voluntariado: a profissionalização e a humanização do tratamento do câncer infantil. **Tese (doutorado)** – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2010.

LIPFORD, J. W.; YANDLE, B. The determinants of purposeful voluntarism. **The Journal of Socio-Economics**, v. 38, n. 1, p. 72-79, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socec.2008.10.012>.

(<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1053535708001741>). Acesso em: 23/03/2016.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social 1**. Boitempo Editorial, 2015.

MAFRA, F. L. N. Apresentação. In: MAFRA, Flavia, L. N.; BARROS, Valéria; BORGES, Alex. **Trabalho e trabalhadores nas sociedades contemporâneas: outras lentes sobre invisibilidades construídas**. Elsevier Brasil, 2014.

MAIOR, J. L. S.; TEIXEIRA, V. E. B. **Trabalho voluntário na organização das Olimpíadas e Paraolimpíadas<sup>1</sup> do Comitê Olímpico Internacional**. 2015. Disponível em: <https://grupodespesquisatrabalhoecapital.wordpress.com/2015/08/11/trabalho-voluntario-na-organizacao-das-olimpiadas-e-paraolimpiadas-do-comite-olimpico-internacional/>. Acesso em 18/05/2016.

MARCOS, V.; AMADOR, C. A gestão do voluntariado. IN: PARENTE, Cristina. **Empreendedorismo Social em Portugal**. Universidade do Porto. 2014.

MARCOS, V.; PARENTE, C.a; AMADOR, Cláudia. Reflexões sobre o conceito e prática do voluntariado no terceiro setor português. **IS Working Papers** 2.<sup>a</sup> Série, N.º 8 Porto, novembro de 2013

MARTA, E.; POZZI, M.; MARZANA, Daniela. Volunteers and ex-volunteers: Paths to civic engagement through volunteerism. **Psykhé**, v. 19, n. 2, 2010.

MASCARENHAS, A. O.; ZAMBALDI, F.; VARELA, C. A. Motivação em Programas de Voluntariado Empresarial: Um Estudo de Caso. **Revista Organizações em Contexto-online**, v. 9, n. 17, p. 229-246, 2013. -DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v9n17p229->



246. Acesso em 14/04/2016

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Minayo MCS, compilador. Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 23, p. 9-29, 1994.

MUELLER, M. W. Economic determinants of volunteer work by women. **Signs**, v. 1, n. 2, p. 325-338, 1975. Disponível em [http://www.jstor.org/stable/3173050?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/3173050?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 23/12/2015

MUSICK, M. A.; WILSON, J. **Volunteers: A social profile**. Indiana University Press, 2008.

NASCIMENTO, R. C. do. Turismo e Voluntariado: um estudo sobre as publicações em revistas científicas nacionais e internacionais. **Revista Turismo em Análise**, v. 23, n. 2, p. 265-285, 2012.

NASCIMENTO, T. de F.. **O Trabalho Voluntário em Tempos de Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016**: um novo nicho lucrativo. Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática. 2011

OLYMPIC. **Rio 2016 Voluntário fixando o ritmo no velódromo**. Notícias Olímpicas. 15 de Agosto de 2016. 2016 b. Disponível: <https://www.olympic.org/news/rio2016volunteersettingthepaceinthevelodrome>. Acesso em: 03/02/2017.

OLYMPIC. **Voluntário encontra inspiração e experiências que mudam a vida no Rio 2016**. Notícias Olímpicas. 23 de Agosto de 2016. 2016<sup>a</sup>. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/volunteerfindsinspirationandlifechangingexperiencesatrio2016>. Acesso em: 03/02/2017.

OLYMPIC. **Voluntários vão marcar presença no Rio 2016**. Notícias Olímpicas. 05 de Agosto de 2016. 2016c. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/volunteerssettomaketheirmarkatrio2016>. Acesso em: 03/02/2017.

ONU. United Nations, General Assembly Resolution adopted by the General Assembly. **Recommendations on support for volunteering**. 2002. Disponível em: <http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2007/N0147881.pdf>. Acesso em: 08/06/2016

ORTIZ, M. C. M. Voluntariado em Hospitais: uma análise institucional em hospitais: uma análise institucional da subjetividade. 2007. **Tese de Doutorado**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

PEARCE, D. G. Alternative tourism: concepts, classifications, and questions. In: SMITH, V. L.; EADINGTON, W. R. **Tourism alternatives: potentials and problems in the development of tourism**. Philadelphia: University of Pennsylvania, pp. 15-30, 1992.

PEDROSA, C. E. F. Análise crítica do discurso. Uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: **Trabalho apresentado no IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia em homenagem a Said Ali**. 2005.

PROUTEAU, L.; WOLFF, F.. On the relational motive for volunteer work. **Journal of Economic Psychology**, v. 29, n. 3, p. 314-335, 2008.

RAMALHO, V.; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Pontes Ed., 2011.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica, do Modelo Tridimensional à Articulação entre as Práticas: Implicações Teórico-metodológicas**, 2004

RESENDE, V.de M. Violência simbólica: representação discursiva da extrema pobreza no Brasil - relações entre situação de rua e vizinhança. **Discurso & Sociedad**, n. 1, 2, vol. 9, p. 106-128, 2015.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise crítica do discurso. São Paulo: Contexto**, 2006.

RODRIGUES, K. M., CITADIN, M. W., CRUZ, J. A. W., ARAÚJO, D. P., & DA ROCHA, D. T. Voluntariado: um estudo bibliométrico e sociométrico da produção científica da temática da Revista Voluntas (1997-2012). **Perspectivas Contemporâneas**, 9(2), 150-166. 2014.

RYAN, R., KAPLAN, R., & GRESE, R. Predicting volunteer commitment in environmental stewardship programmes. **Journal of Environmental Planning and Management**, 44(5), 629–648. 2001. doi:10.1080/0964056012007994.

SALAZAR, K. de A.; LEITE-DA-SILVA, A. R.; FANTINEL, L. D. As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 3, p. 171, 2015. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-69712015000300171&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712015000300171&lng=en&nrm=iso)>. access on 31 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n3p171-200>.

SANTOS JUNIOR, O. A. dos. Megaeventos esportivos e o legado empreendedorista neoliberal. 2013. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/25973/>. Acesso em 09/12/2016

SILVA, J. F. D., LIMA, R. B. D., & ROSSO, S. D. A violência do trabalhador no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. IN: NAVARRO, V. L. et al.. **Violência e trabalho no Brasil. Goiânia: UFG**, 2001.

SILVA, M.V.; MIRANDA, A. B. de; DINIZ, P. V. L. A nova filantropia capitalista e a intensificação do trabalho docente: reflexões sobre o voluntariado empresarial. **Revista Educação: Teoria e Prática**, n. 39, 2012.

SILVA, R. D. da; PALASSI, M. P. Os sentidos da participação dos colaboradores nos projetos e ações sociais dos correios do estado do Espírito Santo. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, 2009.

SMITH, David Horton. Determinants of voluntary association participation and volunteering: A literature review. **Nonprofit and voluntary sector quarterly**, v. 23, n. 3, p. 243-263, 1994.

SMITH, David Horton. Voluntary action and voluntary groups. **Annual review of sociology**, p. 247-270, 1975. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2946047>. Acesso em: 31/10/2016

SNYDER, M.; OMOTO, A. M. Volunteerism: Social issues perspectives and social policy implications. **Social Issues and Policy Review**, v. 2, n. 1, p. 1-36, 2008. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1751-2409.2008.00009.x/full>. Acesso em 03/05/2016

SOARES, L. de A. S. **A oferta de trabalho voluntário no Brasil**. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2014. 96 f.

STUKAS, A. A. et al. Motivations to volunteer and their associations with volunteers' well-being. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, v. 45, n. 1, p. 112-132, 2016. Disponível em: <http://nvs.sagepub.com/content/45/1/112.full.pdf+html>. Acesso em: 03/05/2016

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2009.

UNGER, L. S. Altruism as a motivation to volunteer. **Journal of Economic Psychology**, v. 12, n. 1, p. 71-100, 1991. doi:10.1016/0167-4870(91)90044-T. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016748709190044T>.

VATIN, F. **Epistemologia e sociologia do Trabalho**. Tradução: Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

VELUDO-DE-OLIVEIRA, T.M., PALLISTER, J.G., FOXALL, G.R. Unselfish? Understanding the Role of Altruism, Empathy, and Beliefs in Volunteering Commitment (2015) **Journal of Nonprofit and Public Sector Marketing**, 27 (4), pp. 373-396. <http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0.084947291481&partnerID=40&md5=7fcb5d99403e29a4e4855e9a88737880>

VOLUNTEER CA. **Volunteer Bénévoles** Canada: Engaging Volunteers: Volunteer Management. Disponível em: <https://volunteer.ca/management>. Acesso em: 30/10/2016.

WALTER, R. Altruistic individualists: Motivations for international volunteering among young adults in Switzerland. **Voluntas**, 16(2), 109–122. 2005. doi:10.1007/s11266-005-5693-5.

WARBURTON, J.; WINTERTON, R. The role of volunteering in an era of cultural transition: Can it provide a role identity for older people from Asian cultures?. **Diversity**, v. 2, n. 8, p. 1048-1058, 2010.

WEARING, S.; NEIL, J. Refiguring self and identity through volunteer tourism. **Loisir et Societe**, v.23, n. 02, pp. 489 – 419. 2000.

WILSON, J.. Volunteering. **Annual review of sociology**, p. 215-240, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/pdf/223443.pdf>. Acesso em 18/05/2016.

WILSON, J.. Volunteerism research: A review essay. **Nonprofit and Voluntary Sector**

**Quarterly**. Ed. 41(2). P. 176-212. February, 2012 Disponível em: <http://nvs.sagepub.com/content/early/2012/02/01/0899764011434558.full.pdf+html>. Acesso em: 03/05/2016.

CLARY, E. G.; SNYDER, M.; STUKAS, A. A. Volunteers' motivations: Findings from a national survey. **Nonprofit and voluntary sector quarterly**, v. 25, n. 4, p. 485-505, 1996. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0899764096254006>. Acesso em: 03/05/2016.

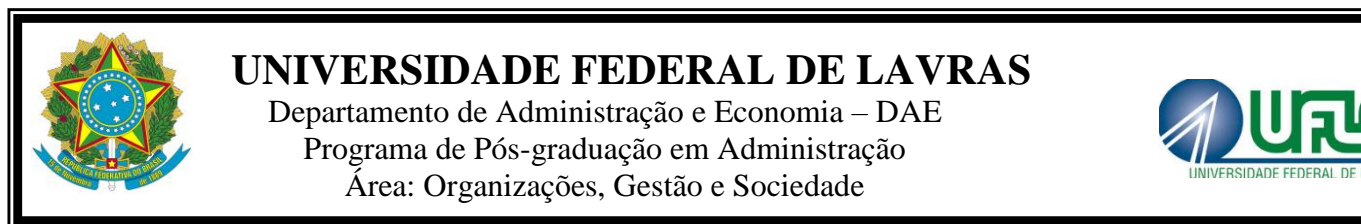
DICKSON, T. J.; BENSON, A. M.; TERWIEL, F. A. Mega-event volunteers, similar or different? Vancouver 2010 vs London 2012. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 5, n. 2, p. 164-179, 2014. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/IJEFM-07-2013-0019>. Acesso em: 03/02/2017.

CNAAN, Ram A.; GOLDBERG-GLEN, Robin S. Measuring motivation to volunteer in human services. **The journal of applied behavioral science**, v. 27, n. 3, p. 269-284, 1991. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0021886391273003>. Acesso em: 03/05/2016.

WILSON, E. O.; HÖLLDOBLER, B. Eusociality: origin and consequences. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 102, n. 38, p. 13367-13371, 2005. Disponível em: <http://www.pnas.org/content/102/38/13367.full>. Acesso: 03/02/2017.

MARCUSCHI, L. A. O papel da atividade discursiva no exercício do controle social. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 7, p. 7-33, 2004.

WODAK, R. Do que trata a ACD—um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 4, p. 223-243, 2004.

**APÊNDICE A – Roteiro Semiestruturado de Entrevista**

**ATENÇÃO:** Este roteiro de entrevista enquadra-se em uma investigação de dissertação de Mestrado em Administração. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (dissertação de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração.

- 1) Me fale de você. Quem é (nome)? Qual a sua idade? Escolaridade? Profissão? Exerce algum trabalho remunerado? Possui empresa Própria?**
- 2) Conte-me um pouco da sua história como voluntário. Como surgiu a idéia, vontade de se voluntariar?**
- 3) Existe algum sentido (significado, sentimento, essência) em ser voluntário?**
- 4) Nos dias atuais, existe alguma importância em ser voluntário? Qual?**
- 5) Ser voluntário nos Jogos Olímpicos Rio de 2016 tem algum benefício para você? Qual?**
- 6) Ser voluntário nos Jogos Olímpicos Rio de 2016 tem algum benefício ao Brasil? Qual?**
- 7) Ser voluntário nos Jogos Olímpico Rio de 2016 tem algum significado representacional? Qual?**
- 8) Você tem conhecimento da Lei do Voluntariado (9.608 de Fevereiro de 1998)? Como conheceu?**
- 9) Diante da sua experiência de vida defina voluntariado.**
- 10) Existe algum manual, regulamento ou ferramenta de gestão que foi aplicado nos treinamentos dos voluntários olímpicos? Qual?**
- 11) Teria disponibilidade para se voluntariar em outras causas? Quais sim e quais não?**
- 12) Você preferiria receber um pagamento monetário em troca deste trabalho? Por quê? Quanto?**
- 13) Para você existem diferenças entre o trabalho voluntário e o trabalho com vínculo empregatício? Quais?**

- 14) Existem diferenças entre o voluntariado olímpico e outros tipos de voluntariado? Quais**
- 15) Qual a sua opinião sobre a organização do evento contratar voluntários em vez de pagar pelo serviço?**
- 16) Você percebeu alguma diferença de tratamento entre a equipe dos voluntários e a equipe dos contratados? Qual?**
- 17) Você é ou tem vontade de trabalhar como voluntário novamente? Em quais tipos de voluntariado?**
- 18) Gostaria de acrescentar algo?**

## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DESVELANDO O VOLUNTARIADO: Trabalho Voluntário ou Voluntariado como Intensificação do Trabalho Formal?

**Pesquisador:** JUSSARA JÉSSICA PEREIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 61522116.2.0000.5148

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Lavras

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.868.917

#### Apresentação do Projeto:

pesquisa compreensiva e exploratória pretende observar e analisar o voluntariado compreendendo suas múltiplas faces e os significados representacionais da prática, a partir dos discursos de voluntários pesquisados. A pesquisa tem o intuito de conhecer quais os sentidos, significados e representações do trabalho voluntário, nas olimpíadas RIO 2016.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Pretende-se com esta problemática compreender e desvelar as múltiplas faces do voluntariado, relacionando o significado representacional da prática ao discurso adotado pelos voluntários. Conforme Fairclough (2003) o significado representacional, diz respeito à perspectiva de mundo adotada pelas pessoas, à sua representação de mundo, à posição que o sujeito ocupa no mundo, sua

**Endereço:** Campus Universitário Cx Postal 3037

**Bairro:** PRP/COEP

**CEP:** 37.200-000

**UF:** MG

**Município:** LAVRAS

**Telefone:** (35)3829-5182

**E-mail:** coep@nintec.ufa.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



Continuação do Parecer: 1.868.917

identidade pessoal e social, e as relações que as pessoas estabelecem umas com as outras.

Objetivo Secundário:

Como objetivos específicos têm-se:

Contextualizar historicamente o voluntariado em conceitos teóricos e nas várias formas como ele se manifesta empiricamente;

Descrever as categorias de análise textual do significado representacional proposta por Fairclough (2003) do material textual extraído nas

entrevistas com os voluntários olímpicos;

Analisar o significado representacional como recurso para o estudo da natureza social, ideológica e interdiscursiva da prática do voluntariado;

Pôr em discussão a funcionalidade que o voluntariado assumiu na sociedade brasileira nos dias atuais, vinculando-se ao eixo produtivo do capital (BONFIM, 2010).

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Os riscos desta pesquisa estão relacionados ao desconforto que o sujeito poderá sentir ao ser abordado. No que tange à participação, pode-se prever riscos relacionados ao compartilhamento de informações pessoais, e/ou quaisquer incômodos em responder alguns tópicos da entrevista.

Como forma de prevenção, o entrevistador deixará claro que o sujeito não precisa responder a qualquer pergunta se sentir que se trata de informações muito pessoais em que o mesmo não se sente confortável em falar.

Benefícios:

Esta pesquisa pode não proporcionar benefícios diretos aos participantes da mesma. Todavia são

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037  
 Bairro: PRP/COEP CEP: 37.200-000  
 UF: MG Município: LAVRAS  
 Telefone: (35)3829-5182 E-mail: coep@nintec.ufia.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



Continuação do Parecer: 1.868.917

esperados benefícios no que se refere aos conhecimentos gerados. Dentre as possíveis contribuições deste estudo, pode-se citar as contribuições acadêmicas, em especial aos Estudos Organizacionais e contribuições à Sociedade: Contextualizar a pesquisa em voluntariado, propondo demarcações conceituais e abordagens que foram sustentadas na produção acadêmica sobre o tema; Resgatar as bases históricas de constituição da prática do voluntariado, como modo de organização social cotidiana, que se manifesta na vivência em sociedade; Contribuir com a Administração na compreensão de diversas práticas e modos ordinários de se organizar ou articular; Dar voz a práticas singulares da cultura brasileira que são negligenciadas, e, portanto esquecidas pela ciência; (Re) valorização do sujeito comum e de seus modos de organização e articulação. Ressalta-se que o voluntariado é uma temática frequente e muito significativa na experiência cotidiana brasileira, o que justifica a relevância deste trabalho.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

exequível e relevante para a área a que se destina

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

não há

**Recomendações:**

Alterar os critérios de inclusão e exclusão, uma vez que um não exclui o outro.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

não há. pesquisador atendeu todas as primeiras solicitações do comitê

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037  
 Bairro: PRP/COEP CEP: 37.200-000  
 UF: MG Município: LAVRAS  
 Telefone: (35)3829-5182 E-mail: coep@nintec.ufa.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



Continuação do Parecer: 1.868.917

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após o final do experimento o pesquisador deverá enviar relatório final, indicando ocorrências e efeitos adversos quando houver.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_813836.pdf	07/12/2016 09:26:29		Aceito
Outros	Carta_resposta_ao_parecer.docx	07/12/2016 09:24:58	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_existencia_de_infraestrutura_depois_do_parecer.pdf	07/12/2016 09:23:27	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Desvelando_o_Voluntariado_depois_do_parecer.docx	07/12/2016 09:19:33	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_depois_do_parecer_JUSSARA.doc	07/12/2016 09:11:42	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
Outros	comentarios_eticos.pdf	28/10/2016 10:52:13	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevista.pdf	28/10/2016 10:50:55	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	28/10/2016 10:45:17	JUSSARA JÉSSICA PEREIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Avaliação da CONEP:**

Não

LAVRAS, 15 de Dezembro de 2016

Assinado por:  
Giancarla Aparecida Botelho Santos  
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037  
 Bairro: PRP/COEP CEP: 37.200-000  
 UF: MG Município: LAVRAS  
 Telefone: (35)3829-5182 E-mail: coep@nintec.ufa.br

